

Todos cinemas de SP podem ser interditados (menos um)

CEMAP - HEMEROTECA
CLASS. _____

FUNDO GEMAP
FA _____

Só o Marabá tem condições totais de "segurança de uso", de acordo com a lei. Veja os 809 estabelecimentos e prédios que a Prefeitura pode interditar quando quiser, entre eles teatros (todos), restaurantes, hotéis, clubes, igrejas, postos de gasolina, bancos, condomínios, escolas, escritórios, hospitais e indústrias. P. 18

AQUI

Diretor Editorial: Samuel Wainer
3 a 9 de junho de 1976 Ano I nº 29 Cr\$ 5,00

SÃO PAULO

Eleições
76
1º CANDIDATO
A PREFEITO
EM SP — UMA
UNIVERSITÁRIA
DE 23 ANOS. Página 7

TESTE: ANDAR DE BICICLETA NA CIDADE P.22



RUTH ESCOBAR PICHA ATORES E AUTORES: ESTAMOS MORTOS

Página 24

DO YOU
SPEAK
ENGLISH?
Êstréia columnista inglês
na página 2

CEMAP_AQUI_SAO_PAULO_3_A_9_DE_JUNHO_DE_1976_N_29



AQUI

SAO PAULO

Alexander Lindsay

Lesson in Los Angeles

Alexander Lindsay é o pseudônimo de um jornalista britânico que vive em São Paulo há 30 anos. Como o AQUI é uma publicação inteiramente dedicada à cidade, e como uma enorme fatia da população é composta de estrangeiros, lançamos — à título experimental — esta coluna que tentará interpretar a visão que um estrangeiro tem de São Paulo. Ela sai em inglês porque Lindsay, apesar de falar o português, acha que ninguém consegue se expressar jornalisticamente a não ser na própria língua, e porque se dirige principalmente às colônias.

The lesson I refer to is not, as might perhaps be expected, a lesson in English, but rather a lesson in Football or "Soccer" or whatever you like to call it. Although the lesson was given in Los Angeles, it nevertheless virtually brought São Paulo to a standstill on Sunday May 23, thus giving my using it as is the subject of this introductory column in AQUI, written in English, my native tongue.

It is, of course, now past history that Brazil beat England 1-0 in Los Angeles on this occasion, following England's defeat 1-2 at the hands of my own country, Scotland, in Glasgow the previous Saturday — altogether a bad week for England and a good one for Brazil and Scotland. However, although the Brazilian and English national sides are both at present playing below their best form, Sunday's game was an object lesson for sports enthusiasts in Los Angeles, scene of the 1932 Olympics, showing the world's most popular sport played between two classical schools, representing skills and techniques that could hardly fail to attract the American sport fans, if given adequate exposure. It is, therefore, only natural to wonder why "Soccer" has up to now been the "Cinderella" of team sports in the U.S.

Modern Association Football — the word "Soccer" is simply a corruption of "Association" — undoubtedly derives from ball games long lost in the mists of history. For all practical purposes, however, we can afford to forget about Babylon, China, Japan, as well as Ancient Greece and Rome, taking up the story in the year 1175 A.D., when we know that large groups of players took part in pre-Lenten communal games in England known as "mellays" or "mélées", in which the participants kicked, punched, drove and carried the ball (an inflated animal bladder covered with cowhide) towards their opponent's goal. In some parts of Scotland, it was usual for women on special occasions to take part in games between "Married" and "Single", generally won by the former! Later, a somewhat similar game in Italy came to be known as "Calcio". However, these activities were merely the remote forerunners of the games we know today as American Football, Rugby Football and Association Football or Soccer.

It was during the 17th century, this violent communal sport the great English schools started to play, partly due to another the rowdy sports of the working classes, although these were regarded by the school authorities as boisterous, undignified and totally unsuitable for gentlemen! In the absence of a code of rules, all these school players agreed that the ball should never be carried or passed by hand in the direction of the opposing goal. And then, in 1823, came the bombshell, when William Webb Ellis violated this rule by carrying and running with the ball at Rugby School near Coventry, thus creating the first great schism in world football doctrine.

After vain attempts at reconciliation, the Football Association was formed in England in October, 1863, and Soccer was officially born, with its own code of rules. Rugby Football was to go its own way, spreading to the far corners of the Earth. The great American Universities of Harvard and Yale were to learn the game of Rugby from Canada's McGill University and in November, 1875, the first Rugby match (a hybrid affair) between Harvard and Yale was played at New Haven. In 1876, representatives of Princeton, Harvard, Yale and Columbia Universities organized the Intercollegiate Football Association adopting the code of the English Rugby Union in most respects. The game spread quickly to other colleges all over the U.S. and to the United States Navy and Military Academies at Annapolis and West Point. From then on, Rugby in the U.S. was to undergo a series of fundamental changes, which transformed it into today's American Football. Professionalism was introduced in 1895 and American Football started its penetration of the masses, just as occurred with Soccer in the British Isles, especially after professionalism was introduced there in 1885. With the stiff competition from Baseball as well as American Football, Soccer has found it hard to penetrate beyond the so-called ethnic groups. However, the recent match between Brazil and England may perhaps have converted some "non-ethnic" Americans to Soccer. Perhaps this is being too optimistic, but then again the lesson in Los Angeles may have paid off?

O LEITOR

Cartas para esta seção:
Rua Três Rios, 275, CEP 01123 — B. Retiro

Descobriu o Prefeito Setubal, e gostou

Sr:
O hábito por mim adquirido recentemente de ler semanalmente AQUI S. Paulo trouxe uma contribuição salutar à minha visão política e administrativa do Brasil de nossos dias. Sempre achei que o Prefeito Setubal representasse fielmente o que de medíocre se instalou nos últimos tempos nas esferas estadual e federal. Costumava mesmo dizer da infelicidade de nós, paulistas, por contarmos, em cada esfera de poder, com pelo menos um incompetente a chefiar cada posto executivo.

Mas o Prefeito, na entrevista que AQUI publicou em sua última edição, provou a mim mesmo que estava enganado. Sua visão realista dos problemas municipais e nacionais — além do enfoque histórico e social —

que pincelou brilhantemente as respostas dadas, fez-me crer que ao menos nosso Prefeito está capacitado para suas funções.

Não podemos dizer o mesmo dos demais mandatários que estão a reger melancolicamente nossos destinos sombrios. Mas o Prefeito mostrou estar à altura desta Cidade. E distante, surpreendentemente, da turminha incompetente e corrompida que pousou recentemente no cenário nacional, tão deslumbrada com suas funções e responsabilidades quanto uma criança tímida deixada no meio de uma ruidosa festa de aniversário, enchendo os bolsos, por malícia ou ingenuidade, das balas e confeitados oferecidos pelo anfitrião.

José R. T. de
Campos Carvalho
Capital

Sr:
Enquanto dois homens públicos se divertem através de cartas abertas, mostrando sua retórica, erudição e fino senso de humor, O 477 continua em pleno vigor. (não interessa se é pouquíssimo usado, sua simples existência em letra de lei é uma violência).

Estudei quatro anos na Universidade sob o 477 (e dois anos tendo como governador do meu Estado o sr. Sodré, que na época nunca disse nada contra o 477) e posso garantir que sua presença (a do 477) era palpável em todas as salas de aula.

Emmanuel R. Publio Dias
Capital

Tendo em vista apreciarmos muito sua coluna vg como destacado jornalista político vg a título adendo informações vg gostaríamos mencionar Escola Superior Guerra nada tem a ver com planejamento econômico Brasil conforme citado seus comentários estatização pt Nossas congratulações por colocar uma serie premissas sobre o problema em debate. Faria Lima, Deputado federal

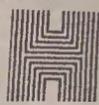
O Hotel Nacional Rio é igual aos melhores hotéis do Havai, Bahamas, Cote D'Azur e Acapulco.

A vantagem é que você paga menos (só 125,00 por dia).



Isto sem falar nas delícias do Rio de Janeiro, onde o sol é mais quente, o mar mais azul, as praias mais lindas, as mulheres mais belas... não mais verão.

Tudo isso com diárias de apenas 125,00 por pessoa, em apartamento para dois. E você pode curtir ainda sofisticados restaurantes, bares, cafeteria, a música alegre da Boite Balangandã, o balanço alucinante do Show Ritmos do Brasil e todo fascínio da Cidade Maravilhosa. Mas para gozar todas essas delícias, você precisa no mínimo de dois dias. Faça hoje mesmo sua reserva em qualquer hotel da rede Horsa ou no seu agente de viagem.



Hotel Nacional Rio

Av. Niemeyer, 769 - Praia da Gávea - Rio - Tel. 399-0100

Reservas

São Paulo - Central de Reservas: Tel. 287-5543

Rio de Janeiro: Tel. 257-1950

Curitiba: Tel. 23-4323

Belo Horizonte: Tel. 222-22111

Brasília: Tel. 25-1050

Belém: Tel. 22-3045

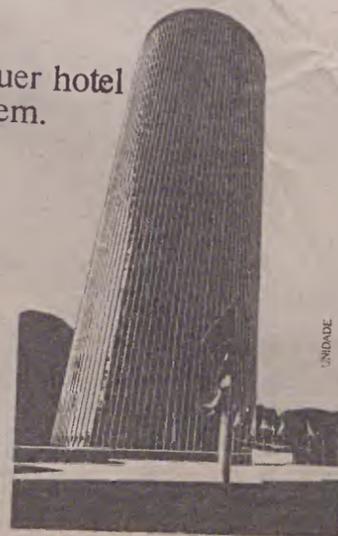
Hoteis Horsa

Av. Paulista, 2.073 - Terraço 2 - Tels.: 287-5376 e 287-5343 - SP.

São Paulo: Hotel Jaraguá e Excelsior • Curitiba: Caravelle Palace

Hotel • Brasília: Hotel Nacional • Belo Horizonte: Hotel Del

Rey e Excelsior • Rio: Hotel Nacional • Hotel Excelsior Copacabana • Belém - Hotel Excelsior Grão Pará.



Carlos de Morais morreu em serviço



Carlos de Moraes morreu dia 29 de maio passado, exatamente às 17:10 horas. Casado com Durvalina Maria da Silva Moraes, tinha 6 filhos e ia completar 47 anos dia 5 de agosto. Tinha uma grande folha de serviços: foi fotógrafo no Correio Brasiliense e na Folha de Goiás, representante técnico da Indústria Brasileira de Filmes, chefe da fotomecânica da Folha de Londrina. O ataque cardíaco matou-o em serviço, na Publicações e Assistência Técnica (onde é composto e impresso o AQUI) onde era novamente chefe da fotomecânica. Sua missa de sétimo-dia será celebrada nesta sexta-feira, às 8,00 horas, na Igreja do Calvário.

AQUI

228-6192



FUNDO
BRADESCO
157

Por estes dias você estará recebendo, junto com a Notificação do Imposto de Renda, o seu CCA - Certificado de Compra de Ações, aquele papel que todo mundo conhece por 157.

Este 157 é a parte do Imposto de Renda que o Governo está devolvendo a você.

Ele vale dinheiro e você não gasta nada para fazer a aplicação.

Basta ir a qualquer agência Bradesco e aplicá-lo no Fundo Bradesco 157.

SEJA SÓCIO DO BRASIL. APLIQUE NO FUNDO BRADESCO 157.

O dinheiro que você aplica no Fundo Bradesco é investido em ações e títulos das empresas que contribuem para o crescimento do comércio e indústria do Brasil.

Portanto, aplicando no Fundo Bradesco 157 você está participando do desenvolvimento do próprio Brasil. Isto é, você fica sócio do progresso do Brasil.

Aplicar no Fundo Bradesco 157 é rápido e fácil.

Seja sócio do Brasil.
É só falar com a moça.



BRADESCO

garantia de bons serviços

A CIDADE



Ricardo Kotscho

Caro Prefeito,



Olavo Setúbal

Agora que o congestionamento vem a domicílio, uma sugestão: que tal seus assessores ouvirem rádio?

Quem diria, hem, dr. Olavo?

Não é que conseguiram inventar mais uma sigla para o trânsito de São Paulo? Quem acredita que essa CET – Companhia de Engenharia de Tráfego – vá diminuir os congestionamentos, aumentar a velocidade do caótico trânsito paulista ou colocar mais guardas nas ruas?

Afinal, desde os DETs, DETRANS, DSVs, nada anda nesta cidade.

Nada, seria exagero. Pois não é que esse projeto andou tão rapidamente que os vereadores da Arena deixaram o plenário, para que a criação da CET fosse aprovada por decurso de prazo? uma manobra de fazer inveja a qualquer motorista acostumado a fugir dos buracos desta cidade...

Está certo, dr. Olavo: o sr. disse que gostaria muito que os vereadores tivessem discutido o assunto com muito mais entusiasmo. Mas o sr. não deve estar muita triste com o desfecho. Pelo menos, foi o que revelou logo depois da aprovação do 13º órgão da administração indireta da Prefeitura (as outras, lembra?, são: Emurb, Comgás, Prodam, Cohab, CMTC, Metrô, Parque Anhembi, Serviço Funerário, Hospital do Servidor Público Municipal, Montepio e DERMU).

O que mais assusta os moradores desta cidade, no entanto, são as funções desta nova empresa. Que vai somente estudar e planejar os projetos de tráfego. Quer dizer: continuamos com os planejamentos.

E os fazejamentos? Ficam para o futuro? Para quando?

E o DSV? Segundo as últimas informações dos chamados técnicos em engenharia de tráfego ele continuará disciplinando (?) e policiando (?) o trânsito.

E a Secretaria de Vias Públicas? Ficará subordinada à CET, dela receberá assessoramento ou a ela dará?

Então, se já tínhamos um órgão, ou melhor, dois, que faziam tudo isso, para que outro?

Será essa nova sigla a palavra mágica que evitará os 80 mil acidentes de trânsito e os 16 mil atropelamentos previstos para este ano? Vai diminuir o número de carros que diariamente são colocados em circulação? Vai mudar o centro de decisões da cidade? Surgirão novas avenidas? Ou nos contentaremos apenas com uma nova sigla?

Ao menos, já deram a primeira tarefa à CET: comandar os 600 faróis do centro de São Paulo, dentro do projeto SEMCO – pronto, mais uma sigla! – Semáforos Coordenados.

Sabe-se que a Prefeitura vai gastar 300 milhões de cruzeiros para controlar 1,2 milhão de veículos pelos 600 quilômetros de ruas do centro. É uma antiga idéia do diretor do DSV – e também da recém-nascida Companhia de Engenharia de Tráfego – Roberto Scaringella, que o havia planejado na sua anterior passagem pelo órgão ao longo de 84 dias, na administração Figueiredo Ferraz.

Ah... Ia me esquecendo. Esses faróis vão funcionar por computador. Alguém já imaginou um planejamento sem computador? Afinal, um interpreta a linguagem do outro. O diretor do DSV garante que com os computadores os faróis ficarão sempre abertos às maiores correntes de tráfego – o que daria uma economia de dois milhões de barris de petróleo, atualmente desperdiçados em congestionamentos.

Mas nem só de computadores vivem os nossos tecnocratas. Teremos 40 câmaras de televisão – a propósito: que fim levaram as que foram instaladas no famigerado Minhocão? com equipamentos zoom de aproximação. Do jeito que as coisas andam, acabarão mesmo contratando até um especialista em leitura labial, para interpretar as

queixas dos motoristas que as câmaras de televisão irão mostrar...

Realmente, é a era da tecnologia. Pena que tenhamos chegado ao futuro sem ter resolvido os problemas do presente. Hoje, por exemplo, nem consegui sair da garagem do meu prédio: o congestionamento agora é entregue a domicílio.

O único receio é que esse computador, alimentado pelos mesmos homens que até hoje não conseguiram resolver o problema do trânsito da cidade, acabe estourando em algum poste ou num engavetamento da 23 de Maio.

Está tudo aí, dr. Olavo: planejadores, técnicos com altos salários, semáforos cibernéticos, siglas em profusão, câmaras de televisão.

Agora, só falta colocar tudo isso aí para funcionar.

Quanto a isso tenho lá as minhas dúvidas. Afinal, sempre morei nesta cidade e toda vez que os tecnocratas inventaram uma sigla nova e meteram computador no meio, num cerimonial invariavelmente acompanhado de expressões, planos e conceitos que ninguém entende – aí está o segredo? – só uma mudança foi perceptível aos olhos dos simples mortais: os salários deles cresceram, se multiplicaram e engoliram o que restava de recursos públicos para resolver problemas terrenos.

Problemas terrenos que o sr. já está cansado de conhecer e enfrentar no prosaico caminho da rua Sergipe ao Ibirapuera. Se é que o prefeito de São Paulo já não resolveu aderir ao helicóptero...

II

Do leitor Fernando Pacheco Jordão:

"Estão fazendo mutirão de limpeza pela cidade. Quem pode o mais, pode o menos, dizem. Por que não limpam a única pracinha de que as crianças do Sumaré, ali perto do Canal 4, dispõem para brincar? Os moradores já reclamaram várias vezes na Regional da Lapa. Nada. Já reclamaram diretamente no Gabinete do Prefeito. Nada. Outro dia, de tanto mato que já existe na praça, tinha rato morto e um quilo de camarão podre. O mau cheiro espantava a um quarteirão de distância. É a única praça de toda a região. Aliás, praça com nome de rua. Rua Edgard Cavalheiro, travessa da rua Wanderley."

III

A propósito, de queixas simples como essa do leitor, que podem ser atendidas sem grandes investimentos ou auxílio de computadores, grupos de trabalho ou estudos filosóficos, volta-me à lembrança aquela fatídica constatação da semana passada: somos uma cidade de mudos e é imensurável a distância entre governantes e governados. O muro do silêncio só faz crescer.

Há uma honrosa exceção, no entanto, de que há muito tempo queria lhe falar: o programa "São Paulo, Agora", da Jovem Pan. Sei que o sr. não tem tempo para ficar ouvindo rádio, para saber o que o povo fala, do que se queixa, o que quer – e nesse programa, por incrível que possa parecer, o povo fala, se queixa e faz pedidos.

Acho que até valeria a pena designar um dos seus assessores para ouvir o programa do Marco Antonio Gomes (que não é meu amigo, que nem conheço) todos os dias. É uma boa maneira de saber o que a cidade está pensando, sofrendo, vivendo, sem gastar recursos públicos com pesquisas de opinião de resultados duvidosos.

Basta colocar um microfone à frente das bocas paulistanas – e o fantasma do silêncio desaparece. Falta apenas o outro lado: alguém que ouça o que se diz.

SUMÁRIO

Semana de 3 a 9 de junho de 1976
Ano I nº 29 - Cr\$ 5,00



8 mil jovens no Canindé, aplaudindo durante 12 horas os ídolos do rock brasileiro. Ou seria roque? Página 16.

AQUI

A srta. Marion, candidata a prefeito	7
Brasília: deprimente sessão no Senado	10
Missa para Meneghetti dá bode	10
Consumo: crimes contra a economia	11
Bastidores: centro político volta a SP	12
Contra a democracia, liberocracia	13
Economia: atacaram a inflação de lado	14
Cartola 12 horas incognito na cidade	15
809 prédios ameaçados de interdição	18
E se a bicicleta fosse obrigatória?	22
Ruth Escobar quer é agitar a gente	24
O Corinthians está chutando caveira?	27
Psicotransa: ande antenado	28
Cinema/Teatro/Tv	29
Livros/Artes/Música	30
O Chagal: Silvio Santos vinha aí	31

DIRETOR EDITORIAL – Samuel Wainer; EDITOR GERAL – Sergio de Souza; EDITOR ADJUNTO – Narciso Kalili; REDATOR – Mylton Severiano da Silva; REPÓRTERES – Hamilton Almeida Filho, José Trajano, Victor Cervi, João Otávio, Sergio Mello, Dacio Nitri; FOTÓGRAFOS – Amancio Chiodi, Joel Sian; ARTE – Sergio Fujiwara, Valdir de Oliveira, Vanira Codato; COLUNISTAS – Ricardo Kotscho, José Carlos Bittencourt, Klaus Kleber, Zuleika Seabra Ferrari, Lourenço Diáféria, Roberto Freire, Pietro Maria Bardi, Rubens Ewaldi, Hella Schwartzkopf, Pola Vartuck, Gilberto Mansur, Léo Gilson Ribeiro; COLABORADORES – Michel Laurence, Woile Guimarães, Antonio Carlos de Oliveira Coutinho, Mauro Chaves, Moacir Werneck de Castro, Luciano Ornellas, Ignácio de Loyola, Enio Pesce, Malu Maia, Isabel Regis, George Love, Francisco Lucrecio Jr., Sofia Wainer (Brasília); Diretor Comercial – Mario Heredia.

AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora Brasil – Mundo Ltda. Escritório Central, rua 7 de Abril, 264 – 8º andar, salas 817/B, fones 32-1438 e 34-0218, São Paulo, SP. Departamento Editorial, Rua Três Rios, 275 fone: 228.6192. Brasília – Superquadra Sul, 107, Bloco e, apto. 605 fone: 42.3337. Distribuição: Abril, Cultural e Industrial, Rua do Curtume, 554, fones: 262.7977 e 65.8416, São Paulo, SP. Composto e impresso na PAT – Publicações e Assistência Técnica Ltda., Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fone: 81.7481, S. Paulo, SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade de quem as assina.

ESCOLHA AQUI

DISCOS



Luiz Gonzaga, 64 anos, sempre na dele. Compre.

CAPIM NOVO — Luiz Gonzaga — (Rca Victor)
É de novo o "rei do baião", com doze novas composições, e a mesma energia, a mesma vitalidade. Tem música de Dominginhos e Anastácia (Sanfôna Sentida), Luiz Bandeira (Fulô da Maravilha) e de Humberto Teixeira (Saudade Dói), além de cinco deliciosos baiões de sua autoria. Luiz Gonzaga, com seus 64 anos, continua coerente com a linha que traçou lá pelos anos quarenta. Admira Gilberto Gil e Milton Nascimento mas grava até hoje com a mesma sanfona, violão, cavaquinho, baixo, triângulo, agogô, e zabumba.

canta tudo com sua voz de sufôco e, principalmente, com muita honestidade. **Alucinação** é um retrato exato de nossos dias, que Belchior, como bom poeta, tem o dom de fotografar.



O ÚLTIMO PAU DE ARARA — ou ainda **Maneira Fruru Manera** — Fagner — (Phillips) Tal o cearense Raimundo Fagner, a exemplo de Ednardo, lançado na praça com alguns anos de atraso. Tudo indica que ser baiano hoje está por fora. O negócio é ser cearense. O trabalho de Fagner é um dos melhores entre todos do Pessoal do Ceaça. Tem participação especial de Nara Leão e do percussionista Naná. Depois desse disco, Fagner gravou o que foi considerado "o melhor trabalho de 1975"; o álbum chamava-se "Ave Noturna".

SHOW

Melhor novidade da semana: Gismonti gratis

Egberto Gismonti vai se apresentar só duas vezes em São Paulo, nesta semana. A primeira, sexta-feira, meia-noite, no Teatro Municipal com preços que variam de Cr\$ 5 a Cr\$ 20. E para quem quiser viver uma boa manhã de domingo, no Parque do Morumbi, ao ar livre, gratuitamente, ele vai

fazer o mesmo show. As músicas são o resultado de sua passagem pelos Estados Unidos e estão no seu último lp.

Música Latino Americana — o grupo brasileiro **Tarancón** e o grupo chileno **Los Jaivas** abrem a mostra de filmes e música do nosso continente, no Teatro da Fundação Getúlio Vargas, quarta-feira, dia 9, 21 h.

Nelson Ayres e Quinteto tocam jazz-pop todas as segundas no Opus 2004 mas quem não for na segunda pode anotar os outros dias: terça, o conjunto do saxofonista **Hector Costita**; quarta, **Zimbo Trio**, com **Heraldo do Monte** na guitarra; quinta, **Traditional Jazz Band**; sexta, **São Paulo Dixieland Band** e, no sábado, **Brazilian Jazz Stompers** com a cantora **Rosa Maria**.

Tito Madi canta asmúsicas do seu último lp de quarta a sábado no **St. James Bar**, rua **Sergipe**. Bom programa para quem gosta ou está na fossa.

Retrato em Branco e Preto — **Márcia de Windsor**, ex-vedete, jurada do Programa **Silvio Santos**, está no show que o **Senhor Bar**, anexo à boite **Beco**, apresenta todas as madrugadas. Mas ela só canta uma música: o tango **Uno** e interpreta poesia de **Brecht**. Músicas de **Chico Buarque**, **Vinicius**, **Toquinho**, **Roberto** e **Erasmus Carlos** recheiam a sessão nostalgia, na voz de **Célia** e **Zé Luis**. Texto de **Manuel Carlos**.

Elis Regina só depois que comemorou 100 apresentações do seu **Falso Brilhante**, é que anunciou meia entrada para os estudantes na sexta-feira. O show merece ser visto **Cenários de Naum Alves de Souza** e direção de **Miriam Muniz**. No Teatro **Bandeirantes**, de quarta a domingo, 21h.

Johnny Alf um dos precursoros da bossa-nova, todas as noites até às 4 da madrugada no **Regine** (Rua **Santa Isabel**). Além de **Jonny** e seu trio, o **Quarteto Moenda** — um quarteto com **Cy nordestino** — **Pedro Miquel** e **Chico Matos Trio**.

Nana Caymiy está na boate **Thalassa** (rua **Jesuino Arruda**) com o **Trio Nagô**, na melhor fase da sua carreira.

Canta músicas de **Milton Nascimento** e de seu pai **Dorival** de quarta a domingo, a partir da meia-noite.

Julio Medaglia levou os melhores músicos de cordas da **Sinfônica do Municipal** para a boate **Igrejinha**. (Rua **Sto. Antonio**). E misturou-os com **Maisa**, **Quarteto Moenda**, **Celso Machado** e o saxofonista **Vitor Assis Brasil**, um dos nossos melhores músicos de Jazz. Resultado: um show irreverente ao som de **Paganini**, **Darius Milhaud**, dor de cotovelo e samba-jazz. As terças e quartas.

Orlando Silva, o cantor das multidões, fica de quinta a domingo na **Igrejinha**, lembrando velhos sucessos da década de 40. Quem tiver \$200 para gastar de consumação, vale a pena homenagear um dos nossos maiores intérpretes.

Palavrão tem texto mas não é teatro, tem música mas não é show. As palavras são da dupla **Antonio Abujamra** e **Rolando Boldrin**, que já fizeram muito sucesso com "Roda Cor de Roda" e o som é nordestino, da **Banda de Pau e Corda**. O cenário é do **Elifas Andreatto**. Teatro das Nações.

TEATRO

Mexicanos levando Garcia Lorca no MASP

BODAS DE SANGRE — o grupo mexicano **Teatro de las Américas Unidas** vai apresentar a peça de **Garcia Lorca** só duas vezes: terça e quarta, às 21h. Teatro do ASP.

MUMU OU A VACA METAFÍSICA — de **Marcelo de Moraes**, direção de **Silney Siqueira**, com o grupo de Teatro de Santo André. Foi premiada pelo Serviço Nacional de Teatro em 74. Análise de uma família pequeno-burguesa. No Teatro **Markantti**, Rua 14 de Julho, 114, na Bela Vista.

HEIN::: OU AS AVENTURAS DO SR. BALÃO — o francês **Yves Lebreton** fez

muito sucesso no Festival Internacional com o seu **Theatre de L'Arbre**. Ele mostra que o corpo do ator é o centro dinâmico e que ao seu redor estão os outros elementos: voz, vestuário, objetos, iluminação e cenografia. O único personagem é um mimico, caracterizado de vagabundo louco, capa de fazer inveja a **Marcel Marceau**. No **TUCA**, Rua **Monte Alegre** - **Perdizes**.

PANO DE BOCA — Está sendo considerada a peça mais importante em cartaz. Mostra a história do teatro nacional nas últimas décadas, numa mistura impressionante de relatos de medo, coragem, amor e busca de identidade. Texto e direção de **Fauzi Arap**, ótimo cenário de **Flávio Imperio**. No Teatro 13 de Maio.

PARTILHA — **Walmor chagas** interpretando poemas de **Drummond**, **Neruda**, **Manoel**, **Bandeira**, **Mario Quintana**, **Louis**

Aragon, **Guillaume Apollinaire**, **Fernando Pessoa**, **Mário de Sá Carneiro** e **Antero de Quental**. O texto que alinhava o espetáculo é de **Paulo Hecker Filho**. Sábado às 21h; domingo às 18h e 21h. Teatro Municipal.

SAI DE MIM TINHOSO — a peça montada por **Luiz Antonio Martins Correa** tem também outro nome: **As Foliás do Jovem Brecht**. São os primeiros textos, cheios de humor, que **Bertold Brecht** escreveu. Está em curta temporada no Teatro Oficina, lembrando momentos de experiências inovadoras.

À MARGEM DA VIDA — a peça de **Tennessee Williams** dirigida por **Flavio Rangel**. O drama de uma família classe média do interior dos EUA. Bom elenco: **Beatriz Segall**, **Ariclé Perez**, **Edwin Luise** e **Fernando de Almeida**. No **Studio São Pedro**.

Secretaria Municipal de Cultura
Departamento de Teatros

apresenta no
MASP
em junho

Dia 4 — **MIGUEL PROENÇA**, pianista
Dia 5 — **ERNESTO BITTETI**, violonista
DIA 8 — **CORPO DE BAILE MUNICIPAL**, 3 coreografias
Dia 9 — **CORPO DE BAILE MUNICIPAL**, 3 coreografias
dia 10 — **CORPO DE BAILE MUNICIPAL**, 3 coreografias
Dia 25 — **GRUPO DE ACCION INSTRUMENTAL DE BUENOS AIRES**
dia 26 — **GRUPO DE ACCION INSTRUMENTAL DE BUENOS AIRES**
21 horas
Ingressos: Cr\$ 20,00 e Cr\$ 10,00 (estudantes)
MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP) — Av. Paulista, 1.578

Na Fotoptica, chiado só amanhã.

SOM & FOTOPTICA

Nos endereços abaixo, você pode comprar seu som de olhos e ouvidos fechados. Porque a Fotoptica nunca vai lhe empurrar um equipamento de segunda classe. Experimente.

Cons. **Crispíniano** e mais 5 lojas no centro Shopping Centers **Iguatemi**, **Center 3**, **Lapa**, **Continental** e **Ibirapuera** (breve) **Lorena** e **Av. Santa Catarina**.

ESCOLHA AQUI

TELEVISÃO

Filmes

VEJA

Uma história de Mailer e Melina Mercouri

A MORTE TEM SEU PREÇO (The Naked and the Dead) A visão pessoal de Norman Mailer da guerra do Pacífico transformada num discutido e pouco conhecido filme de guerra. O autor não gosta da adaptação, que suavizou muita coisa, mas mesmo assim conservou um pouco do espírito anti-blico do original. Com Cliff Robertson, Aldo Ray, Barbara Nichols. Direção de Raoul Walsh. Anunciado na semana passada, foi transferido para não conflitar com outro filme de guerra no sábado a Globo. Só que agora aconteceu a mesma coisa, o filme seguinte é "Até o Último Homem" também de guerra. Estréia. (COR) Sábado, às 23h no 5.

BOATOS (Rumours) — Um dos mais estranhos e fascinantes filmes para a tevê. A distribuidora tentou disfarçar o tom político da história, um colonista que é perseguido ao investigar a morte de uma call-girl relacionada com um ministro britânico, dublando-o de maneira que tudo parecesse uma mera briga entre gangues. Isso tornou o filme confuso e só compreensível a quem conseguir lê-lo nas entrelinhas. Mesmo assim o trabalho do diretor Mike Hodges revela enorme talento. (COR) No sábado, à 23h no 13.

UMA CERTA CASA EM CHICAGO (Gaily, Gaily) Alegre e luxuosa reconstrução da vida de Chicago em 1910, nas aventuras de jovem Ben Hecht, e suas tentativas de ser jornalista. Direção de Norman Jewison com Beau Bridges, Melina Mercouri, Brian Keith, Margot Kidder (COR) Na terça, 23h no 13.

JUAREZ (Juarez) — Super-produção de William Dieterle (1939) trazendo Paul Muni como o revolucionário mexicano Juarez em conflito com o

casal imperial Maximiliano (Brian Aherne e Bette Davis). Mas há também Claude Rains como Napoleão III, John Garfield como um rebelde mexicano, Gale Sondergaard, Donald Crisp, Gilbert Roland. Na quarta, 23h no 13.

VEJA SE QUISER

Duas fitas de elefante: dose pra ele

AMAR FOI MINHA RUINA: (Leave her to Heaven) Se voce tem saúde do tempo em que as estrelas eram bonitas, as histórias românticas e os crimes expiados com a morte, não deve deixar de rever este famoso melodrama de John Stahl. Gene Tierney é a mulher que todos vão gostar de odiar, a vilã romântica que faz tudo para manter o amor de Cornel Wilde. Ainda por cima, ela está um deslumbramento de classe e beleza. (COR) Na quinta, às 24h no 4.

O DIA EM QUE A TERRA PAROU (The Day the Earth Stood Still) — Um visitante extraterrestre faz a Terra parar para prevenir os homens dos perigos da corrida atômica. Como se vê, não deu certo, apesar da boa qualidade dessa ficção-científica de Robert Wise com Michael Rennie como o visitante e Patricia Neal como a única que acredita nele. Na sexta, às 14h no 5.

CAMINHANDO SOB A CHUVA DA PRIMAVERA — (A Walk in the Spring Rain) — A menopausa não é obstáculo para o verdadeiro amor. Essa é mensagem de drama romântico para senhoras de meia-idade que vão se identificar com Ingrid Bergman e seu amor impossível com Antony Quinn. Belas paisagens e direção discreta ajudam a nos convencer do implausível. (COR) Na sexta, às 24h no 5.

RAIZES DO CÉU (Roots of Heaven) — Darryl F. Zanunck estava tão apaixonado pela cantora francesa Juliette Greco — ex-musa do existencialismo, que financiou-lhe uma operação no nariz e este filme de John Huston sobre um grupo de aventureiros que vão tentar salvar elefantes ameaçados de extinção. Tudo baseado num livro de Romain Gary, com Trevor

Howard, Eddie Alert e o decadente Errol Flynn, de galãs (COR) Na sexta, às 24h no 4.



Grande Otelo com Golias

OS COSMONAUTAS — Chanchada carioca do tempo em que se tentava lançar Ronald Golias no cinema, em dupla com Grande Otelo. Desta se tem poucas e más referências. Direção de Victor Lima. Com Neyde Aparecida, Atila Iório. Estréia. No sábado, às 14h no 5.



John Wayne, até encher

CHISUM (Chisum) — Pelo jeito a Globo vai fazer com John Wayne o mesmo que fizeram com "O Planeta dos Macacos" ano passado: exibir todos seus filmes até ninguém mais conseguir falar neles. As fitas de Wayne nos últimos anos são todas parecidas e mediocres. Esta é de 1970 e traz Wayne como um "barão" de gado que luta contra um negociante corrupto (Forest Tucker). Há boas cenas de ação, boa fotografia e até Wayne está razoavelmente convincente. Estréia. No sábado, às 21h20 no 5 (COR)

ATÉ O ÚLTIMO HOMEM (Halls of Montezuma) — Drama de guerra mostrando os combates dos fuzileiros navais numa praia do Pacífico. Uma História semelhante à "A Morte tem seu Preço", só que mais convencional, mesmo quando o diretor é o mesmo Lewis Milestone que fez "Sem Novidade no Front". Com Richard Widmark, Jack Palance, Roberto Wagner.

No sábado, à 1 da manhã no 5.

O RAPTO DE SANTA ANNE (The Abudction of Saint Anne) Um detetive do interior investiga a possível santidade de uma jovem de 17 anos. Direção de Harry Falk. Com Robert Wagner, E.G. Marshall, Lloyd Nolan. Drama feito para a teve (COR). No domingo às 22h no 5.

UMA VIDA MARCADA (Cry of the City) Um daqueles melodramas policiais típicos da década de 40. Um assassino em fuga reencontra um amigo de infância que agora é policial. Refilmagem do "Manhattan Melodrama", o filme que Dillinger viu antes de ser assassinado na porta do cinema. Com Victor Mature, Richard Conte, Sheley Winters, Debra Paget. Direção de Robert Siodmak. No domingo às 24h no 5.

NO CAMINHO DOS ELEFANTES (Elephant Walk) — Pobre Elizabeth Taylor! Aqui está ela morando no Ceilão, entre o marido (Peter Finch) e o possível amante (Dana Andrews) e uma casa ameaçada por elfantes. Chamada às pressas para substituir Vivien Leigh que ficou doente, ela se saiu razoavelmente bem. Direção de Willian Dieterle. (COR) No domingo, às 24h no 2.

UM ANO DIFICIL (Senior Year) Nostalgia e romantismo na linha de American Graffiti mostrando os problemas de um grupo de adolescentes no ultimo ano da High School. Piloto da série "Sons and Daughters". Direção de Richard Donner. Com Gary Frank. Glynnis O'Connor. Estréia (COR) Na quarta, às 21h no 13. (COR)

Seleção brasileira e Santos, direto

BRASIL X MÉXICO — todos os canais vão transmitir direto de Guadalajara, sexta-feira a partir das 22h55m.

SANTOS X PONTE PRETA — amistoso que a Bandeirantes vai transmitir domingo às 21h.

CINEMA



Norma Benguel, Paranóia

VEJA

Paranóia paulista estréia com Norma Benguel

PARANÓIA — Um policial dirigido por Antonio Calmon, mesmo diretor de "Capitão Bandeira versus Moura Brasil". De novo a cidade de São Paulo, num clima de muita loucura e violência. No elenco, Norma Bengel, Nuno Leal Maia e Paulo Villaça. Estréia sábado, no Marachá.

UM ESTRANHO NO NINHO — O primeiro filme a ganhar todos os Oscars mais importantes — filme, atriz, ator e roteiro. O diretor, Milos Forman, tcheco exilado nos Estados Unidos, dirige com extraordinária habilidade os atores co-adjuvantes. O filme é uma denúncia à opressão da psiquiatria moderna.

O REI DA NOITE — Do argentino Hector Babenco, produção paulista de extremo cuidado da reconstituição da São Paulo nas últimas 5 décadas. Paulo José envelhece dos 18 aos 50 anos. Marília Pera não atrapalha. No Olido, Cinema I, Paulista e Iguatemi.

LIÇÃO DE AMOR — a estréia de Eduardo Escorel no longa-metragem. Romance de Mário de Andrade que critica a burguesia brasileira dos anos 20. Irene Ravache, a atriz mais premiada do ano, e Lillian Lemertz garantem tudo. No Belas Artes e Belas Artes Portinari.



Alain Delon

Especial

O ex-badalado Godrd em exclusivo fim de semana

No TUCA, quinta-feira, O SISTEMA, dirigido por Alan Alda, baseado em romance de Truman Capote, sobre o funcionamento das penitenciárias americanas; segunda, SERPICO, filme feito em 74, dirigido por Sidney Lumet, onde Al Pacino interpreta um tira norte-americano que não quer se corromper; terça-feira,

MAMA ROMA, segundo filme de Pasolini, feito em homenagem à atriz Ana Magnani, que segundo o diretor encarnava o espírito da sua cidade. Todos os filmes são às 21h.

O Assassinato de Trotski só a meia-noite de sexta-feira do Cinema I. Com Alain Delon, Richard Burton, Rommy Schenneider. História romanceada da morte de Trotski exilado no México.

O Museu Lasar Segall está com uma mostra de cinema godard. DUAS OU TRÊS COISAS QUE EU SEI DELA, sexta às 20 e 22h. WEEKEND À FRANCESA, no sábado, 20h e 22h.

Eleições

76

A srta. Magali quer ser o exmo. prefeito

Vereadora aos 18 anos, candidata a prefeitura aos 23. A estudante de Psicologia Magali Oliveira, solteira, "sem namorado", candidata-se a administrar um município que nos últimos anos cresceu 700% em população e outro tanto em problemas: Diadema, no ABCD. Ela mesma reconhece que não vai ser fácil: "Diadema é o lugar mais desumano que existe para se viver."

Reportagem de Marco Antonio Montandon

— "Oi, coisinha fofa ... gracinha ..."

Marion Magali Alves de Oliveira, 23 anos, alisou os cabelos crespos da mulatinha de seus 10 anos, que se encolhia de frio na Câmara dos Vereadores de Diadema, e, até chegar à mesa da presidência, cumprimentou — sorrindo muito e fazendo questão de apertar a mão — outras 11 pessoas, operários, em sua maioria, enquanto não deixava de também acenar para conhecidos e amigos.

Era a noite de terça-feira e o MDB promovia a segunda parte de sua convenção, com vistas às eleições de novembro, para aprovar a lista dos 45 candidatos a vereador. Uma convenção iniciada no domingo — com a presença do senador Franco Montoro — quando o partido da oposição indicou os seus três candidatos à Prefeitura de Diadema que, surpreendentemente, é um dos raros municípios industriais brasileiros onde o número de mulheres supera o de homens. Um dos três nomes indicados — o de Marion Magali Alves de Oliveira, nas eleições de 1972 já eleita a mais jovem vereadora do Brasil e, este ano, a primeira mulher a ser escolhida para disputar um cargo de prefeito.

Durante a convenção, Magali Oliveira — esse o nome que vai usar na campanha — portou-se, como se diria, à altura de seus pares (Lauro Michels, ex-Arena e agora candidato pela sublegenda MDB-1; e Rocha Miranda, pelo MDB-2); confabulou em voz baixa, saiu da sala várias vezes para participar de reuniões a portas fechadas, viu, finalmente, ser aprovada a lista de 12 nomes, candidatos a vereador, para acompanhá-la na sublegenda MDB-3. Apenas um momento deixou a mesa da presidência para procurar uma amiga, a quem, também em voz baixa, ansiosamente perguntou: "E o Salviano, casou-se com a Lucinha? E o Carlão, já devolveu o dinheiro?"

1

Menina moça

— "Diadema, no meu entender, é uma menina-moça que está crescendo muito e se valorizando cada vez mais: precisa, então, de uma pessoa que se dedique a ela de corpo e alma, com amor e compreensão, pois está também carente de carinho, isto é, recursos. Falei, Okazaki?"

"Falou" — responde Eiziro Okazaki, candidato a vice-prefeito na chapa de Magali e que é assim uma espécie de tutor e orientador político. É ele mesmo, ainda, quem define a sua companheira, que tem absoluta certeza de que vai ser eleita: "Alma pura e ingênua, em termos de política ... mas uma jovem que assumiu um compromisso e a que melhor representa uma juventude que vem despontando em Diadema, para quebrar velhas oligarquias."

E que velhas oligarquias o MDB deseja quebrar em Diadema, jogando grande parte de sua esperança em uma jovem de 23 anos, quartanista de Psicologia Clínica no Instituto Metodista de Ensino Superior de Rudge Ramos?

Em 1960, o lugar se chamava Vila Conceição, pertencia a São Bernardo, não possuía mais que cinco indústrias e era assim como uma espécie de diadema de tranqüilas e verdejantes chácaras, onde os de São Paulo iam passar o fim-de-semana. Entre eles, um professor, Miguel Reale, que mais tarde viria a se tornar reitor da Universidade de São Paulo. O mesmo professor que, quando Vila Conceição se desmembrou de São Bernardo, foi chamado para escolher o novo nome do município. Consta que, olhando do alto de um morro as chácaras e sítios que se alongavam ao redor da pequena vila, não pensou muito: "Diadema".

Entusiasmados, os 200 e poucos habitantes que haviam votado no plebiscito pela separação (em 25 de dezembro de 1958) correram ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo para mandar fazer um brasão, com os símbolos tradicionais: o terreão, para indicar o status de cidade; o leão, símbolo, por sua vez, da casa de João Ramalho; e — não poderia faltar — a inevitável legenda: "Floreat Diadema" (que Diadema floresça).

E, realmente, floresceu: em apenas 15 anos, menina-moça, passou de 200 a 150 mil habitantes; de 5 indústrias a aproximadamente 500; de 24 para 32

km²; do subdistrito que, em 1954, recebeu de São Bernardo 27 cruzeiros de dotação, para o município que apresenta, hoje, a 13ª arrecadação em todo o Estado de São Paulo; da vila que fabricava tijolos, para uma variedade de produção que vai desde a fabricação de acessórios para a indústria automobilística, até maquinaria de alta precisão; de 26 mil eleitores, em 1972, para 50 mil, em 76. O município, enfim, que nos últimos anos registrou uma explosão demográfica da ordem de 700%.

2

Lugar desumano

Politicamente, entretanto, jamais se definiu: em sua primeira legislatura, de 1960 a 1963, levou para a Prefeitura o PTN; na segunda, de 1964 a 1968, o PTB; de 1969 e 1972, a Arena; e, na quarta legislatura de sua curta história política, em 1972, o MDB.

Mas, no poder, na acanhada prefeiturada Avenida Antonio Piranga, o MDB durou pouco. Ricardo Putz, o prefeito eleito, tão logo empossado passaria de malas e bagagens para a Arena, sob a argumentação de que, do lado do partido governamental, teria melhores condições de atuar junto ao governo de conseguir algo para a cidade. Se conseguiu — são os comentários de seus habitantes — Diadema está ainda esperando para ver.

Magali: "Diadema é o lugar mais desumano que existe para se viver. Judia-se muito de seu povo."

— "E a atual administração, Marion?"

— "Sem comentários de nossa parte (dela e de Eiziro Okazaki, permanentemente a seu lado)."

Apesar de seus 23 anos, Magali parece já ter aprendido que, em política, a reta não é o caminho mais curto entre dois pontos. Como vereadora — a segunda mais votada dos 13 que compõem a Câmara de Diadema, com 804 votos — diz ter tomado um "conhecimento profundo da vida política e do funcionamento de uma Câmara Municipal". Sim, apresentou inúmeros projetos mas, nervosa ("gente, eu ainda não parei para pensar desde domingo, quando fui indicada"), lembra-se de um: o que propunha a criação de uma escola para deficientes mentais na cidade, "sabe, assunto de minha especialidade, pois vou-me formar em Psicologia Clínica o ano que vem"

— "E esse perfume que você está usando, Magali, gostoso ... que marca é?"

Sorri. Como sorri a Magali .. mas não diz a marca. Por enquanto — diz — não falará nada, nem mesmo o nome de um perfume, sem pensar muito primeiro, ouvir a equipe que a está assessorando. "Sabe, a gente pode desagradar a alguém..."

Não não nasceu em Minas Gerais. Mas em Itatiba, onde o pai, Adolpho ("com ph") Alves de Oliveira, hoje tenente da PM, servia. A mãe chama-se Ardelia Maria e Mariom Magali tem mais dois irmãos: Marlon Maureen (21 anos) e Maugerio Marcie (20).

— "Marion Magali, Marlon Maureen, Maugerio Marcie ... M. e M. Alguma promessa, mania?"

— "Acho que mania".

Namorado? Nunca pensou nisso. Pensei que iria ouvir "meu namorado é a política" mas Marion não chegou a tanto. Simplesmente não tem, nunca teve, ainda tem muita mocidade pela frente. Bonita, a candidata a prefeitura de Diadema? Sim, se poderia dizer que sim. Um pouco gordinha — ela mesma reconhece — pois, em seus momentos de folga, só diz ter um lazer: ler Freud, Rogers, Tio Patinhas e revistas de arte culinária. Tem um orgulho: não ter "O Pequeno Príncipe" como livro de cabeceira ...

— "Magali, e a relação, profissional, homem-mulher?"

Ah, nisso, gosta de falar, em tem posição formada:

— "Nosso papel não é mutilar a ação dos homens e sim exigir partilha em seus direitos. Entendo que não deve haver antagonismo entre o homem e a mulher. O que pode ocorrer, muito naturalmente, são divergências, de maior ou menor gravidade. A troca de idéias é que é importante..."

Um rapaz, que esculta Magali discorrer, não se contém:

— "Se coração vencer eleição em Diadema, ela já está eleita..."

Mas como política é uma coisa mais complexa, também comenta-se em Diadema que a juventude, o sorriso e a simpatia de Marion Magali são a opção com que um grupo, forte, de empresários, comerciantes e capitães-de-indústria do município estão contando para que sejam finalmente atendidas as suas reivindicações, nunca atendidas.

A situação é assim explicada por um velho político da cidade: quando da emancipação do município, logo se formaram duas correntes políticas que passaram a se engalfinhar em uma "luta brava e violenta". Uma, liderada por Evandro Caiaffa Esquivel, da Arena, e a outra por Lauro Michels, que também era da Arena mas que se transferiu este ano para o MDB, do qual é o candidato à prefeitura pela sublegenda 1.

Ao mesmo tempo, novo polo industrial em formação, Diadema viu chegar aos primeiros empresários e industriais, que desde então começaram a pedir dos governantes melhores condições de trabalho, a fim de desenvolver suas empresas.

3

Enchentes famosas

O mesmo político: "Veja, eles não pediam isenção de impostos, mas coisas tão simples como abertura de estradas no município, obras de saneamento (as enchentes de Diadema são famosas) e melhores condições de trânsito, pavimentação de ruas e acessos, rede de luz. Mas, e a política? Você conhece bem Diadema? Já não falo de saneamento e serviços de infra-estrutura básica ... O homem daqui é bom, simples, mas você também sabia que Diadema não tem sequer um cinema?"

Então, o que pretendiam esses empresários, comerciantes e capitães-de-indústria, cansados de assistir, impotentes, a uma rivalidade política de 15 anos: que uma jovem diante de uma situação de quase calamidade, com sua juventude, viesse a eliminar uma burocracia (a velha oligarquia), em proveito de um sistema de trabalho essencialmente empresarial.

Mas Marion Magali parece saber, desconfiar de tudo isto? O seu comportamento parece dizer que não. Ainda empolgada com os efeitos — próximos — de sua indicação, a primeira mulher efetivamente candidata em todo o Brasil, Marion pede desculpas e lamenta, lamenta mesmo, não ter tido tempo ainda de pensar em sua plataforma, no programa que pretende desenvolver, caso seja eleita.

Muito por alto, cita o trivial variado: saneamento básico, redes de água, luz e esgotos, mais escolas para o município, principalmente de especialização ("uma industrial, por exemplo"), pavimentação de ruas e avenidas, transporte coletivo, cuidar das enchentes ("que até agora foram as nossas maiores manchetes"), etc.

— "Ai, meu Deus, mas é muito cansativa a vida política ... é uma reunião atrás da outra, não tenho tempo para mais nada ... mil reuniões por semana .. E o meu Pecado Capital, onde fica? Mas cadê tempo, também ... Cinema? Nem sei mais o que é isto ... o dia inteiro é gente lá em casa e você não pode deixar de atender, não é mesmo? E os estudos?"

— "E os políticos, Marion?"

— "Os velhos? Sempre achei que sempre houve muito mais culto à personalidade ... a melhor forma ainda de se fazer política, ou aquela que prevalece no momento, é a simplicidade. Na simplicidade estão as grandes soluções ... Até agora houve muito barulho e pouco resultado. Mas vai mudar..."

— "Vai?"

— "Vai. Nos próximos quatro anos vou esquecer que existe vida particular e dedicar-me inteira à vida pública ... trabalhar, trabalhar ..."

Um candidato a vereador, pelo MDB-3, a sublegenda de Marion: "Isto mesmo, Magali, você será eleita..."

Ouvem-se três pancadinhas na madeira da mesa e um murmurado, porém audível, "Deus te ouça".



Rápido. Pense em alguém que trabalha na velocidade de São Paulo.

Você deve conhecer a instituição financeira que se estruturou em função desta população dinâmica e apressada: a nossa Caixa.

Mas como velocidade só se mede por números, aqui vão alguns que o ajudam a saber com exatidão as máximas do velocímetro: em 1975, a nossa Caixa atingiu 10 bilhões de cruzeiros em depósitos, 390.000 novas contas, financiou 11.944 casas próprias, deu 3,2% de rendimentos ao mês (juros+correção monetária+desconto de imposto de renda) a 911.000 cadernetas de poupança (ela detém 10% da totalidade das cadernetas de poupança de todo o país), emprestou, em seis meses, 310 milhões de cruzeiros através do Crédito Pessoal, criou o financiamento de Bolsa de Estudos que vai beneficiar milhares de estudantes. Com tudo isso, hoje ela é a quarta instituição financeira do Brasil, operando só no Estado de São Paulo.

Na hora de fazer qualquer negócio, pense rápido nesse alguém que tem condições de atender a tanta gente, com tanta satisfação.

Mesmo se o que você precisa é ser atendido como se fosse seu único cliente.



Caixa Econômica do Estado de São Paulo.
-na velocidade de São Paulo.



São Paulo - ponte do progresso nacional

AQUI BRASÍLIA

Cláudio Lysias

"O prefeito de Jundiá,
rindo o tempo todo, divertia-se à larga"

Pobre Senado! Não precisava dar espetáculo tão deprimente

A política nacional como um imenso espetáculo de vanguarda, oferece as mais variadas surpresas. Numa semana em que se esperava que toda a classe política estivesse discutindo a "Lei Falcão" ou estudando saídas para evitar o impasse com data marcada para 1978 (assunto que preocupa líderes de ambos os partidos), o Senado é apanhado em flagrante, com uma presença recorde de 54 senadores, discutindo um pedido de empréstimo da Prefeitura de Jundiá (SP), no valor de 228 milhões de cruzeiros. Como isso veio a se tornar assunto prioritário, numa tarde de quinta-feira, que é talvez o dia mais importante no Congresso, ninguém sabe. Reflexo das próximas eleições municipais? É possível. O curioso é que o assunto provocou um dos mais acalorados debates dos últimos tempos. Uma verdadeira batalha entre Arena e MDB. Quem deve ter ficado triste ao verificar o nível das discussões: o Senador Daniel Krieger, que voltava ao Congresso já recuperado de um distúrbio circulatório.

O debate foi curioso. Não faltou o próprio prefeito de Jundiá, que, rindo o tempo todo, parecia divertir-se à larga com o que estava vendo. Jundiá arrecada, anualmente, cerca de 100 milhões de cruzeiros. No ano passado, o município conseguiu um empréstimo de 181 milhões, ainda não pagos. Um novo empréstimo, somado a diversas outras dívidas, levaria Jundiá a dever 410 milhões, ou seja, quase quatro vezes o que arrecada anualmente. Um consultor econômico, de qualquer cidade do Interior, acharia este novo empréstimo, no mínimo, uma temeridade. Mas o Senado aprovou. Seria um dado novo na batalha eleitoral deste ano, fantástica batalha que leva o Senado a se transformar em Câmara dos Vereadores. Mas, pensando bem, talvez se trate de uma manobra secreta da Arena para entregar Jundiá ao MDB, pois o próximo prefeito do município terá que ser muito imaginoso para pagar as atuais dívidas.

O debate refletiu bem o nível em que se encontra a política nacional. O que Jundiá vai fazer com o novo empréstimo? Construir um metro? Novos viadutos? Isso era o menos importante. Os parlamentares contentavam-se em fechar posições. A Arena era a favor do empréstimo o MDB contra. Os senadores do MDB também estavam perplexos com a principal discussão da ordem do dia de quinta-feira. O pedido de empréstimo não tinha sequer o parecer do Banco Central e do Conselho Monetário Nacional. E a discussão, apresada, acabou se tornando um espetáculo tragicômico. A liderança arenista exigiu fidelidade partidária a seus parlamentares. O MDB retirou-se do plenário. com o Senador Roberto Saturnino, que conhece bem os problemas da economia, afirmando que "o Senado, ao aprovar o pedido de empréstimo, incorrerá numa irresponsabilidade, será um absurdo, uma violência".

A omissão geral quanto aos problemas nacionais, mais uma vez evidenciada, não se restringiu apenas às questões já levadas à classe política, como a "Lei Falcão" ou os problemas institucionais. Na quarta-feira, na Câmara dos Deputados, um grupo de políticos discutia a revitalização do Esquadrão da Morte carioca, que nos últimos dias executou mais de 20 pessoas e já possui até cemitério próprio, amplamente documentado pelos jornais. Mas o tema não chegou ao plenário e muito menos aos jornais. Da mesma forma, a Universidade de Brasília vive talvez a sua pior crise, com o novo Reitor já prometendo uma "nova ordem" interna, que significará o aumento da repressão aos estudantes. A universidade é, agora, um local onde todos manifestam suas opiniões em voz baixa. O nível do ensino está, também, baixíssimo. Mas estes assuntos não são discutidos. Na verdade, o debate político nacional está em nível zero. Qualquer incursão descompromissada a um restaurante ou reunião social prova isso. Mas que a desinformação geral chegasse ao Senado em forma de empréstimo a uma cidade do Interior, ninguém aguardava para tão cedo.

O destino político nacional está sendo decidido fora do Congresso. A reformulação partidária já é considerada coisa certa pela liderança de ambos os partidos. Seria criado um partido de centro, embora não se saiba exatamente o que seja isso. Haveria um partido mais à esquerda. Outro, mais à direita. Ou seja, tudo continuaria da mesma maneira, mas o importante (e até o MDB acha isso) é que o Governo tenha maioria em 78. Espera-se, com ansiedade, que a reformulação não siga o estranho plano do deputado Jonas Carlos, confidenciado ao líder de seu partido, José Bonifácio. Disse ele: "Zezinho, só há uma forma de acabarmos com os comunistas no Brasil: vamos botar o partido deles na legalidade; eles vêm, se inscrevem todos, a gente fica sabendo quem são os malandros, e pau neles!".

A confidência foi feita em alguma boate da moda em Brasília? Nada disso. Em pleno Congresso Nacional, para quem quisesse ouvir.

CONVITE DE MISSA DE 7º. DIA



A Colônia Italiana radicada em Sertãozinho convida ao povo em geral para a Missa de 70. dia que será celebrada sexta-feira, dia 28, às 19 horas, na Igreja Matriz local, em sufrágio da alma do sr.

GINO AMLETO MENEGHETTI

falecido na Capital Paulista, aos 98 anos de idade. Por essa demonstração de solidariedade cristã antecipa os agradecimentos

Fotos de Rubens Meneses

"O bandido mais querido do Brasil" se houvesse o título, sem dúvida pertenceria a Gino Amleto Meneghetti, falecido recentemente em São Paulo. Prova disso foi o que aconteceu sexta-feira passada numa cidade que fica a 310 quilômetros da Capital: um comerciante, conceituado, mandou rezar uma missa, "em nome da colônia italiana", pelo lendário ladrão. Só que deu bode.

Réquiem para Meneghetti deu barulho

— "Não existe bom ladrão. Deviam ter feito alguma coisa por ele quando vivo" (o delegado de polícia).

— "Essa missa não pode ser comparada a uma apologia do crime" (a promotora pública)

— "Essa idéia não partiu da colônia italiana, porque eu pertenço a ela. Foi algum burro que teve essa infeliz idéia. Isso é gozação. Temos coisas mais bonitas para lembrar que somos descendentes de italianos" (o presidente da Câmara de Vereadores)

— "Morreram tantos suicidas, gente de reputação pior e se celebra missa. Por que não para Meneghetti?" (o padre)

Sertãozinho, cidade de 40 mil habitantes, interior de São Paulo, vizinha de Ribeirão Preto, sexta-feira passada viveu um episódio polêmico com a missa de morte de Gino Amleto Meneghetti, o mais célebre ladrão de nossa história policial.

Uma polêmica que se não chegou a superar o grande prato — desfalque de um milhão de cruzeiros na Prefeitura — deu bom Ibope nas discussões de esquina.

A verdade é que a homenagem ao velho ladrão, que morreu há 15 dias em São Paulo, levou à

igreja apenas a família Ortolan — e mais ninguém da numerosa colônia italiana que tomou conta de toda aquela região depois da falência dos fazendeiros quatrocentões.

Embora Fabio Ortolan, o irreverente de Sertãozinho, ousadamente tenha encomendado a missa de réquiem para Menghetti em nome da colônia.

PAU E PALMAS

As opiniões se dividiram não só na cidade ou entre o padre, a promotora pública, o delegado e o presidente da Câmara. Dois jornais de Ribeirão Preto que divulgaram o acontecimento também assumiram posições antagônicas, através de seus respectivos correspondentes em Sertãozinho. O Diário da Manhã, independente, publicou matéria simpática ao ato promovido por Fabio Ortolan, enquanto o Diário de Notícias — ligado à Curia — caiu de pau na homenagem ao bandido defunto.

Nada disso, porém, tirou a tranquilidade de Fabio Ortolan, que até se sente orgulhoso:

— "Ouvi falar de Gino Amleto Meneghetti pela primeira vez quando eu tinha oito anos. Usava

calças curtas e brincava pelas ruas esburacadas de Sertãozinho, onde nasci. Meu pai, Pedro Ortolan, que também nasceu aqui, é filho de italianos. Ele sabia das proezas de Meneghetti ouvindo um imenso rádio, daqueles antigos. Meu pai ficava com dó do "ladrão fino", mas na maioria das vezes torcia para ele fugir, dar baile na polícia. Eu também passei a torcer para Meneghetti, um ladrão que roubava dos ricos para dar aos pobres. Orgulho de minha raça".

Fábio tem 48 anos, dois filhos e é comerciante na cidade, proprietário de um depósito de materiais para construção na principal rua da cidade. Compara Meneghetti a Pelé:

"Nunca vai aparecer outro igual. Ele merecia. E somente uns três ou quatro foram contrários à celebração. E não me interessa qualquer tipo de manifestação de quem quer que seja. Não tenho medo de represália. Mas se alguém tentar alguma coisa, juro que mando celebrar missa de 30º dia".

A um vereador arenista que o acompanhava:

"Tá cheio de Meneghetti solto por aí, não veredor?"

O vereador não respondeu. Ficou sério. Sidnei José.



DEFESA DO CONSUMIDOR



Zuleica Seabra Ferrari

Os dois anos de cadeia para comerciantes que não obedecerem a tabela dos produtos de primeira necessidade é lei de 1951.

Crimes contra a economia popular



O ministro da Fazenda perdeu a paciência com a alta contínua dos gêneros de primeira necessidade e prometeu cadeia para os comerciantes que desobedecerem aos "acordos de cavalheiros", as listas de preços acertadas com os supermercados, que é o tipo de tabelamento que se resolveu adotar até agora (com algumas exceções).

A ameaça teve efeito imediato: o preço da batata baixou 25% no último fim de semana no Rio. Segunda-feira, os jornais noticiaram que o feijão e o arroz estavam também se comportando melhor. Só se pode esperar que a decisão do ministro da Fazenda sensibilize os intermediários também quanto a outros produtos, e que venham a baixar de preço o tomate, o alface, a carne, a cebola e a mandioquinha.

Poder para colocar infratores na cadeia, o ministro da Fazenda tem, como mostrou o advogado e jornalista Antônio Gouveia Jr. Escrevendo na Gazeta Mercantil, disse ele que "Simonsen deve ter-se lembrado de uma esquecida lei de 1951 que manda prender, até por dois anos, as pessoas que transgredirem as tabelas oficiais de gêneros e mercadorias ou de serviços essenciais."

Há quem duvide, contudo, que essa Lei e outras existentes contra o abuso do poder econômico possam resolver o problema. A alegação é de que, quando os intermediários não quiserem vender o produto pelo preço do "acordo de cavalheiros", reterão os estoques até que a Sunab concorde com a sua elevação. Produtos como o arroz, feijão e açúcar simplesmente some dos supermercados, e ninguém vai para a cadeia por causa disso. Com relação aos legumes e frutas, a tática não funciona, mas a venda através de quitandas seria impossível de controlar. Comenta-se que nos bairros de renda mais alta, as donas de casa muitas vezes são "convenientes" com o quitandeiros, pagando qualquer preço que pedirem para ter o produto em escassez.

Controlar os preços é realmente uma questão complicada, principalmente porque ainda falta no País uma consciência coletiva por parte dos consumidores, que não são apenas condicionados por muitos anos de inflação, como já se acostumaram com a exploração. Mas isso não tira o valor da decisão do ministro da Fazenda. Embora não explicitamente, o governo reconheceu que crimes contra a economia popular têm sido praticados na comercialização de alimentos, e se dispôs a puni-los. (Interino)

É de pequeno que se endireita o pepino

Jeremy Mitchel, subsecretário geral do Departamento de Preços e Proteção ao Consumidor da Inglaterra e que veio ao Brasil a convite da Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados em Defesa do Consumidor, apontou as escolas como o ponto central de educação para o consumo. Falando na CPI de Brasília, Jeremy disse que se ensinarmos às crianças quais os direitos que têm e como devem agir não serão enganadas. Os ingleses estão for-

mando consumidores que num futuro próximo serão os principais fiscais de tudo o que se encontra à venda no mercado. Isso tanto do ponto de vista do preço como da qualidade. Enquanto se formam estas novas gerações de compradores, informou Jeremy que 50 entidades particulares de utilidade pública, de jurisdição municipal, se encarregam dos mecanismos de defesa do consumidor, articuladas com a Associação dos Consumidores, entidade nacional, fundada em

1957, atualmente com 700 mil associados, e que edita uma revista, Which.

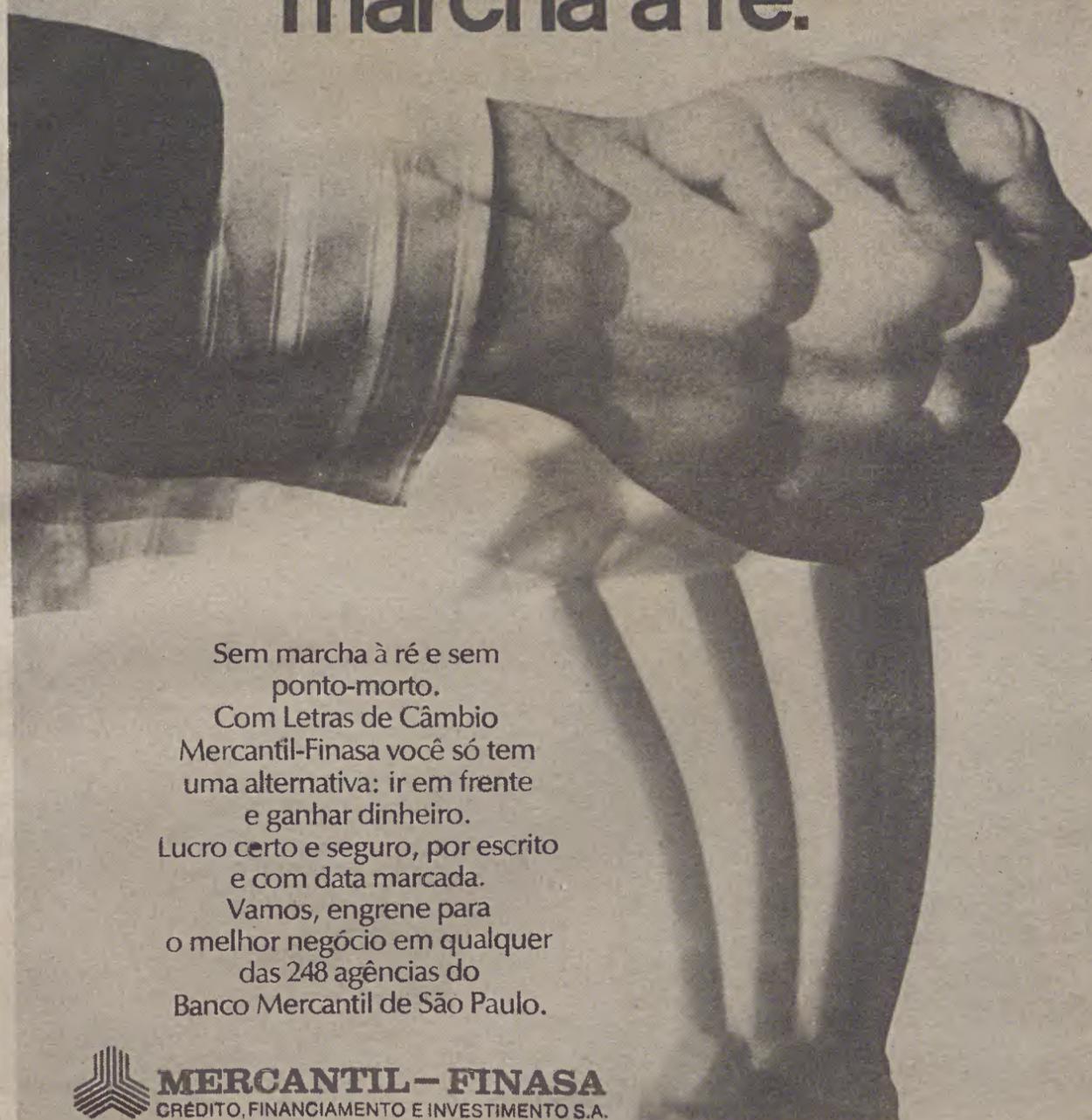
Além disso, Jeremy citou a legislação, os institutos de pesos e medidas bem aparelhados, a rigorosa fiscalização sobre anúncios e o sistema de crédito - o mesmo número de prestações e o mesmo preço para cada artigo.

E mesmo assim ainda são frequentes os abusos contra o consumidor inglês, diz Mitchel. Imagi-

nem o que acontece aqui, onde a legislação é deficiente, só agora começam a se criar associações em defesa do consumidor, e os organismo oficiais não estão aparelhados para exercer uma fiscalização eficiente? Mas já estamos melhorando: hoje, pelo menos já se discute o problema e quem sabe surja um parlamentar clarividente propondo que se inclua no currículo escolar uma matéria que ensine as crianças a se defenderem.

(Interino)

Letras de Câmbio Mercantil-Finasa: investimento sem marcha à ré.



Sem marcha à ré e sem ponto-morto. Com Letras de Câmbio Mercantil-Finasa você só tem uma alternativa: ir em frente e ganhar dinheiro. Lucro certo e seguro, por escrito e com data marcada. Vamos, engrene para o melhor negócio em qualquer das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo.

MERCANTIL - FINASA
CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO S.A.

publitec

PROBLEMAS COM SEU CABELO?

CONSULTE OS PROFISSIONAIS NO ASSUNTO

Tratamento do couro cabeludo para ambos os sexos.



FROMMÉS DO BRASIL - TRICOLOGIA
Rua Campos Elcides, 94 - Itaipá - Tel. 05-9237

BASTIDORES



José Carlos Bittencourt

Presidente e governadores
indo e vindo são claros indicadores

São Paulo retoma seu lugar: centro político do País

Não há qualquer dúvida: a presença em S. Paulo do Presidente Ernesto Geisel nada menos do que quatro vezes, num espaço de apenas trinta dias, mais a "revoada" de governadores ao território bandeirante demonstra claramente que este Estado se transformou, efetivamente, em centro político nacional. Como principais fatores do deslocamento do eixo decisório para Brasília/São Paulo, substituindo a antiga fórmula Brasília/Rio, apontam-se:

1. A ascensão ao Governo do Estado de uma figura eminentemente política como é o caso de Paulo Egydio Martins, que novamente se transforma em centro nacional das atenções depois que o processo de distensão política retomou o seu ritmo normal e "gradual" (conforme a expressão utilizada por Geisel);

2. A concentração efetiva em São Paulo da maior parte do potencial econômico nacional, um Estado que sempre funcionou como o termômetro da economia brasileira, embora no passado, artificialmente, os paulistas fossem superados pelos cariocas, hábeis manipuladores da economia e da política;

3. O reconhecimento — implícito — pelo Palácio do Planalto de que — à Setubal — "se algo explodir no Brasil será primeiro em São Paulo".

Embora houvesse interesse em se rotular oficialmente a presença neste Estado dos governadores de Minas Gerais e do Pará, como "visitas sociais", o fato é que esses encontros serviram para se estabelecer, em Campos do Jordão, conversações: nível de debate dos problemas econômicos e políticos nacionais. Também não se desconhece que outros governadores,

Rigorosa e absolutamente verdadeiro: no próximo dia 18, em Ribeirão Preto, o Presidente Ernesto Geisel vai anunciar uma verdadeira "bomba" na área de energia, durante concentração popular que deverá ser marcada como o "pontapé inicial" — e oficial — da campanha da Arena às eleições municipais de 15 de novembro neste Estado. A "bomba" preparada pela área estadual (leia-se Paulo Egydio) para Geisel detonar deverá ter a maior repercussão em todos os setores da vida nacional.



como Aduino Bezerra, do Ceará, e Sinval Guazelli, do Rio Grande do Sul, já teriam aderido ao que se poderia rotular (embora sem o significado anterior) a verdadeira "frente de governadores" que se articula, para dar a necessária sustentação política ao presidente Geisel, aliada a uma sustentação popular que — ao lado da militar — foneceriam a Brasília as condições necessárias para se atravessar o ainda difícil ano econômico e delicado ano político de 1976.

Tomando-se como premissa verdadeira que a situação brasileira nesta quadra é inteiramente diversa da apresentada em 1964 ou mesmo em 1968 (ano da edição do Ato Institucional nº 5), haveria apenas duas alternativas para o País: "endurecimento" do regime com a consequente suspensão das próximas eleições municipais, a fim de se enfrentar a recessão econômica mundial; ou manutenção do calendário eleitoral e busca, nas urnas, do apoio popular para se ultrapassar o período difícil que se aproxima cada vez mais rapidamente. Nas duas alternativas, um dado seria básico: não há condições de se alterar o Modelo Econômico Brasileiro, sob o risco de — literalmente — se provocar a paralisação do País.

A primeira alternativa parece inteiramente colocada à margem, considerando-se que o Presidente Geisel, ao participar ativamente do processo eleitoral deste ano, como "cabo eleitoral que culminará com as eleições municipais de 15 de novembro. Mais: neste instante, qualquer espécie de "endurecimento" poderia gerar "crise social" e descrédito externo, ambos com reflexos negativos para a economia brasileira e à manutenção da taxa de desenvolvimento prevista para os próximos anos. Na mesma linha de raciocínio, seria ampliada a dependência aos capitais externos (desnacionalização), ainda que a curto prazo se pudessem aumentar o processo de estatização, rumo ao estado totalitário. Seria formado um círculo vicioso, cuja saída implicaria num preço excessivamente alto.

Mantido, portanto, o Modelo Econômico Brasileiro, não se poderia desvincular o desenvolvimento econômico nacional do processo gradual de distensão, com o consequente aprimoramento das nossas instituições políticas. Ainda que alguns passos atrás sejam necessários (ou mesmo indispensáveis), como a "Lei Falcão" que ao invés de regulamentar a utilização dos meios eletrônicos de comunicação para a propaganda eleitoral, simplesmente os elimina, por pura precaução, a realização das eleições municipais de 15 de novembro seria a pedra angular do processo de democratização.

Dentro desse quadro, explica-se o envolvimento do Presidente Geisel no processo eleitoral — o primeiro chefe da Nação revolucionário a adotar essa atitude — e a liderança que passa a ser exercida de fato por São Paulo, tendo à frente o governador politicamente mais consciente colocado no Estado-chave da Federação.

Vencida a etapa das eleições municipais, e iniciando-se dentro de sete meses um ano economicamente mais favorável, o próximo passo seria a planificação e execução de uma reforma política em profundidade, de forma a restabelecer o equilíbrio entre as correntes brasileiras de pensamento, perdido no tumultuado bipartidarismo, onde o custo de vida surge como o maior eleitor. Da mesma forma, a ênfase ao setor social e o restabelecimento do diálogo perdido entre Governo e trabalhadores poderá, segundo os estrategistas, superar os impasses que se vislumbram na linha do horizonte.

Em São Paulo, por exemplo, pela primeira vez uma figura com a autoridade do cargo de governador (caso de Paulo Egydio), mostra a coragem de enfrentar esse tipo de desafio, manejando perigosas armas de dois lances como a defesa dos trabalhadores (via, principalmente, contratos coletivos de trabalho) — o que scandalizou o empresariado menos atento; e o fortalecimento da empresa privada genuinamente nacional.

Não se deixem enganar: o desmentido fornecido pelo ex-governador Laudo Natel (via Henri Aidar) no noticiário desta Coluna, segundo o qual ele estaria preparando as bases para o lançamento de um novo partido político, seria apenas "manobra tática". Ninguém melhor que o ex-governador Laudo Natel estaria convencido da falência do regime bipartidário, defendendo abertamente um pluripartidarismo de quatro ou cinco agremiações político-partidárias. Seria muita ingenuidade pretender-se que Laudo, ao mesmo tempo em que adota essa posição, não preparasse suas bases para uma futura eventualidade (novos partidos). O desmentido teria sido motivado pelo apelo que lhe foi pessoalmente feito pelo Presidente Ernesto Geisel, no sentido de que ele desse todo o "gás" nas eleições municipais em favor da Arena. Diante do noticiário (que refletiu tão somente um fato rigorosamente verdadeiro) Laudo Natel teria se sentido profundamente inibido e — mais do que isso — temeroso de ver enfraquecida a sua posição junto ao Palácio do Planalto. Aidan: o que mais se estranhou na nota-desmentido do presidente do São Paulo Futebol Clube, o "ex-primeiro-ministro estadual" Henri Aidar, foi a referência a uma suposta candidatura de Laudo à sucessão estadual (desmentindo-a, é óbvio), quando o noticiário nem sequer de leve insinuava qualquer coisa nesse sentido. Talvez o subconsciente o tenha traído...

PIRULITOPIRULITO

• Depois dos quatro a um da Seleção Brasileira na partida com a Itália, o deputado estadual Paulo Kobayashi (Arena), esmurrava o ar no café dos deputados na Assembléia, e lascava: "Agora a Arena vai fazer mais dois vereadores na Capital". E dava a entender que o seu candidato à vereança, Heródoto Barbeiro, pode — afinal — se decidir pela candidatura. Mas — claro — somente depois que se fizer uma completa avaliação do quadro eleitoral para a Câmara paulistana. "Afinal — dizem os partidários de Heródoto — ninguém é de ferro para aguentar duas derrotas seguidas" (ele foi candidato derrotado, em 74, à Câmara Federal, embora, como arealista, muito bem votado).

• Zizinho Papa (Federação do Comércio) continuaria candidatíssimo ao Governo do Estado, em 1978. Ele pretenderia se preservar das lutas — inevitáveis — entre Laudo, Maluf e Delfim, para, afinal, transformar-se numa espécie de Jimmy Carter paulista.

• O deputado estadual José Maria Marin, da Arena, ex-ponta esquerda do São Paulo Futebol Clube, colocando sob suspeição a água distribuída pela Sabesp. Além de ser tradicional cabo eleitoral na região de Santo

Amaro (provocando disputas pelo seu apoio...), Marin foi recentemente o deputado mais elogiado pelo ex-chefe da Casa Civil, Arrobas Martins. Esquema ou sistema?

• A margem a "guerra" entre Arena e MDB, as eleições municipais terão outro atrativo: três secretários de Estado, os chamados políticos, vão medir forças no Interior, cada qual pretendendo garantir bases suficientes para entrar no prometido jogo dos novos partidos. São eles: Rafael Baldacci (Interior); Ademar Filho (Administração) — este apoiado por Rui Silva (Turismo); e Jorge Maluly Neto (Trabalho). No MDB, quatro futuros candidatos ao Senado em 1978 também medirão forças: os deputados federais Chico Amaral e João Paulo "Zumbi" Arruda Filho e os deputados estaduais Alberto Goldman e Del Bosco Amaral.

• Incrível mas verdadeiro: trinta deputados estaduais visitaram, outro dia, uma fábrica de bicicletas, em comitiva articulada pelo deputado emedebista Gustavo Korte Júnior. O número (assustador) de deputados presentes, tem uma explicação: alguém teria espalhado que o deputado que comparsasse ganharia uma Monark zero quilômetro!

Libercracia contra a democradura

O VICE-GOVERNADOR FERREIRA FILHO APRESENTA A SUA TESE

"Qual é, em face do tempo que corre, a estrutura constitucional e política mais propícia para a preservação, ou o estabelecimento, da liberdade individual?" O professor Manuel Gonçalves Ferreira Filho, vice-governador do Estado, construiu uma tese que tenta responder à questão. Uma tese que tem provocado manifestações contrárias e favoráveis nos meios preocupados em encontrar uma saída para o impasse institucional que o País enfrenta e que o vice-governador expôs a semana passada no Clube dos Advogados de São Paulo. Aqui estão os pontos principais do documento, para julgamento do leitor.

Citando Montesquieu a cada passo — "Montesquieu, o mestre por excelência do pensamento político moderno" — o vice-governador Manuel Gonçalves Ferreira Filho historia os últimos três séculos do pensamento liberal, até os dias de hoje, em que "se registra, no Brasil e fora dele, profunda incerteza sobre o destino da Democracia".

— "Não falta até quem pergunte se não estará ela morrendo", anuncia o professor logo no início de sua tese.

Para chegar a uma conclusão, Manuel Gonçalves diz que o primeiro passo é "identificar o valor ou os valores cuja realização constitui o objetivo da Constituição". E o constitucionalismo, em seus "albores", tinha como valor mais alto a liberdade, "supremo valor porque suprema manifestação da dignidade humana". Destacando que não há conflito entre liberdade e bem-estar para todos, o professor conclui que é com estes dois objetivos que se há de construir uma Constituição para o século XX. Só que, havendo a necessidade de levar em conta o estágio de desenvolvimento econômico, social e político em que se encontra cada povo, "o modelo político tem de ser, sempre, único e nacional".

Em termos gerais, as instituições que nos governam são, ainda, as liberais democráticas — "uma generalização e uma adaptação da estruturação constitucional inglesa, resultante da Revolução de 1688". A partir daí — expõe o vice-governador — vários foram os modelos por que a democracia passou, e várias as missões atribuídas ao Estado, inicialmente apenas um "Estado guardião da ordem" (dentro dessa ordem, fixada nas leis e imposta pela polícia, cada indivíduo buscava seus interesses e, dessa livre concorrência, resultava o bem comum, o interesse geral).

Mesmo esse poder restrito era visto com desconfiança, daí nascer a fórmula de divisão funcional do poder — a separação de poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário. Adotado o voto "censitário" para a eleição de representantes (só votava quem demonstrasse possuir determinado patrimônio), esse sistema — "baseado na liberdade e na igualdade de direitos" mas prevendo "desigualdade da participação política" — ia derruir.

Ainda no século XIX — continua o professor — "as instituições liberais democráticas sofreram um violento e profundo impacto", principalmente após a primeira guerra mundial. Muda a concepção da missão do Estado, "em decorrência da difusão das idéias socialistas e do próprio catolicismo social". O Estado fraco, do *laissez faire*, *laissez passer*, havia redundado, nos países mais desenvolvidos, "na concentração da riqueza em proveito de poucos e na miséria de muitos, especialmente da classe operária". Ganhando o direito de votar, pela atuação da esquerda liberal, "os mais pobres tiveram em mãos o instrumento de pressão para obter melhores condições de vida". E levaram o Estado a "assumir a tarefa de assegurar para todos o bem-estar". Era o Estado-providência. E o Executivo veio a "transformar-se na mola



mestra do governo contemporâneo". Por quê? Explica Manuel Gonçalves:

— "Uma das razões, talvez a principal, decorre de que a direção da economia exige decisões prontas, firmes e flexíveis, para as quais o Executivo, por sua estrutura, é mais bem talhado. Ao contrário, o Legislativo, numeroso, habituado a intermináveis debates, dividido em correntes de opinião exacerbada, ficou como que paralisado diante dos novos desafios."

A supremacia do objeto, ou da finalidade, substitui a supremacia da lei, destaca mais à frente o professor. E da supremacia do fim (telocracia) à ilimitação do poder "o passo é pequeno". O poder democrático pode tudo, para realizar a felicidade da maioria.

— "É evidente que, na medida em que se desenvolve esta corrente, as instituições desenhadas no século XVIII são abaladas. Divisão do poder, constituição rígida, princípio da legalidade, tudo isto é visto como mero entrave à democracia".

O professor está chegando ao ponto crucial da questão: "... quem não se conforma em sacrificar a liberdade ao bem-estar, há de indagar qual modelo novo irá assegurar a liberdade com o bem-estar". O problema é agravado nos países em desenvolvimento, quando vastas camadas da população se descontentam por não poderem alcançar "o que não têm", a curto prazo; e quando outra tensão se acrescenta à anterior: a urbanização. Então, qual seria o novo modelo democrático?

— "Este, é certo, haverá de ter por objeto último e mais alto a liberdade, pois esta é o

supremo valor da condição humana. Mas não poderá pôr de parte a reivindicação de felicidade..."

Eis agora, em síntese, os pontos abordados pelo professor Manuel Gonçalves Ferreira Filho, nesse novo modelo:

O chefe de Estado — A ele, verdadeira "personalização" do Estado, caberá a responsabilidade pela segurança nacional — forças armadas, diplomacia e polícia. É "desaconselhável a sua eleição direta pelo povo", o que "acentua a disputa demagógica e passional". Também a eleição indireta pelo Parlamento pode gerar "uma vinculação entre o eleito e seus eleitores".

— "A fórmula preferível é a da eleição por um colégio eleitoral. (...) Quem sabe não seria adequadamente composto esse colégio por prefeitos e representantes de câmaras municipais? Tais autoridades estão suficientemente perto do povo para sentir-lhe os problemas e necessidades, suficientemente acima dele para ver, ao longe, os grandes objetivos nacionais, para compreender os percalços que se antepõem à sua realização".

O Governo — "Cumpra haver um primeiro-ministro, "cabeça de um Ministério", escolhido pelo chefe de Estado — que "fica resguardado dos atritos diários com a opinião e o Parlamento" e ganha a possibilidade de mudar de política sem perder a face, pela simples mudança de primeiro-ministro".

A função moderadora — Tal distanciamento oferece ao chefe de Estado o exercício de uma função moderadora, "imprescindível na vida dos Estados contemporâneos.

A salvação pública — Os poderes para defender o Estado contra qualquer ameaça devem estar em mãos de seu chefe. "Aqui se impõe a definição de uma fórmula nova, que garanta o Estado sem excessivo sacrifício da liberdade individual. A cessação da vigência do AI-5, instrumento de emergência contra a guerra revolucionária, depende desta descoberta".

O Conselho de Estado — Sua criação seria "bem-vinda", como "principal assessoria do chefe de Estado". Seria um "verdadeiro e eficaz Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana", independente e composto "da mais respeitada e insuspeita elite política do país". Deverá ser, "inclusive, o Conselho da Revolução, incumbido de perenizar os ideais de 31 de março".

O sistema político — "Se o chefe de Estado, para desempenhar sua tarefa; há de estar acima dos partidos e de suas lutas, o Governo há de ser a expressão destes, como instrumentos de aglutinação da vontade popular".

Os partidos políticos — "Indispensáveis: através deles é que deve concretizar-se o elemento democrático do modelo". São os "semeadores de ideais, formuladores de programas, formadores de opinião, preparadores de novas lideranças, por isso seu número não pode ser prefixado".

O sistema eleitoral — São dois os objetivos: "a aglutinação, em torno de idéias, das correntes de opinião; a escolha de representantes aptos a participar dos órgãos do Estado". Para a aglutinação, "a representação proporcional apresenta as maiores vantagens". Para a escolha de representantes, "a eleição distrital majoritária tem a preferência, porque enseja maior proximidade entre eleito e eleitor".

O Parlamento — Há de ser "o órgão supremo". Para ele confluirão as reivindicações e os anseios populares, "que nele encontrarão a ressonância indispensável". No Estado contemporâneo, "o Parlamento é, por um lado, a tribuna dos grandes debates que formam o povo para o exercício da democracia e abrem os olhos do governo para a realidade". É também "o órgão de controle". De controle político.

O Judiciário — Será conservado, no novo modelo, "independente e imparcial". Ele é "o grande defensor da liberdade e da sociedade", aquele que há de "livrar o homem do arbítrio e da pretensão".

Libercracia contra democradura — Valendo-se do termo criado pelo jornalista Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), o professor diz que "democradura" é uma democracia autoritária. E houve "quem acenasse com uma democradura" ao reconhecer "a necessidade de um modelo político adequado às condições do século XX, em seu último quartel".

— "Isto, porém, é renegar o mais alto valor político da civilização ocidental: a liberdade (...), a autonomia da conduta individual".

O professor Manuel Gonçalves Ferreira Filho afirma então a "libercracia": Uma organização política que tenha a liberdade por finalidade última, o bem-estar por objetivo mediato. Uma organização nova cujo próprio nome insista no seu sentido fundamental: liber, livre, o governo para a liberdade.

"Só o trabalho de muitos", destaca o professor, "com dedicação, com boa-vontade, e especialmente com boa-fé, chegará a alcançá-lo".

O vice-governador paulista assinala, por fim, "que este modelo tem parâmetros bem definidos":

— O respeito ao princípio liberal, limitando e dividindo o poder para garantir a liberdade contra o abuso.

— O respeito ao princípio democrático, reconhecendo que o poder deve vir de baixo para cima, através de eleições e partidos.

— A consagração da continuidade do Estado para a consecução de seus objetivos permanentes, com a previsão de um poder de arbitragem e de um poder de emergência, aptos a enfrentar e vencer qualquer ameaça.

— "Essa é a tarefa política mais urgente, também a mais ingente. Ela será realizada se ao homem de Estado não faltar o engenho e a arte que apoiaram o poeta. Assim, não morrerá, ao contrário se renovará a democracia".

ECONOMIA



Klaus Kleber

Inflação será detida a
qualquer custo, mas nem tanto

A grande ofensiva ficou em um ataque pelos flancos

Na prática, essa política pode significar o sacrifício de certo número de empresas em favor do que se convencionou chamar de "sistema econômico". Para muitas firmas, o custo maior do dinheiro (consequência da redução dos recursos disponíveis para empréstimos), somado ao custo do depósito prévio para importação (caso daquelas que dependem de matérias-primas importadas), poderá representar uma carga insuportável, não lhes restando outra alternativa senão cessar atividades.

Com o fechamento das empresas ou uma diminuição sensível do movimento comercial cresce o desemprego, o alto preço que tem de pagar uma política monetária conduzida a ferro e fogo. Essas decisões, porém, não constituem propriamente novidade, podendo ser interpretadas como um desdobramento da política que o governo vem adotando nos últimos meses

O caso da alteração da correção monetária é diferente. A correção, ao contrário do que muitos pensam, nunca foi intocável. A alteração da última semana foi a sexta desde que se introduziu o sistema. Mas, se isso é verdade, é preciso dizer também que nunca se admitiu tão claramente uma dose de arbítrio como agora.

A grande ofensiva que o governo ia promover contra a inflação, tomando importantes medidas, como amplamente anunciado nas semanas anteriores, ficou aquém da expectativa. Em vez de um ataque maciço, frontal contra a alta de preços, os comandantes da política econômica preferiram concentrar suas forças em alguns flancos: alteração da correção monetária das ORTNs, aumento da taxa de desconto dos bancos comerciais de 22% para 28%, antecipação para junho o prazo para que o depósito compulsório dos bancos passasse para 33% e, finalmente, reafirmação dos "acordos de cavalheiros" com os supermercados, com o tabelamento de alguns produtos, como o feijão.

Duas destas medidas — o aumento da taxa de desconto e a antecipação do aumento do compulsório — encaixam-se entre os chamados "instrumentos monetários" que as autoridades consideram as principais armas para conter a inflação e, paralelamente, o déficit da balança comercial. Em linhas gerais, o raciocínio é de que, reduzindo a quantidade de moeda bancária, isto é, o dinheiro disponível para os empréstimos feitos pelos bancos, contém-se o nível de atividade

de geral da economia. Com isso, as empresas se verão obrigadas a diminuir os seus custos, o que se refletirá sobre o nível de demanda. Essa evolução, por sua vez, reduziria a pressão sobre as importações.

Os jornais publicaram uma complicada fórmula para a correção das ORTNs, explicando o que era Vt-1, t-1, t-2 etc. Mas, em resumo, a alteração pode ser explicada da seguinte forma: ela é feita de acordo com a variação dos Índices de Preços por Atacado (IPA), Disponibilidade Interna, que geralmente apresenta um crescimento menor que o da inflação (Índice Geral de Preços, Disponibilidade Interna).

Além disso, é "expurgada" do IPA a "acidentalidade", isto é, as altas acidentais de preços, causadas por geadas, enchentes etc.

Tudo isso é feito com justificativa de que é preciso evitar que o Índice "realmente" a inflação, ou seja, concorra para uma nova rodada de aumentos. Na última semana, o governo concluiu que as salvaguardas já previstas eram insuficientes. Era preciso também que ninguém pudesse calcular a correção com muita antecipação, para não gerar a "expectativa de aumento", tão importante na especulação financeira. Assim, foi reduzido de dois meses o período antecipado de cálculo. Pelo sistema anterior, poder-se-ia saber em maio/junho qual seria a correção de setembro. Agora, só se saberá a correção de julho em meados de junho, quando são divulgados os índices de maio. As de agosto e setembro permanecem no limbo.

Mas esta não foi a alteração mais importante: introduziu-se também um fator fixo, decidido pelas autoridades. Anteriormente, 100% do valor da correção era determinada pela variação do IPA. Agora não: 80% são determinados pela correção real; os restantes 20% serão "arbitrados" pelas autoridades de acordo com a expectativa da inflação futura. Como essa expectativa será de uma inflação decrescente (o governo não vai "esperar" que ela suba), a correção será menor.

Quem será afetado?

— Não só os aplicadores em ORTN. Serão atingidos também os que investem em cadernetas de poupança em letras imobiliárias, os depositantes do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), PIS e PASEP.

Isto é, todos nós.



Reis Veloso



Henrique Simonsen



O que o rei Khaled manda, todos fazem

Apesar de todas as previsões em contrário das agências internacionais, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), reunida na semana passada em Bali, na Indonésia, resolveu não aumentar o preço do petróleo. Para as autoridades monetárias brasileiras, não chega a ser motivo de comemorações, mas é, sem dúvida, uma boa notícia. Um aumento da ordem de 10 a 15%, como se previa, tornaria inevitável um programa de racionamento da gasolina, que se chocaria com a política moderada de contenção do consumo que o governo tem preferido adotar.

Embora apresentada como uma decisão de toda a OPEP, quem na verdade resolveu não aumentar o preço foi o rei Khaled, da Arábia Saudita, assessorado pelo seu ministro do Petróleo, o xeque Yamani. Sabia-se que o Iraque, a Venezuela e a Indonésia eram favoráveis à elevação, e que outros países, como o Irã, a Argélia, o Equador e a Nigéria estavam dispostos a concordar, mas o "não" do rei saudita foi mais poderoso.

A razão por que a Arábia Saudita adquiriu esse poder de mando dentro da Organização é simples: é o único país que pode reduzir a produção sem sofrer grandes prejuízos. Uma menor produção poderia ser até encarada como uma vantagem pelos sauditas, pois conservaria sua maior riqueza no solo por um número maior de tempo, garantindo o futuro. Somente o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos têm uma situação parecida. Mas estes países, governados também por dinastias tradicionais do deserto, tendem a seguir a liderança dos sauditas.

Todos os demais membros da OPEP têm a receita das exportações de

petróleo comprometida com ambiciosos planos de desenvolvimento interno e não podem dispensar um centavo sequer do que recebem, como chegou a dizer o representante da Argélia. Ora, não podendo cortar a produção, eles sabem que ficam em uma posição desigual em face da Arábia Saudita. Se decidissem por um aumento, passando por cima do voto de Yamani, os sauditas poderiam baixar o preço internacional aumentando gradativamente sua produção, não precisando nem mesmo fazer investimentos. Para regularizar a oferta, os demais membros da Organização teriam que reduzir a sua, diminuindo a receita de petrodólares, mesmo que conseguissem vender o óleo por um preço maior.

A posição de Yamani contrária ao aumento não é novidade. Ele e a dinastia reinante na Arábia Saudita sempre se inclinaram por uma política conservadora, embora tenham dado a adesão de seu país ao embargo de petróleo no fim de 1973/começo de 1974. Mas sempre souberam conciliar sua solidariedade à causa árabe com seus interesses financeiros. Parece que agora se convenceram de que a recuperação econômica da Europa e dos Estados Unidos — que um grande aumento do petróleo poderia ameaçar seriamente — não concorreria em nada para dar maior segurança a seus investimentos no Exterior, que já são muito vultosos. E, certamente, o ressentimento poderia tolher novas manobras nos mercados de capitais.

Para os outros membros da OPEP, a crescente demanda de petróleo determinada pela reativação da economia dos países industrializados é, pelo menos, um consolo.

68 anos, violão embaixo do braço, Angenor de Oliveira chegou a São Paulo domingo passado de manhã. Passou incógnito, ele que foi gravado por todas as glórias do samba, de Mário Reis a Paulinho da Viola, e só foi reconhecido à noite, quando chegou para fazer um show.

Angenor saiu do Rio sábado à noite, já tomando umas e outras no trem, saltou na Luz e foi direto para um hotelzinho. Ninguém o reconheceu fosse no hotel, fosse nas redondezas, e só à noite, às 8 em ponto, quando saltou em frente do Curso Equipe, na Rua Martiniano de Carvalho, é que todo mundo logo o saudou como um dos grandes do samba:

— "É o Cartola, gente, que já vem chegando!"

O fundador da Estação Primeira de Mangueira encontrou Nelson Cavaquinho atrás do palco, combinou o esquema do show e saiu para o bar em frente, "para esquentar a garganta". Os jovens foram atrás, quase uns 200, fizeram uma roda em volta dele, quiseram pagar o conhaque. Entusiasmado, Cartola voltou para o palco, com calma, andar arrastado. Os dois gênios da música popular, Cartola e Nelson Cavaquinho, sentaram lado a lado, um conjunto improvisado atrás: no pandeiro, Delegado, antigo mestre-sala nota 10 da Mangueira; e nos outros instrumentos, um pessoal da Escola de Samba Camisa Verde e Branco. Cantaram durante uma hora e meia, Nelson apresentando músicas antigas e Cartola, músicas de seu mais novo Lp, a ser lançado em agosto pela Marcus Pereira.

*"A sorrir eu pretendo
Levar a vida.
Pois chorando eu vi
A mocidade perdida."*

Já eram 11 da noite, fim do show, e Cartola regia a platéia — umas 700 pessoas — cantando em coro e de pé *O Sol Nascerá*, seu sucesso de 15 anos atrás, lançado por Nara Leão. Saiu dali para o Bar do Alemão, no Parque Antartica, junto com Nelson, e lá improvisaram outro show. Nos intervalos, Cartola falava do próximo disco, o segundo numa carreira de mais de 50 anos. Com ele, sonha ganhar dinheiro para uma casa em Jacarepaguá:

— "Mas tenho músicas ineditas que dão para fazer mais cinco discos. A música em mim sai rápido, só faço quando chega a hora, não forço a cabeça."

Cartola compõe desde os 30, quando chegou a vender músicas inclusive para Mário Reis. Francisco Alves também o gravou. Morando no morro de Mangueira (até hoje), Cartola era pedreiro e diretor da Escola de Samba. Muito respeitado: afinal ele tinha sido fundador da Escola e escolhera as cores da bandeira verde e rosa.

Mas na década de 50 a vida azarou. Cartola teve meningite, caiu de cama, "até hoje a cabeça dói um pouquinho". Acabou como lavador de automóveis em Copacabana. Foi quando Sergio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, o reconheceu. Botou no jornal, espalhou a notícia, e Cartola começou a ser procurado outra vez pelos amigos, pelos cantores em busca de música. Em 60, estorou então *O Sol Nascerá*. E em seguida, com a ajuda dos amigos, abriu um restaurante musical no Largo da Carioca: era samba e comida brasileira, feita pela mulher, Dona Zica, a melhor cozinheira do morro. Daí o nome: Zicartola. Lá se reuniam os maiores: Ismael Silva, Zé Ketí, Nelson, Heitor dos Prazeres, Elton Medeiros, Paulinho da Viola ainda garoto. Mas virou folclore, passou a ser frequentado por quem não tinha nada a ver com samba e faliu.

Cartola e Dona Zicanãotiveram filhos juntos. Mas são pais de muita gentedo morro: Ruth, filha do primeiro casamento de Cartola; Regina, do primeiro casamento de Zica; Ronaldo, filho adotivo de Zica; e Creusa, filha de um amigo, o Amadeu.



*"A vida é um moinho,
Vai triturar teus sonhos
Tão mesquinhos, vai
Reduzir as ilusões após."*

O próximo Lp tem 10 músicas de Cartola, uma de Candeia e outra de Silas de Oliveira. Na capa, uma foto de Cartola e Zica na janela de sua casinha, na Rua Visconde de Niterói, 459, "bem juntinho da quadra da Manga". O acompanhamento é o mesmo do primeiro disco:

— "Tem o Dino, arranjador e violão de sete cordas. O Canhoto no cavaquinho, Meira no violão, Abel Ferreira no sax-tenor. Não podia ter gente melhor. E ainda por cima reforçado com Altamiro Carrilho na flauta e o Nelsinho no trombone. A produção é do Juarez Barroso, ele é jornalista e conhece muito de samba."

As músicas do disco:

Sala de Recepção — Feita em 41, em homenagem a Paulo da Portela, um grande nome do samba no Rio.

Não Posso Viver sem Ela — Feita junto com Bide (co-autor de um dos maiores sambas da história, *Agora é Cinza*). Este samba, *Não Posso Viver sem Ela*, foi o "outro lado" da gravação original de *Amélia*, de Aaulfo e Mario Lago. Regravado em 65 com o título de *Mulher Fingida* por Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Anescar, Nelson Sargento e Zé Ketí, no Lp *A Voz do Morro*.

Minha — Recente, deste ano. Fez grande sucesso no show do Equipe.

Preciso me Encontrar — De Candeia, feito em 75. Uma homenagem de Cartola a um compositor amigo.

Peito Vazio — De parceria com Elton Medeiros. É de 1960.

Aconteceu — Canção. Feita em cima da hora para entrar no disco.

Sei Chorar — A mais antiga das 12: é de 1939. Creusa, a filha adotiva — que é engomadeira do Leme Palace Hotel do Rio e pastora da Mangueira — canta junto com Cartola esta faixa.

Ensaboa — Cartola pegou um refrão aprendido com seu avô e fez o samba.

Senhora Tentação — De Silas de Oliveira, 1955. Outra homenagem de Cartola, agora ao compositor de *Tiradentes*, do Imperio Serrano, um dos mais bonitos sambas-enredo de todos os tempos.

Cordas de Aço — Inédito, feito em 1968.

As Rosas não Flam — Aqui Elton acompanha Cartola tocando caixa de fosforo. Um pedaço de letra: "Queixo-me às rosas/ mas que bobagem/ as rosas não falam/ simplesmente as rosas exalam/ o perfume que roubam de ti."

A Vida é um Moinho — De 1975. Teve que ser bisada no show: "...o mundo é um moinho/ vai triturar teus sonhos tão mesquinhos/ vai reduzir as ilusões após..."

Depois do disco, Cartola quer partir para um velho sonho: escrever um livro, uma autobiografia. A história de um dos maiores monumentos vivos de nossa música popular, por ele mesmo.

Um monumento passou o fim de semana entre nós

Reportagem José Trajano
Fotos Joel Sian

Não seria demais se algum fanático purista da língua resolvesse passar a escrever roque: ficaria engraçado, como pode parecer curioso que um grupo de "rock" se chame Joelho de Porco, Sindicato, Novos Baianos. Mas é o que se constata. Basta acompanhar 8 mil "roqueiros" que, sábado passado, foram ver seus ídolos brasileiros no "maior show rock de todos os tempos".



Já existe o rock brasileiro, pelo menos nas grandes cidades do Sul do País. Sábado passado, em São Paulo, um concertode rock reuniu 8 mil jovens no ginásio de esportes da Portuguesa de Desportos, no Canindé.

Que remédio: diante da invasão definitivamente inevitável desta manifestação cultural, melhor agir como aconselha o próprio ditado americano — relaxar e tirar algum proveito. Aproveitaram-se muitos, de muitas maneiras, desde quando — vinte anos atrás — o requebrante Elvis Presley fez corar os puritanos com seus irrequietos quadris (chamavam-no Pelvis). Ele "desbundou" o corpo da meninada, os Beatles lhe "fizeram a cabeça", tuma década depois.

Passados os dois furacões, rock já não é mais só rock, não é apenas "and roll". Ao balanço da música, a juventude de quase todo o mundo ocidental incorporou ao seu dia-a-dia um comportamento rock, uma linguagem rock — saca? —, roupas, até se quiserem uma filosofia rock (não é à toa que um out-door de 10 metros de comprimento espalhe pela cidade que "Liberdade é uma calça velha e desbotada").

Vamos ao Canindé. Os jovens, chamados para "O maior show de todos os tempos", começaram a chegar uma hora antes, aí pelas sete da noite. As centenas, grande parte chegava a pé, com dinheiro contado ou nem isso, pedindo numa boa aos que chegavam de carro:

— "Meu, descola um pau. Tô com vinte e cinco, só falta quinze... você não me xinga, não?"

Tipos de 13 anos em frente, metidos em vários uniformes. Calça velha e desbotada, camiseta com desenhos ou dizeres escritos no peito e nas costas (Yes, Made in Brazil, Chi mi ama mi segua, Love etc), um blusão de brim ou de couro: este era o uniforme mais comum. Cortados os cabelos e raspadas as barbas presentes, teria sido possível confeccionar algumas centenas de colchões de crina de primeira.

As arquibancadas ficaram logo tomadas por uma multidão. Quem sobrou sentou no chão, embaixo, na quadra do ginásio de esportes. No bar, atrás dos quatro palcos ali montados, dizia uma jovem:

— "Você viu o apresentador? Ele veio fantasiado de Chacrinha, vai ver."

Mas ele estava fantasiado mais de "lady" do que de Chacrinha. Gostava de ficar dançando no palco enquanto os conjuntos tocavam, mãos na cintura, batendo os pés, às vezes fazendo beicinho e revirando os olhos em êxtase. Baixo e gordo, barriguinha escapando ao cinturão grosso, saltos de dez centímetros nos sapatos cinza, unhas esmaltadas de vermelho berrante, terninho claro, malha preta com letras douradas no peito: Lady Jane (nome também de uma bela canção dos Rolling Stones). Chapéu preto, daquele genero que as "ladies" usam no Jockey Clube, abas caídas, cabelos não muito longos, meio ruivos, nariz adunco e bochecha gordinha onde apontavam alguns fiapos da barba também ruiva. Não tinha muito o que dizer aos jovens, a não ser anunciar cada conjunto, anunciar os melhores do rock brasileiro no ano passado a garantir:

— "O rock não morreu! Esta é a prova, vocês são a prova..."

E a cambada lá, 8 mil vozes:

— "Uôôôôôôôôô!"

Ele gritava "iêêêêêê", os jovens respondiam "iêêêêêê". Ele, "uaaa", os jovens "uaaa", num diálogo que acabou a certo momento em vaia:

— "Cha-to! Cha-to! Cha-to!"

Havia 50 PMs tomando conta. O que achavam os encarregados de policiar a juventude rock? O mais afável e simpático deles, o PM Fonseca, 34 anos, que estava ali "contra a vontade", declarou:

— "Esse povinho não entende as coisas, vai pela cópia, não tem iniciativa. Mas se eu tivesse que mudar, mudava devagarinho, pra não haver choques. Cê vê, eles pagaram 40 cruzeiros — na crise atual! — pra ouvir barulho..."

Realmente num ponto o PM tem razão: deve ter sido difícil para a maioria conseguir 40 cruzeiros, quase o preço de um quilo de café (o café está mesmo caro). Mas valeu a pena pela quantidade (12 horas de som, das 8 da noite às 8 da manhã); pela "transação" em si, os happenings (o rapagão alto, já beirando os 30, todinho de branco, bota preta, calça por dentro da bota, capa comprida, cabelo mas careca no alto da cabeça, que passou o tempo todo fazendo footing em volta do salão; o mulato claro que começou a dançar uma música dos Mutantes e de repente teve um faniquito, pondo-se a rolar pelo chão como se tivesse recebido um santo); pelo encontro de 8 mil garotas rock, enfim.

Nove conjuntos passaram pelos palcos: Flying Banana, Cornelius & Grupo Santa Fé, Mutantes, Bicho da Seda, Joelho de Porco, Sindicato, Humahuaca, Terço e Som Nosso de Cada Dia. Elaboradíssimos os trabalhos dos "três maiores" do rock nacional: Mutantes (ovacionados), Terço e Som Nosso; mas — a não ser os solos do baterista do Som Nosso — o som dos três grandes ainda está distante de qualquer coisa chamada "realidade brasileira". Muito gostoso o bom humor do Joelho de Porco, todos de smoking e brilhantina nos cabelos, cantando um holerão em castelhano e uma música homenagem: Os Trombadinhas. Assim como merece uma citação o "latino" Humahuaca, com seus temas instrumentais apoiados numa percussão cheia de congas, sinos, caxixis, cimbalos.

As 8 da manhã, calcula-se que ainda havia 5 mil jovens — muitos "bodeados" pelos cantos do ginásio. Já se sabia, desde as duas da manhã, que pelo menos em São Paulo os festivais de rock passarão a merecer quase igual atenção que merece o Carnaval, por parte da Secretaria de Turismo municipal (e até estava lá o titular da pasta, Armando Simões Neto).

Muito bom. Pena que, por motivos "políticos" (a maioria dos conjuntos são agenciados pelo empresário Mario Buonfiglio, promotor de show), não tenham sido incluídos na festa os maiores roqueiros do Brasil: os Novos Baianos. Estes sim, produtos genuinamente nacionais sem similares no País ou no exterior, dono de um som rock que, mesmo às 8 da manhã, teria sido capaz de fazer até os mais "bodeados" sair correndo atrás do Trio Elétrico.

Mylton Severiano da Silva



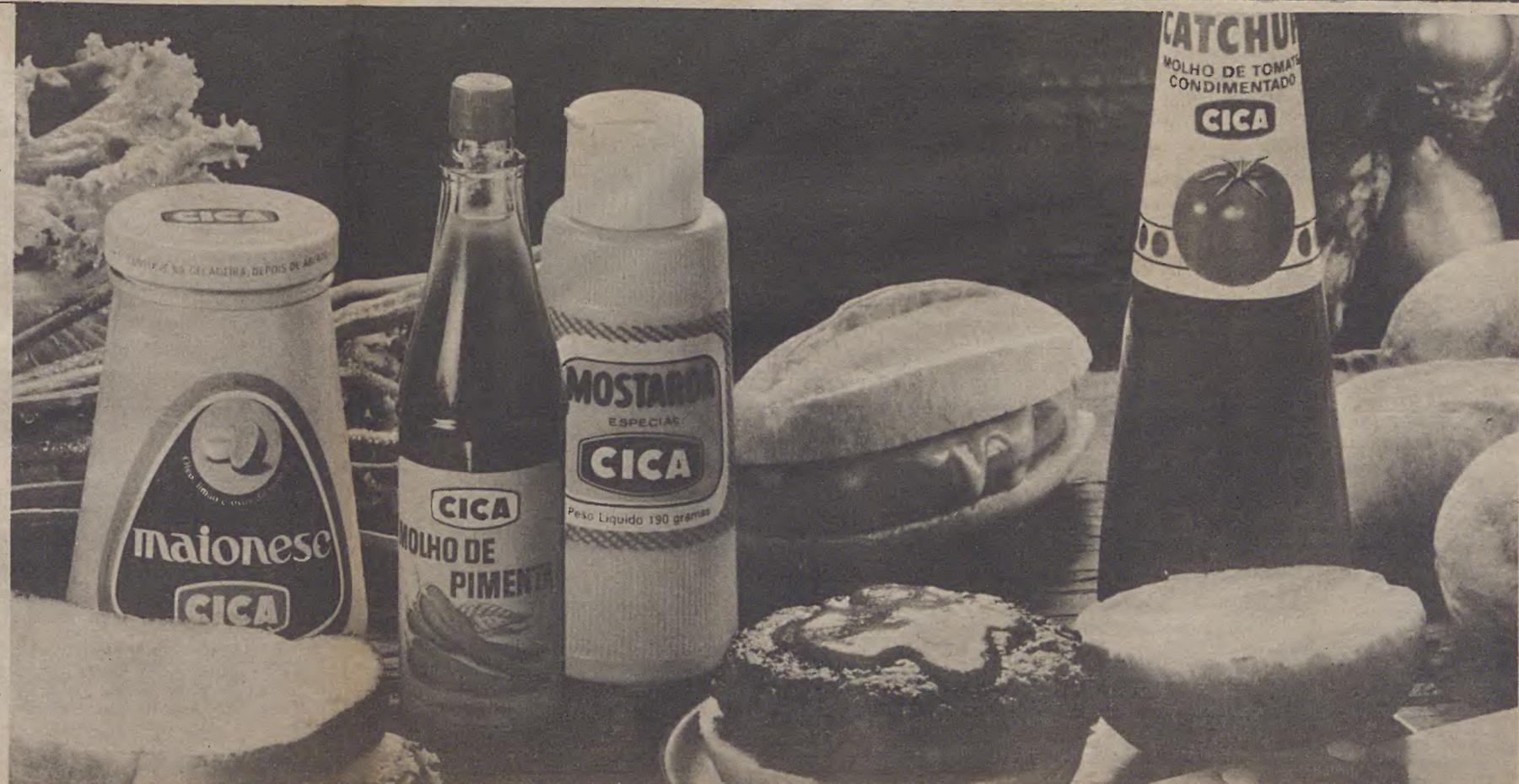
Fotos Joel Sian

Gosto e tempero não se discute.

Use Cica à vontade.



Faz a boa alimentação.



PROE/ME

Pela lei, podem ser interditados todos os nossos teatros e cinemas (só escapa um)

O LISTÃO DOS 809 PRÉDIOS QUE ESTÃO FORA DA LEI DE "SEGURANÇA DE USO"

Prédios com mais de 8 andares e mais de 1000 m² de área acima; hotéis e motéis com mais de 60 quartos; supermercados com mais de 2 mil m² de área; hospitais com mais de 8 andares; locais de reunião com lotação de mais de 300 lugares; garagens para mais de 200 carros; e fábricas e oficinas com mais de 750 m² de área.

Esses estabelecimentos, 2 mil na cidade, foram submetidos à peritagem da Prefeitura quanto à segurança de uso. A operação começou meio ano depois do incêndio do Joelma (1/2/74, 177 mortos); o então prefeito Miguel Colasuonno baixou o decreto 10878, com novas normas de segurança e o decreto 10888, com sanções em caso do não cumprimento dessas normas. Junto com os decretos foram criados dois novos órgãos ligados à Prefeitura: o GEP, Grupo Especial de Peritagem e o SCOF, Comissão de Supervisão e Controle do Sistema Operacional de Fiscalização das Administrações Regionais. Ao primeiro coube a peritagem técnica e cabe ao segundo agir, interditando os estabelecimentos fora da lei.

O que se exigiu, em segurança, desses estabelecimentos?

— "O mínimo", — diz o engenheiro Edmundo Callia, presidente do SCOF.

Ou seja: restrições à quantidade e ao tipo de material manipulado ou depositado; escadas mais largas; melhor acesso e escoamento (portas de saída, saídas de emergência); disposições internas para segurança (salão à prova de fogo para proteção das pessoas em caso de incêndio; portas contra-fogo; máscaras de oxigênio; extintores); emprego de materiais nas paredes divisórias que resistam pelo menos 4 horas ao fogo (simples paredes de alvenaria; divisões com eucatex são condenadas); acabamento interno com banhos de tinta que não propaguem as chamas; número suficiente de caixas d'água e hidrantes; equipamentos de energia e sinalização (alarme em caso de fogo; chuveirinhos que jogam água no prédio quando a temperatura é igual à do fogo); pára-raios.

Cinemas e teatros foram examinados mais de perto, de acordo com o decreto 2775/74, só para eles. Lotação; características das cabines de projeção, do palco e dos camarins; cálculo da estrutura; sentido de abertura das portas; número de portas; balcões e salões de espera; número de sanitários; cortinas de aço para salas de mais de 500 pessoas; obrigatoriedade de entradas em separado para artistas; entrada em separado para as cabines de projeção; distância entre as poltronas.

O trabalho dos peritos terminou.

Na maioria dos casos, os 2 mil estabelecimentos não atenderam às exigências de segurança. Tiveram prazos para fazer reformas e não as fizeram. Agora, decorridos os prazos, estão sujeitos à interdição e assinaram uma notificação da Prefeitura que responsabiliza o proprietário "por qualquer dano ou acidente que eventualmente venha a ocorrer".

Visitados um a um por 16 engenheiros da Prefeitura, os 140 cinemas e teatros da cidade revelaram precárias condições de segurança.

— "Poucos são os cinemas e teatros que cumprem todas as exigências", os engenheiros concluíram. "Na realidade, nestas condições existe menos de 1% das casas de espetáculo. Apenas um cine-



Depois do incêndio do Joelma, veio a lei de segurança de uso. Das casas de espetáculo, só o Marabá — na Avenida Ipiranga — está com situação regular.

ma estava com toda sua documentação e condições de trabalho em ordem: o cine Marabá."

45% das casas de espetáculo não tinham laudo de incêndio; 75,5% não tinham visto do corpo de bombeiros; 47,5% não apresentaram laudo técnico; 21% tinham fiação aparente no telhado; 40% contavam com diversas irregularidades no telhado.

Isso não quer dizer que todos os cinemas e teatros serão interditados. Quer dizer que o SCOF vai começar por interditar um ou alguns deles:

— "Nosso objetivo não é a interdição", afirma o engenheiro Callia. "Queremos apenas que o proprietário tome conhecimento dos riscos. Tanto no caso dos cinemas quanto no de indústrias ou prédios."

Mas por que os cinemas são candidatos fortes à interdição?

Segundo Callia, causa menos transtorno fechar um cinema que uma indústria ou um prédio. Os moradores do prédio, em caso de interdição, teriam 30 dias para arranjar uma nova casa. A indústria teria de parar a produção e despedir os empregados. Como o cinema emprega pouca gente e não faz tanta falta assim, pode ser fechado sem muito dano.

Callia não conta, porém, quais são os cinemas e estabelecimentos mais perigosos da cidade:

— "A população poderia ficar em pânico."

Alex Solnik

INDÚSTRIAS

Ford Brasil S/A - av. Henry Ford 1286
Massey Ferguson do Brasil S/A - estrada do Campo Limpo 6197
Cia. Souza Cruz - r. Bixira 132
Rhodia Indústrias Químicas e Têxteis S/A - r. Roma 485
Pirelli S/A - r. Alexandre de Gusmão 167
Indústria Nacional de Aços Laminados - r. Serra de Araraquara 840
Embalarte Ind. e Com. S/A - av. prof. Francisco Morato 5975
Eletro Médica Bras. Imp. e Exp. Ltda; prédio 1; - r. 12, nº 24
Plásticos Balplastic Ltda. - av. carioca 394
Glasurit do Brasil S/A - Ind. de Tintas - r. Bargamota 472
Lagri S/A Ind. de Artes Gráficas - r. Independência 362/390
Ind. de Bebidas Milani S/A - r. do Oratório 2319 a 2355
Lecaplas - Ind. e Com. de Plásticos Ltda. - r. Cerro Corá 2232
Fasa Rosenberg Aços Ltda. - r. Soldado Rodrigues 20
Cia. Paulista de Papéis e Artes Gráficas - r. Piratininga 169
Liobrás Produtos Liofilizados - r. Ferreira Viana 902
Landroni S/A Ind. e Com. de Peças - r. Miguel Mentem 333
Aparelhagens Eletromecânicas Ltda - r. Itacema 405
Novik S/A - r. Sargento Lourival Alves de Souza 133
Cobresul S/A - estrada Itaquera Gueianazes 1485
Manig Manufatura Indústria Gráfica - r. Visc. de Parnaíba 1677
Indústria Mecânica Bali S/A - r. Major João Nunes 9
Wallig Nordeste Ind. e Com. - r. Sapucaia 452
M.B. Ind. Metalúrgica S/A - r. Major Sertório 573/567
Durometal Ind. de Ferramentas S/A - r. Caio Graccho 90
Recorde S/A - r. Humberto 1.380
Fânia - Fábrica Nac. de Instrumentos - av. Nações Unidas 1510
FPB Fáb. Paulista de Brocas e Ferramentas - av. A 290
Ind. de Móveis Rampazzo - av. General Ataliba Leonel 1155
Ind. de Extratores Polares - av. Jabaquara 1780
Fileppo Centenário S/A - Fab. de Tec. Belém - Serra do Jaire 78
Convolv Ind. de Cond. Elétricos - av. Cons. Carrão 2401
Ind. de Aromas Cleide - r. Paula Souza 52
Syntex do Brasil - r. Maria Cândida 1788
G. Mazzoni S/A - r. Arnaldo Magniccaro 314
Ferramentas Stanley S/A - r. dos Missionários 641
Ceiet S/A Const. e Exploração de Inst. Elét. e Tel. - av. Alexandre Mackenzie s/nº
Sharp S/A Equipamentos Eletrônicos - r. Bela Cintra 151
Produtos Roche Quím. e Farmacêuticos S/A - av. Eng. Billings 1729
Indústria Springer Refrigeração S/A - r. Bom Pastor 1289
Cyclop do Brasil Embalagens S/A - r. Coronel Luiz Barroso 151
Durr do Brasil S/A Equip. Indust. - av. Campo Grande
Bonac Artefatos Ind. e Com. - av. Sarg. Miguel de Souza Filho 10
Simetal S/A Ind. e Com. de Metalurgia - r. Honório Maia 793
Simetal S/A Ind. e Com. de Metalurgia - r. Santa Terezinha 204
Axiac Indústria Mecânica Ltda - r. Piratininga 381
Frigobrás Cia. Bras. de Frig. - r. Fortunato Ferraz 303
Indústria e Comércio Motorit S/A - r. Independência 458
Metalúrgica Atlas S/A - av. José Cesar de Oliveira 111
Fábrica de Artefatos de Aço Tupy - av. Presidente Altino 1925
Metal Frio S/A Ind. e Com. de Refrigeração - r. Tocantins 405
Contact S/A - av. Vidigal José Diniz 2457
Novelespuma S/A Ind. de Fios - av. Itaberaba 659
Indústria Muller Irmãos S/A - r. Guararibela 221
Indústria de Papel J. Costa e Ribeiro S/A - av. Jaguaré 1133
Cia. Com. Indust. e Admin. Prada - av. Sen. Queiroz 274
Indústria de Tapetes Bandeirantes S/A - r. Itajá 125
Evaristo Comolatti S/A - r. Ernesto de Castro 37
Cia. Brasileira de Alumínio - r. Guaicurus 683
Ericsson do Brasil S/A - r. da Coroa 500
Ind. de Tubos de Papelão Barreiro e Barreiro - r. Cons. Cotegipe 106
Sabap S/A Brasileira de Artefatos de Plástico - r. Guararapes 225
Mjalbrás S/A Ind. e Com. de Mat. Elet. - r. Alessandro Volta 111
Rio Negro Com. e Ind. de Aço S/A - r. Cantagalo 294 e r. E. Malet 317
União Catarinense de Serradores S/A - av. Teresa Cristina 826
Vinhos Constantino do Brasil S/A - estrada dos Zuruvus 416
Jaraguá S/A Indústria Mecânica - av. Mofarrej 476
Condubrás Cia. Bras. de Cond. Elét. - r. Olimpio de Campos 207
Tecalagem Nossa Senhora do Brasil S/A - av. Carioca 535
Ind. Têxteis Vanini - r. Gen. Eugenio de Mello 127 e 238
Gonçalves S/A Indústria Gráfica - r. Visconde de Parnaíba 3026
Metalúrgica Silvana Ltda. - r. Itaúna 963
Fábrica de Tintas Amy Ltda. - av. Santa Catarina 2236
AMF do Brasil S/A Máquinas Automáticas - r. Curuçá 1418
Jatic Ins. Ind. e Equip. Elét. - r. Vieira de Moraes 45
Pial Indústria e Comércio S/A - av. João Dias 2319
Têxtil Elizabeth S/A - r. Prates 364
Vicunha S/A Indústrias Reunidas - r. Lopes Coutinho 315
Gráfica Martini S/A - Santo Amaro
Indústria Orlando Stevaux S/A - via Anchieta 565
Organizações Têxteis Irmãos Chamma S/A - r. São José 71
Tecalagem Calux S/A - r. Ivahy 386
Material Ferroviário S/A Maferma - av. Raimundo P. Magalhães 220
Armo do Brasil S/A - av. Marginal Direita do Tamanduateí
Esso Brasileira de Petróleo S/A - r. Barão de Monte Santo 700
Fábrica de Maçanetas Universal - r. Com. Armando Pereira 1000
Swift Armour S/A - estrada do Anastácio 9
Cabac S/A - r. Emilio Goeldi 95
Sprecher & Schuh do Brasil S/A - auto-estrada de Interlagos 4211
Pond's do Brasil Produtos de Beleza Ltda - r. Pensilvania 1065
Ind. Metalúrgica Fanandri Ltda - r. São Lucas esq. - r. Cecília
CVL Embalagens Ind. do Brasil Ltda - av. Nações Unidas 358
Taito do Brasil - r. Ferreira Viana 265
Horer do Brasil Quím. e Farma. Ltda. - av. Nicolau Alayon 399
Hing S/A Indústrias Têxteis - r. Brasília 178
Velbrás S/A Ind. Bras. de Veludos - r. dos Trilhos 1413
Biselli S/A Viat. e Equip. Industriais - av. Pres. Wilson 4904
Indústria Metalúrgica Araraquara Ltda - r. Silva 3-B
Squibb Indústria Química S/A - r. João Dias 1084
Rosemount Instrumentação S/A - r. François Coty 45
Haupt São Paulo S/A Indústria Comercial - r. Othão 174
Carbono Lorena S/A - av. Central 97
Estamparia e Tintaria Policolor Ltda. - r. Euclides da Cunha 401
Bonato S/A Comércio e Indústria - r. Plínio Ramos 104
Metalac S/A - r. Edmundo de Carvalho 212
Starlon Esquadrias S/A - r. Dos Missionários 139
W. Roth & Cia. Ltda. - r. Agapei 653
Otto Haensel Equip. Ind. Ltda. - r. Madalena Madureira 135
Parquet Fixocolax Ltda. - r. Das Macieiras 2-A
All Latex Cia. Bras. de Latex - r. Sta. Virgínia 241
Indústria Metalúrgica Nery Ltda. - r. Ana Nery 255
Laminação Santa Maria S/A - r. Catarina Braidá 246
Christian Gray Cosméticos Ltda. - av. Pres. Giovanni Gronchi 4812
Tankauto do Brasil Ind. e Com. de Auto Peças - r. Ibicaba 123
Nadh do Brasil Bombas Ltda. av. das Nações Unidas 22178
Rol Lex S/A Ind. e Com. - av. engenheiro Eusébio Esteveaux 1159
Metalonita Indústria de Camas Portáteis Ltda. - r. Doralisa 517
Dominium S/A Ind. e Com. - auto-estrada de Interlagos 710
Colli S/A Fiação Filtros e Barbantes - r. V. da Pátria 493
Jatic Eletro Mec. Ind. e Com. S/A - r. eng. Mesquita Sampaio 523
Borba, Donghia & Cia. Ltda - av. João Dias 853
Sabó S/A - av. Santa Marina 1423
Brinquedos Bandeirantes S/A - r. Cuyabá esq. r. Antunes Maciel
Indústria e Comércio Beretta S/A - av. Bitor Mazzini 450
Brinquedos Bandeirantes S/A - r. Cuyabá 197
Brinquedos Bandeirantes S/A - r. Cuyabá 165
Eletrol Ind. de Isolantes Elét. S/A - av. N.S. Sabará 1538
Decandia S/A Ind. e Com. - estrada de São Miguel 772
Metalúrgica Triunfo Ltda - r. Itararé 276
Bat Plast S/A Ind. e Com. de Plásticos - r. do Boiadeiro 516
Catalana S/A Indústria de Madeiras - r. São Jorge 373
Lithcote do Brasil S/A - r. Andaraí esq. - r. Ely
Lark S/A Máquinas e Equipamentos - av. Guarapiranga 881
Devilbiss S/A - r. Inajá 364
Athenas Ind. e Com. de Prod. Quím. Ltda. - r. Cap. O. Machado 943
Cia. de Máquinas Hobart Dayton do Brasil - av. Pres. Wilson 3544
Comércio e Indústria de Conexões Pardelli Ltda. - r. Cajuru 332
Linhas Correntes S/A - r. Rubião 73
Ind. de Parafusos Roberto Ugoini S/A - r. Taquari 995
Laboratório Guidotti S/A Ind. Quím. Far. - r. Guaianazes 165

Art-In Indicadores Visuais Ltda. - av. Berna 236
Indústria de Bebidas Milani S/A - r. do Oratório 2319
Jordana & Filhos Ltda. - av. 2, Nº 120
Eli Lilly do Brasil Ltda. - av. Marginal 50
Sefapi Ind. de Plásticos Ltda. av. Marginal 50
Durever S/A Ind. Metalúrgica - r. Toledo Barbosa 582
Sarty S/A Ind. e Com. - r. Elie Sarfatis 44
Técnico Mecânica Britan S/A - r. Thomaz Gonzaga 100
São Paulo Alparagas S/A - r. dr. Almeida Lima 1130
Metalúrgica Tuiuti - r. Ulisses Cruz 921
Anderson Clayton S/A - r. Campos Vergueiro 256
Re-O-Max Ind. Eletromec. Ltda. - r. Pres. B. de Guajará 266
Metalúrgica Wallig S/A - r. Do Rócio 90
Metalúrgica Rica Ltda - r. Américo Brasileiro 1657
Pégaso Indústria Têxtil S/A - r. Vespasiano 95
Metalúrgica Glicério S/A - r. Edmundo de Carvalho 319
Ind. Perez Artef. de Borracha S/A - av. N.S. das Mercês 9
Indaru Ind. e Com. de Auto Peças - r. Ocatales M. Ferreira 85
Cia. Nitro Química Brasileira - av. José Arthur Nova 165
Delfim Comércio e Indústria S/A - r. Galeno de Castro 321
Aços Boehler do Brasil Ltda. - r. Aduana 32
Ind. de Veludos Corduroy S/A - r. Cajaty e r. Joaquim B.F. Sobrinho
Semco do Brasil S/A Ind. e Com. de Máquinas - Hum. 40-A
Panex S/A Ind. e Com. - av. Teresa Cristina 676
Ind. e Com. Têxteis Said Murad S/A - r. Oratório 2215
Diacord Ind. e Com. Ltda - r. Angostura 80
Alexandre Kotolac e Cia Ltda - r. Projetada lts. 44, 45, 46
Gráfica Maris S/A Ind. e Com. av. Carioca 274
Macron Indústrias Gráfica Ltda - r. das Fiandeiras 66
Setúbal S/A Const. Com. e Ind. - r. Pedroso Alvarenga 1255
Laboratório Searle Sintéticos Ltda - r. Tamandaré 777
Cotesp Companhia de Têxteis São Paulo - r. Teixeira de Melo 51/131
Carlo Erba do Brasil S/A - r. Vieira de Moraes 443
Esso Brasileira de Petróleo S/A - r. dr. M. Vicente 22
King S/A Indústrias Têxteis - r. Brasília 178
Sheaffer Pen do Brasil - r. Barra do Tibagi 609
Tecmafrig Máquinas e Equipamentos Ltda - r. Roberto Kock 304
Karibe S/A - r. Chavantes 719
Rolamentos Faç S/A - av. Nações Unidas 900
Blastoplast - av. Friburgo 268
Displasa S/A Ind. e Com. de Cartazes - r. A. das Chagas 1097/9
Buller S/A Laboratório Farmacêuticos - r. dr. Rubens Meirelles 99
Juc-Meanda Cia Ltda - av. Cabo Adão Pereira 42
Alba S/A Indústria Químicas - r. Verbo Divino 1323
Química Industrial Fidalga - r. Rio Grande 560
Artes S/A Fábrica de Artefatos Têxteis - pça. Nami Jafet 85
D.F. Vasconcelos S/A - av. Indianópolis 1706
Aço Estrutura Metálica Ltda - r. Leopoldo Figueiredo 119
Otto Baumgart Ind. e Com. S/A - r. Feital 1063
Spring Lover Química Especializada Ltda - r. Amador Bueno 432
Eitex S/A Indústria Têxtil - r. Serra do Japi 421
Gravotécnica Sul América Ltda - av. da Liberdade 787
Romfer Ferros Ltda - av. sargento Geraldo Sant'ana 155
Filmoplast Com. Ind. e Imp. S/A - r. Julio Ribeiro 1650
Transpax S/A Ind. de Tintas e Vernizes - r. São Vicente 289
Producta Ind. e Com. de Prod. Quím. - estrada do Juza
All Latex Ind. de Art. Esportivos Ltda - r. dr. E. Mariano 283
Asea Industrial S/A - r. Fidêncio Ramos 302
Tecnomecânica Pries Ind. e Com. Ltda. - av. Leblon 695
Stilporta Metalúrgica Ltda - r. Prof. Otavio Guimarães 258
Foseco do Brasil Produtos para Metalurgia - via R. Tavares km 15
Tirema Ind. e Com. de Plásticos Ltda - r. Juari 57
Moltec Ind. e Com. de Moldes Ltda - av. Eusebio Stevaux 72
Rewis Ind. Metalúrgica Ltda - r. Carlos Weber 812
Indústria Paramount S/A - r. Gois Raposo 400
Indústria Coimbra de Ferragens S/A - r. João Alfredo 399
Instituto Lorenzini S/A Produtos Ter. Biol. - r. B. da Passagem 1331
Motocentro Ind. e Com. S/A - r. Engº Mesquita Sampaio 76
Metalúrgica Rio S/A - r. Valentim Magalhães 147
Gráfica Brunner Ltda - r. da Paz 1601
Termatic Ind. de Peças e Aces. para Regrig. - av. C. de A. Marques 7045/75
Ifer Estamparia e Ferramentaria Ltda. - r. Vicentina Gomes 210
Artefatos de Metal Tamas Ltda - r. dos Inocentes 160
Comércio e Indústria Bril-Loid Ltda. - av. João Dias 2258
Artgráficas Bosatelli Ltda - r. Climaco Barbosa 779
Gessy Lever S/A - estrada do Anastácio 481
Onan Montgomery do Brasil S/A Ind. e Com. av. Pres. Wilson 4305
Organização Mofarrej S/A Agricola e Industrial - av. Mofarrej 729
Sociedade Paulista de Tubos Flexíveis Ltda - av. pres. Wilson 2511
Hoblin Indústrias Têxteis Ltda - av. dos Emissários 580
Instituto de Medicamentos Fontoura S/A - r. Caetano Pinto 119
Fibroflux Sociedade Industrial e Comercial Ltda - r. Acari, 129
Jordana & Filhos Ltda - av. Dois 120
Lalekha S/A Comércio e Indústria - r. Livi 216
Café Moka Torrefação e Moagem S/A - av. Alvaro Ramos 366
Rações Agrovita Ltda - r. João Alfredo 469
Móveis Teperman S/A - r. Marina Crespi 65/67
Eletricalor Elet. e Metal. - r. dr. Ubaldino do Amaral 131
Comércio e Indústria Gafor S/A - av. pres. Wilson 586
Ibrape Ind. Bras. de Produtos Elet. S/A - r. M. Ramos Paiva 506
Eron Ind. e Com. de Tecidos S/A - av. Pacaembu e r. Lavradio 192
Solorrco S/A Ind. e Com. - av. Mofarrej 1500
Metalúrgica Arouca Ltda - r. Buru 404
Quinelato Instrumentos Cirúrgicos S/A - r. Guaicurus 783
Indústria Gráfica Rodar Ltda. - r. engº Francisco Pietá Filho 99
Sheaffer Pen do Brasil (endereço ilegível)
Shell do Brasil S/A - r. Bela Vista 885
Têxtil (ilegível) Lester S/A - av. do Imissário 670
Heralex S/A Ind. e Com. de Azul. e Pisos - r. Particular 250
Frigorífico Santarrosense S/A - av. comendador Martinelli 180
Marfex Comércio e Indústria S/A - r. Timbiras 271
Pial Ind. e Com. S/A - av. João Dias 2319
AMP do Brasil Conect. Elét. e Eletrônicos - av. com. Martinelli 185
Valvugas S/A Ind. e Com. de Válvulas - r. William Spears 1202
Wamex S/A Indústria Química - av. deputado Emilio Carlos 945
Manasa Madeiras Nacional S/A - av. Rudge 700
Laboratórios Wellcome S/A - av. Santo Amaro 2283
Neomatic S/A Mecânica de Precisão - r. Pedroso de Camargo 303
Indústria Mentem de Cartonagem Ltda - r. Miguel Mentem 1548
Ind. de Art. de Borracha Benflex - r. pres. Wilson 2531
Cacique de Alimentos S/A - r. Carlos Weber 757
Têxtil J. Callas & Cia Ltda - r. Manoel Ramos Paiva 487
Trelam Trefilação e Laminação de Aços Ltda - r. Santa Ana 69
Linhanyl S/A Linhas para Coser - r. Ferreira Viana 716
MWM Motores Diesel S/A - av. Nações Unidas 1385
Gráfica Editora Brasileira - r. dr. Silva Leme 83
Shel Brasil S/A - av. Pres. Wilson 6352
Torrefações Associadas Ind. e Com. S/A - r. Aracy Leite 778
Três Passos Cia. Indus. de Alim. - r. A. Brasileiro 303
Fiação São Leopoldo S/A - r. Serra de Araraquara
Lanifício Jafet S/A - av. pres. Wilson 4448
Malharia Cambuci S/A - r. Freire da Silva 243
Móveis Cozirama - r. Aerovia 15

EDIFÍCIOS

Galeria Ouro Fino - r. Augusta 2690
Condomínio Conjunto Nacional Edifício Horsa I - av. Paulista 2073
Condomínio Edifício Campo Verde - av. Brig. Faria Lima 1479
Condomínio Edifício das Bandeiras - r. João Adolfo 118
Condomínio Edifício Montreal - av. Ipiranga 1284
Edifício Regência - r. Xavier de Toledo 210
Condomínio Prédio São Francisco - r. sen. Paulo Egídio 15
Condomínio Edifício Bahia - pça. da Sé 170
Cond. Ed. Brasil - r. Cons. Crispiniano esq. 7 de abril
Condomínio Edifício João Alfredo - av. Brig. Faria Lima 1781
Cond. Ed. Francisco Russo - r. B. de Itapetitinga 207
Condomínio Edifício Dabdad - r. senador Feijó 143
Condomínio Edifício Cidade Jardim - av. Brig. Faria Lima 1323
Edifício Cassio Muniz - r. do Arouche 23
Edifício Ana Maria - r. Conselheiro Brotero 589
Condomínio Edifício Califórnia - r. General Jardim 660
Condomínio Edifício Soberano - r. do Triunfo 134

Condomínio Edifício Monte Carlos - al. Min. Rocha Azevedo 132
Condomínio Edifício Dona Helena - r. Thomaz Gonzaga 8
Edifício Vista Alegre - r. Boa Vista 76
Condomínio Edifício Maria José - av. Paulista 326
Centro Comercial Jaguaré - r. pres. Altino esq. r. 43
Edifício Helios - r. do Seminário 155
Condomínio Edifício Julieta Lebre - av. Liberdade 701
Condomínio Edifício Palácio Zarzur Kogan - av. Prestes Maia 241
Condomínio Edifício Cogeral - viaduto 9 de julho 164
Condomínio San Fernando - r. sen. Feijó 42 a 52
Edifício Concorde - av. Brig. Luis Antonio 344
Cond. Prédio. Garagem da Bolsa de Cereais - r. Miguel Carlos 106
Cond. Ed. Maria Adelaide - r. Silveira Martins 45
Condomínio Edifício Sívio Souza Queiroz - av. 9 de Julho 5049
Condomínio Edifício Ragi Buainain - pça. Oswaldo Cruz 138
Condomínio Edifício Nerimar - r. Major Quedinho 110
Condomínio Artes Médicas - Carlos Sampaio 304
Cond. Ed. Garagem Condestável - av. brig. L. Antonio 52
Condomínio Edifício Ouvidor - r. José Bonifácio 250
Condomínio Shopping Center Iguatemi - av. Brig. Faria Lima 1191
Condomínio Edifício Centro Médico Itacolomi - r. Itacolomi 601
Edifício Ruy Barbosa - r. dom José de Barros 17
Condomínio Sant Honore - av. Paulista 1195
Condomínio Edifício Amalia - r. Xavier de Toledo 250
Condomínio Edifício Lutetia - pça do Patriarca 78
Condomínio Edifício Rio Branco - r. Barão de Itapetitinga 140
Condomínio Edifício Clemente - r. Boa Vista 254
Condomínio Palacete São Jorge - r. Carlos de Souza Nazareth 286
Condomínio Parque República - r. Aurora 981/983/985
Condomínio Edifício Banco das Nações - r. 7 de abril 93
Edifício Biblioteca - pça. dom José Gaspar 76
Condomínio Edifício Souto de Oliveira - viaduto 9 de Julho 181
Condomínio Edifício Grande São Paulo - r. Anhangabaú 360
Condomínio Edifício Maria Adelaide - r. Silveira Martins 45
Conjunto Cinerama - av. Ipiranga 915 (Zarvos Imóveis S/A)
Edifício Guinza Ltda - r. dos Estudantes 74
Edifício Mauá (Probos Imóveis Ltda) - r. Florencio de Abreu 194
Cond. Ed. Palácio Quinta Avenida - av. Paulista 706 e 726
Condomínio Garagem Automática da Sé - r. Roberto Simonsen 70
Condomínio Edifício Flapinal - r. Teodoro Sampaio 417
Edifício Piratininga - av. Rangel Pestana 1546
Cond. Irmãos Gonçalves Ed. Gonçalves - r. J. Bonifácio 135 e r. B. Constant 162
Edifício Marques de Itu - r. Marques de Itu 252
Condomínio Numa de Oliveira - av. Paulista (nº ilegível)
Condomínio Edifício Amalia - r. Xavier de Toledo 250
Cond. Ed. Paraguassu - r. Paraguassu 368
Edifício Ouro Preto - visconde de Ouro Preto, 97
Condomínio Edifício Eiffel - pça da República 177
Cond. Ed. Cons. Antonio Prado - av. brig. F. Lima 1794
Edifício Banco de Boston - r. Libero Badafó 501
Condomínio Edifício Banco Bandeirantes S/A - r. do Tesouro 39

LOJAS E SUPERMERCADOS

Eletro radiobraz S/A - av. brig. Luiz Antonio 1200
Eletro radiobraz S/A - av. Guilherme Cotching 1968
Confecções Coelho Ltda - r. 25 de Março 897
Gabriel Gonçalves S/A - av. Casper Líbero 616
Tecidos Vicente Soares S/A - r. Paula Souza 190
Super Mercados Ao Barateiro - r. N.S. de Sabará 3031
Móveis 12 de outubro - r. Drossfield 128
Lara Campos S/A Importação e Comércio - r. Pinheiros 801
Móveis Teperman S/A - r. Bento Freitas 314
Arthur Lundgren Tecidos S/A - r. Direita 226
Eletro Radiobrás S/A - r. São Jorge 150
Francisco Sprovieri S/A Cut. Armas e Munições - av. S. João 345
Com Jaguaré S/A - r. Santiago Capello e r. Prof. Zuccolo
Eletro Radiobraz S/A - av. Bosque da Saúde 116
Tec. e Congec. Heilberg S/A - r. da Independência 334 e 348
Veicular Com. e Serviços S/A - av. Nações Unidas
Móveis Decorações Dias - r. Manoel Madruga 517
Super Mercados Morita - av. padre Antonio José dos Santos 872
Super Mercados Pão de Açúcar S/A - r. Prof. Alfonso Bovero 1425
Morita S/A Com. Import. - av. Morumbi
Perna & Ambrosano Ltda - av. Nazareth 666
Hermes Macedo S/A - av. São João 1400
Gabriel Gonçalves S/A - av. São Gabriel 203
Lalekha - r. da Consolação 847/853
Com. São Domingos S/A - r. av. S. João 473
Toalheiro Brasil S/A - r. Luis Alves de Carvalho 54 e r. Dois nº 21
Eletro radiobrás S/A - r. Butantã 122 e 168
Itaguá Revendedor de Veículos Nacionais Ltda - r. Prates 137
Supermercados Peg Pag S/A - av. João Dias 24
Super Mercados Morita - av. vereador José Dinis 2575
Multicar Veículos S/A - al. Barros 702/712
Supermercados Peg Pag S/A - r. Nova Cantareira 911
Itaguá Rev. de Veic. Nacionais Ltda - r. cons. Nébias 1699
A. Ferreira Automóveis - r. Pedroso de Moraes 216
Eletro RadioBras S/A - av. prof. Francisco Morato 2100
Eletro Radiobrás S/A - av. Penha de França 410

BANCOS

Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. Tuiuti 2229
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. Tobias Barreto 1411
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. Domingos de Moraes 2338
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - av. Ipiranga 1752
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - av. Santo Amaro 1538
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - av. Lins de Vasconcelos 169
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - av. Imirim 1292
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. Voluntários da Pátria 1689
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - av. Tucuruvi 833
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - pça. Eduardo Rudge 14
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - av. Rangel Pestana 2166
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - av. Brig. Luiz Antonio 2176
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - av. Consolação 2143
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. 24 de Maio 236
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. Clélia 1769
Banco Aux. de São Paulo S/A - av. I. Leopoldina 91 e 93
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. Igo. 13 de Maio 162
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. Arlindo Colaco 36
Banco Auxiliar de São Paulo S/A - r. Joaquim Nabuco 39
Banco do Estado de São Paulo S/A - av. São João 1183
Banco do Estado de São Paulo S/A - r. 3 de dezembro 50
Banco do Estado de São Paulo S/A - pça. Antonio Prado
Banco do Brasil S/A - av. São Bento 465
Banco do Brasil S/A - av. São Bento 483
Banco E. de São Paulo S/A - av. R.P. de Magalhães 2500
Caixa Econ. Federal Filial de São Paulo - av. R. Pestana 2904
Banco do Estado de São Paulo S/A - r. Xavier de Toledo 290
Banco do Estado de São Paulo - av. Jabaquara 1219
Banco do Estado de São Paulo - r. Silva Bueno 1266
Banco do Estado de São Paulo - r. Silva Bueno 2165
Banco do Estado de São Paulo - r. da Quitanda 33
Banco do Estado de São Paulo - r. Joaquim Nabuco 138
Banco do Brasil S/A - av. Celso Garcia 3580
Banco Noroeste do E. de São Paulo S/A - r. A. Penteado 216

HOSPITAIS E PRONTOS SOCORROS

Hosp. Adventista de SP - r. Tamandaré esq. r. Rocha Pombo
Pronto Socorro Santa Paula - av. Santo Amaro 2468
Same Serviços de Assist. Médica S/A - r. P. Gomide 613
Hosp. e Mat. Modelo Tamandaré S/A - r. Tamandaré 753
Hospital Zona Sul S/A - r. Belchior de Pontes 270
Hospital Mater. Dei S/A - r. Marcelina 441
San. São Lucas - r. Pirapitingui 114
Pronto Socorro de Fraturas da Lapa - r. Carlos Vicari 61

CLUBES

Sociedade Esportiva Palmeiras - r. Turiassu 1840
Ipê Club - r. Estado de Israel 1101
Sociedade Paulista de Tiro - pça dos Trotadores 1
Clube de Regatas Nitro Quimica - av. dr. J. A. da Nova 300
Pirituba Futebol Clube - av. Cristo Rei 44
Gremio Rec. Cult. do Comércio de SP - r. Pedro Doll 530
Sociedade Hípica Paulista - r. Quintana 22
Clube Atlético Juventus - r. Neópolis 152
Clube Recreativo de Vila Romana - r. Marcelina 110
Casa do Minho Sociedade Cult. e Recr. - r. Souza Caldas 253
Clube Alto dos Pinheiros - r. Guerra Junqueira 115
Jockey Club de São Paulo - r. Boa Vista 280
Tennis Club Paulista - r. Gualachos 285
Clube Paulistano de Tiro - av. Santa Inês 3321
Clube Transatlântico - r. 13 de maio 1266
Sport Club Corinthians Paulista - r. São Jorge 777
Esporte Clube Pinheiros - r. Tucumã 142
União Vasco da Gama Futebol Clube - r. da Mooca 297
Soc. Esp. e Recr. V. Anastácio r. Bernardo Guimarães 184
Ass. Atlético Cidade de S.P. - pça dom José Gaspar 106
C.A. de Vila Matilde - av. Marcondes de Brito 388
Tennis Club Paulista - r. Gualachos 285
Sociedade Esportiva Corinthians de Aricaudva - r. Marajoara 2
Nacional Club - r. Angatua 703
Flor da Espanha Futebol Clube - r. Miguel Mentem 1701
União Rio Branco Esporte Clube - r. Francisco Coimbra 855
Clube Recreativo e Cultural Estrela do Este - r. Gino 21-B
Associação Museu Lasar Segall - av. pe. A. J. Dos Santos 499
Santa Monica de Campo e Náutica - estrada do Bororé 2332
Touring Clube do Brasil - av. Tiradentes 728
Phibra Clube - av. Rebouças 343
Clube Atlético Paulistano - Rua Honduras 1400
Gremio Recreativo LPW - r. São Judas Tadeu 22
Clube Aquático das Bandeiras - r. Cristiano Viana 950
Clube de Of. da Reserva da PM - r. Tabatinguera 268, 278 e 280
Casa dos Sargentos de São Paulo - r. Scuveiro 195
Aquarius Club - al. dos Maracatus 992
Sot. Recr. Italo Bras. Moite S. Giacomo - r. Cuiabá 421
Associação Atlética Aliados - r. pres. Artur Bernardes 40

ENTIDADES RELIGIOSAS E BENEFICENTES

Sociedade Pestalozzi de SP - av. M. D. Figueiredo 2785
Mosteiro de São Geraldo - r. Santo Américo 350
Inst. Irmãs Missionárias N. S. Consoladora - r. F. Amaral 200
Mosteiro de São Bento - lgo. de São Bento s/nº
Irmãs Franciscanas da Providência de Deus - r. prof. Carlos Gama 23
Pia Sociedade de São Paulo - r. dr. Pinto Ferraz 183
Congregação do Santíssimo Redentor - sitio da Lagoa Encantada
Mitra Arquidiocesana de São Paulo - av. do Café 688
Soc. Civil Irmãs de Santa Cruz - estrada da Campininha 901
Ass. Cat. Kouping Piraquara SP - r. B. do Triunfo
Congr. Cristã do Brasil - r. Almirante Brasil 60
Cruz Azul de São Paulo - av. Lins de Vasconcelos 356
Associação do Colégio dos Anjos - r. Cardoso de Almeida 541
Soc. de Ed. e Prom. Social I. Conceição - r. A. Lessa 127
Igreja N. S. das Angústias - r. dr. Rubens de Meireles 136
Paróquia Santa Terezinha - av. Bosque da Saúde 803
Fund. Antonio e Helena Zerrener de Beneficência - r. Vergueiro 17

POSTOS DE SERVIÇO PARA AUTOMÓVEIS

Auto Posto Clima Ltda - av. Ipiranga 624
Auto Posto Madalena Ltda - av. dr. Arnaldo 1611
Auto Posto (ilegível) - r. Maria Candida 42
Lubrificantes Everest Ltda - r. Tanque Velho 509
Posto Jaguar do Mandaqui Ltda - r. V. da Pátria 4380/85
Posto de Amortecedores Rogério - r. Guaicurus 481
Auto Posto Joia do Jacanã - r. Benjamin Pereira 2
Auto Posto Bel Ltda - r. Barão de Campinas 462
Posto de Serviços Cangaiba - r. Cangaiba 1887
Posto Belas Artes Ltda - r. da Consolação 2367
Posto Tarumã Ltda - r. do Paraíso 120
Portal do Morumbi Serviços Automotivos - av. Morumbi 6705
Auto Posto Prata 90 Ltda - r. pde. João Manoel 385
Visacar Serviços Mecânicos Ltda - av. N. S. do Sabará 1488
Posto de Serviços Santeiro Ltda - av. Cupecé 3909
Auto Posto Domieri Ltda - r. Maria Cândida 42
Auto Posto Spell Ltda - av. Adolfo Pinheiro 1710
Posto de Serviços Samaro Ltda - av. N. S. do Sabará 2456
Auto Posto 1090 Ltda - av. prof. Celestino Broulloul 1090
Auto Posto Niagara - av. Otaviano Alves de Lima 3000
Posto de Serviços São Matheus Ltda - r. Barão de Jundiaí 123
Posto de Abastecimento Armando Frediani - r. Major Paladino 448
Teca Serviços Automotivos Ltda - r. Bela Cintra 1365
Auto Posto Carlu Ltda - av. Nações Unidas 3849
Ser Car Auto Posto de Serviços Ltda - r. Prates 493
Auto Posto Specar Ltda - r. cel. Rodovalho 193
Posto Nascimento Ltda - r. Afonso Eras 251
Auto Posto Lemos Monteiro Ltda - av. Eusebio Matoso 1250
Posto de Serviços Riviera Ltda - av. Lins de Vasconcelos 925
Auto Posto Ouro 22 Ltda - r. dr. Jesuino Maciel 789
Superstar Auto Posto Ltda - r. Americo Brasileiro 2280
Auto Posto Itabras Ltda - r. Barra Funda 572
Posto de Serviços Rubem Berta Ltda - av. Rubem Berta 1680
Auto Posto Providência Ltda - r. Vergueiro 6689
Posto de Serviços Perdizes - lgo. Padre Péricles 185
Posto Princesa Isabel Ltda - av. Rio Branco 1010
Germano Auto Posto Ltda - al. dos Guntias 375
Auto Posto de Gasolina São Cristóvão - r. dr. José Elias 631
Posto Pauliceia Ltda - al. Eduardo Prado 874
Auto Posto São Paulo S/A - av. João Dias 794
Auto Posto Jardim Paulista - r. Tutoia 238
Posto de Serviços Polibras Ltda - r. Costa Valente 363
Cantinho do Céu Auto Posto Ltda - estrada de Itapeperica 3947
Auto Posto Gemeos Ltda - r. dr. Nestor Macedo 13
Garage e Posto Cacique Ltda - r. Barra do Tibagi 389
Auto Posto Palacio Ltda - av. Washington Luiz 3684
Auto Posto Mara Miru Ltda - al. Maracatins 1413
Posto de Serviços Kiko's Ltda - r. Voluntários da Pátria 1275
Posto de Amortecedores Rogério Ltda - r. Guaicurus 485
Auto Mecânica Granada Ltda - r. Guaratinguetá 200
Ouro Preto Auto Posto Ltda - r. Belmonte 90
Nova Retífica de Motores Ipiranga Ltda - r. Ribeiro do Amaral 596

HOTÉIS

Samambaia Hotel Ltda - r. 7 de Abril 422
Othon Palace Hotel - r. Libero Badaró 190
Hotel Manchete - av. São João 1124
Pax Hotel - al. Barão de Limeira 253
Hotéis Nacionais Hona Ltda - av. Duque de Caxias 433
Indústria de Hotéis Guazzoni Ltda - r. Avanhandava 308
San Raphael Hotel - av. São João 1173
Horsa S/A Hotéis Reunidos Hotel Jaraguá - r. M. Quedinho 44
Hotel Itamarati - av. dr. Vieira de Carvalho 153
Osaka Plaza Hotel - pça. da Liberdade 149
Hotel Jardim América - r. Teodoro Sampaio 1075
Companhia de Hotéis Comodoro - av. Duque de Caxias 525
Hotel Morumbi - r. Teodoro Sampaio 2811
Contetur Cia. Nac. de Hotéis e Turismo - av. Ipiranga 1179 a 1207

PROPRIETÁRIOS DE IMÓVEIS

Edy Guggysberg - r. Aninha 201
Lauricy Fonseca - r. Jovita 167
Salvador Lopes - r. cel. Antonio Macedo 89
Cpnde Attilio Matarazzo - pça. da Sé 21
Youssef Darkoubi - r. Eloy Cerqueira 287
Eristal Del Carlo - av. Paulista 1159
Samuel Klein - r. Bento Freitas 174
Espólio de Victorio Ceccoletto - av. Celso Garcia 1602

Sebastiana Cunha Bueno - r. Augusta 2445
Ernesto Rotschild S/A - r. Jamará 64
Guerino Dionigi - r. prof. Antonio 194
Pietro Candreva - r. Margarida 405
Luis Tosta Santos - r. Santa Maria 55
Avefino Ferracioli - av. Inconfidência Mineira 119
Fouad Paiz Abboud - r. Teodoro Sampaio 2617
Maximo Fortunato - r. dom José de Barros 329/337
Nicola Hannud - r. Felipe Camarão 461
Jorge da Cunha Bueno - r. Martins Fontes 228/236
Celestino Pereira Felipe - r. Corifeu de Azevedo Marques 5035
Floralval Argiona - r. Turiassu esq. pça Marrey Jr.
José Zanola Filho - av. Tietê 259
Amadeu Boccia - av. Celso Garcia 4285/95
Roberto Sampaio Ferreira - r. pde. Ant. José dos Santos 530
Marques M. Gregório e Hermenegildo L. Antunes - r. Turiassu 734
Saymon Botkowsky - r. Maria José 289
Mauricio Tuck Schneider - av. Angelica 2223
Helio Caretoni - r. Ferreira Viana 800
Eduardo Benjamin Jafet - av. Ipiranga 879
Eduardo Benjamin Jafet - r. 7 de abril 264
Eduardo Benjamin Jafet - av. Ipiranga 1092
Chafik Rayes Jr. - r. Bom Pastor 2826
Dirceu Datti - r. Salvador Leme 281
Walter Grassmann - av. Santo Amaro 7123
Américo José Aguiar - av. Santa Catarina 479
Vicente Paulo Alves Pereira - av. pde. Arlindo Vieira 160
José Boaretto - estrada do M'Boy Mirim 7815
Manoel de Andrade Grillo - r. Roberto Kock 296 e 282
Nelson Gualberto de Oliveira - av. 9 de Julho 1231/1237
Dorival Almeida Ruiz - r. dr. Mário Vicente 22
Luis A. F. Bauer - r. Domingos de Moraes
Tiago Nogueira - r. Clelia 177
Romeu Rampinelli - av. Jaguaré 717
Walter Tassinari - r. José de Albuquerque Medeiros
João Machado de Siqueira - r. Chico de Paula 192
Conde Bernard Henry Marie de Bonneval - av. São João 455/9
João Batista dos Ramos - r. Catão 275
Virgilio Ribeiro Pedro - av. Santa Inez 565
Waldomiro Macedo - r. Tamandaré 348
Dorival Almeida Ruiz - av. Cruzeiro do Sul 3449
(ilegível) Kraus - pça. mal. Deodoro 500
Fortunato Lodovici - av. Corifeu de Azevedo Marques 5541
Amadeu Rodrigues Gusmão - pça. N. S. das Vitorias 295
Waldemar Paulo Grassmann - av. João Dias 1934
Manoel das Neves - r. Clelia 2208
Luiz Monzoni Pinheiro Santos - r. Paulo Borba s/nº
Orlando Federzoni e Natale Federzoni - av. Sapopemba 6082
Humberto Monacelli - rodovia Raposo Tavares km 18
Eduardo Ayubi - r. min. Ferreira Alves 572
Francisco Paulo Magalhães - r. Manoel Gaia 525
Othon Linc Bezerra de Mello Jr. - pça do Patriarca 69
Masahiro Kanashiro e outros - estrada do Ipiranga esq. r. B
Antonio Romano - r. Serra de Botucatu 1642
Melo Lombardi Neto - av. Conselheiro Carrão 3461
Roberto Cardamonne - r. Roberto Simonsen 120
Heitor Tombé - r. do Emissário 467
José Rodrigues - r. Doralisa 517
Carlos Eduardo Rosenthal - r. Martim Afonso 189
Paulo Okada - r. Parapuá 197
Paulo Orlando Bragaglia - r. N.S. do Socorro 134
Francisco Paulo A. L. Izzo - r. Visconde de Parnaíba 1844
Salim Rizkallah Jorge - av. São João 1896
Luciano Antonio Alves Boranga - r. Augusta 2705
Taufik Paris Gabriel - r. São Jorge 374
Otavio Gelf - r. Serra de Botucatu 1759
Luigi Salemi - r. Domingos de Moraes 1555
Luiz Moia Bono - r. Oratório 5300
José Cassio Daltrini - av. Mofarrej 554
Wanderley Cecchi - av. Silvio de Campos esq. r. 7
Graciano J. Andrade - r. Tameindé 828/848
Teresa de Toledo Lara - r. Alvares Penteado 177 a 185
Teresa de Toledo Lara - r. Direita esq. r. Quintino Bocaiuva
José Batista de Oliveira - av. Itaberaba 5145
Manoel Angelo de Mendonça - r. Benedito Egidio Barbosa lt. 54
José Cicero de Godoy - r. Rio Formoso 25
Waldomiro Zarzur - r. Palm 223
Ivan Saurar - r. ten. Landy 375
Antonio Cury - r. Major Paladino 430
Albertina Cândida Pereira de Carvalho - r. B. de Ladário 111
Mario Zapp e Aristedes Pileggi - r. José Zapp 255
Hermínio Gatti - r. George Schmidt 325
Asdrúbal D'Avila Marchetti - av. prof. Celestino Bourroul 1005
Humberto Monacelli - rodovia Raposo Tavares km 18,555
Jonas Glatstein - r. dos Campineiros 575
Aldo Fernando Chaves e outros - r. eng. Bordoti s/nº
Eric Gerhard Hanitaach - r. Guaianazes 368
Oswaldo Urias Barros - av. dep. Emilio Carlos 1004
Agostinho Teixeira Cortes - r. cel. X. de Toledo 280, 290 e 300
Rubens Jorge Ferreira - r. dr. Cezar 298
Osmar Vianna - av. Parada Pinto esq. r. 22 de agosto
José Marçal Jackson - av. Morumbi 8034
Armando Pelegrino - r. Tabajaras 175
Waldomiro Pavão - r. da Bica 290
Vitor Julio Lerario - r. Santa Rbsa 506
Itsu Segui - r. Conde de Sarzedas 76
Dorival Almeida Ruiz - av. Cruzeiro do Sul 3449
Oswaldo Mitsuo e outros - r. do Orfanato 1280
Augusto José Rodrigues - r. dos Gusmões 83/87
José Eduardo Loureiro - av. Senador Queiroz 96
Rogério Di Giorgi - r. Guamiranga 1530
Francisco Luiz Toril - r. Vespasiano 219
Paschoal Vinicio Cattusci - av. Morumbi 6705
André Aime Gregorie Oushana - av. Francisco Rodrigues 497

RESTAURANTES E LANCHONETES; SALÕES

Panificadora 15 Ltda - lgo. 13 de maio 476
Soc. Suissa de Benef. Helvética - r. Caio Prado 183
Bate Papo Chop Bar Ltda - pça. pres. Kennedy 277
Cuca Drive-in Ltda - av. Arno 71
Restaurante Choperia Barracuda Ltda - av. Ibirapuera 2407
Salão de Festas Arco Iris - av. Interlagos 1606
Salão de Festas Brooklin - av. Morumbi 8545
Restaurante Recreio Holandes - r. Maria Amalia Lopes Azevedo 1006
Lanchonete e Salão de Festas Palacio Ltda - r. Guaianazes 340
Bar e Restaurante Dançante Castelinho - av. Nova Cantareira s/nº
Roleta Drinks Ltda - r. Rego Freitas 52
Super Lanchonete Blue Ltda - pça. Panamericana 21
Corcelson Salão de Festas Ltda - estrada do Mar 237
Empresa Dançante Atila - r. Afonso Sardinha 25

CINEMAS

Empresa Cinemat. Haway Ltda Cine Gazetão - av. Paulista 900
Sacibra SA Cine Um - r. Augusta 2053 e 2975
ABC Cinematográfica Ltda - r. pde. João Manoel 100
Aurea Filmes S/A - r. Domingos de Moraes 348
Empresa Geral de Cinemas - av. Santo Amaro 764
Cine Cairo - r. Formosa 401
Cine República - pça. da República 368
Cine Arouche Estudium - lgo. do Arouche 426
Cia. Cinematográfica Serrador Cine Majestic - r. Augusta 1475
Cine Augustus - av. Rio Branco 300
Cine Júpiter - r. dr. João Ribeiro 440
Cine Marrocos - r. Conselheiro Crispiniano 352
Empresa Cinematográfica Haway Ltda Cine Haway - r. Turiassu 734
Cine Japi - r. Emilia Marengo 520
Cine Jôia - pça. Carlos Gomes 82
Cine Regina - av. São João 1141
Cine Teatro Aurea - r. Aurora 522
Aurea Filmes S/A - av. Rio Branco 425
Empresa Geral de Cinemas Ltda - r. dom José de Barros 326
Teatro Santana - r. Amador Bueno 209

Empresa Geral de Cinemas Ltda - av. Adolfo Pinheiro 384
Cine Esplanada - pça Julio Mesquita 34
Aurea Filmes S/A Cine Biarritz - av. brig. Luiz Antonio 2332
Aurea Filmes S/A Cine Fiametta - r. Fradique Coutinho 362
Televisão Record Canal 7 Auditório do Cirquinho - r. Miruna 713
Cine Texas - r. Roberto Simonsen 88
Cine Jamor - r. Domingos de Moraes 2833
(Todos os outros cinemas, com exceção do cine Marabá, estão irregulares de acordo com o Decreto Municipal 10.878 de 1974)

COLÉGIOS

Instituto Sagrado Coração de Jesus e Maria - av. Jurubatuba
Colégio Cardel Motta - r. Paulo Bregaro
Inst. Irmãs Mis. N. S. Consoladora - r. Franklin Amaral 200
Colégio N. S. do Rosário - r. Domingos de Moraes 2970
Faculdades Metropolitanas Unidas - r. São Joaquim 175
Inst. Irmãs Missionárias de N. S. Consoladora - av. Ipiranga 1450
Cong. das Religiosas de N. S. de Sion - av. Higienópolis 901
Fund. Anglo Brasileira de Ed. e Cult. de SP - r. Juquiá 165
Externato Santa Terezinha - r. Padre Pedro s/nº
Senac - r. Galvão Bueno 707
Irmãs Francis. da Providência de Deus - r. prof. Carlos Gama 23
Senac - r. Boraceia esq. r. Saltasalta
Inst. das Franciscanas Missionárias - av. do Contorno 797
Escola Pro-Tec S/A - r. 13 de maio esq. r. São Sebastião
Fund. Alvares Penteado - av. da Liberdade 532
Inst. de Ed. Beatíssima Virgem Maria - r. das Margaridas 36
Escola Vera Cruz Ltda - pça. Emilia Barbosa Lima 33
Instituto Mackenzie Ciclo Geral - r. Maria Antonia 403
Escola Teresa Francisca Martin - r. Antonieta Leitão 129
Externato Santa Clara - r. Bernarda Luiz 301
Escola Paulista de Enfermagem - r. Napoleão de Barros 754
Ass. Escola Graduada de SP - av. pres. Giovanni Gromchi 4716

ESCRITÓRIOS

Companhia Bandeirantes - lgo. do Arouche 270
Rubens Apovian & Cia Ltda - av. Santo Amaro 1420
Sade Sul Americana de Eng. - r. Conego Amaral Melo 28
Barone & Beni Ltda - r. Pedro de Toledo 1103
Companhia Brasileira de Projetos e Obras - av. Paulista 2240
Soc. de Inst. e Colonização - r. Domingos de Moraes 2337
Comercial São Domingos S/A - r. dom José de Barros
Companhia Internacional de Seguros - r. Libero Badaró 73
Luzwell Emp. Sociais S/C Ltda - av. Chibarras 74/84
Brasil Companhia de Seguros Gerais - r. Luis Coelho 26
Administradora Zarzur e Caran Ltda - r. 13 de maio 1021
Celmar Predial e Administradora Ltda - r. Bueno de Andrade 832/834
Tecnac S/A Administração - pça. da República 419
CIESP e SESI - av. Paulista 1307
Soc. de Ed. e Prom. Social I. Conceição - r. A. Lessa 127
Callmanis e Mometto Ltda - r. dr. Jacy Barbosa 505
Soc. Civil Adm. Paulista de Bens - r. M. Buerchard 154
Cia. City de Desenvolvimento - av. brig. Faria Lima 529/533
Sindicato de Hotéis e Similares de São Paulo - lgo. do Arouche s/nº
Bozochi & Biscardi Ltda - r. Barão de Jaguará 962
Companhia Brasileira de Projetos e Obras - av. Paulista 2240
Riskal S/A Engenharia e Comércio - r. 25 de março 990 e 1003
Sobria - av. brig. Luiz Antonio 463 e r. Quintino Bocaiuva 261 a 277
Cia. Plínio Torres - r. Washington Luiz 350
Nasser Transportes - r. Morato Coelho 368
Nassa C Agência Marítima Ltda - r. da Consolação 99
Borba, Denghia & Cia Ltda - av. João Dias 853
GTA Grupo Técnico Administrador - av. 9 de julho 5017
Irmãos Pereira da Costa S/A - r. da Consolação 297
Construtora Martinez Barja Ltda - r. da Coroa s/nº
JJB Promoções Sociedade Civil Ltda - r. Silva Bueno 2531
Waldemar Mesquita Administração - r. Libero Badaró 182/184
Meridian S/A Empreendimentos e Participações - r. Estela
Stefano Chohfi Engenharia e Comércio S/A - r. Peixoto Gomide 788
Administradora Zarzur & Caran Ltda - r. 13 de maio 1021
Cobac S/A Engenharia e Indústria - r. Emilio Goeldi 95
Serviços Center Administração - r. Santo Amaro 331
Landau Engenharia e Construções Ltda - r. Ordenações 151
Sasse Serviço de Assistência - r. Wenceslau Brás 167
Imobiliária Arbor Ltda - pça da Sé 28
Sistema de Controle de Erosão Gobimat Ltda - r. da Quitanda 96
Lumaver S/A Empreendimentos - av. brig. Luiz Antonio
França Ferraz S/A Engenharia e Construções - av. Mergenthaler
Riachuelo Othon S/A Com. e Imp. - r. Major Paladino 507
Predial e Adm. Santa Rosália - av. C. Libero 464
Didonato e Genicolo Ltda - r. dr. Cezar Castiglione Jr. 46
Siniscalchi, Siniscalchi Ltda - av. Lins de Vasconcelos 1857
Adm. e Rep. Telles S/A - r. cel. X. de Toledo 83
Comércio, Indústria e Administração - r. 7 de abril 338
Contico - r. Libero Badaró 405
Rocha Adm. e Agropastoril S/A - av. das N. Unidas 3819
Constec Construtora Tecnica Ltda - av. pres. Wilson 5874
Kyoel do Brasil S/A Emp. Imob. - av. Paulista 467
Const. Com. Guilherme Corazza - r. V. de P. Seguro 291
Imaven Imóveis - brig. Luiz Antonio 1353
Waldemar Mesquita Imóveis - r. Cons. Crispiniano 105
Construtora e Imobiliária Perdizes Ltda - av. Antarctica 539
Adolpho Lindenberg S/A - r. prof. S. Soares de Faria 907
Conferma Construtora - r. Capote Valente 1336
Nazarian Administradora Comercial Ltda - r. Libero Badaró 491
Helio Dias Siqueira S/A Imobiliária - r. Rocha 119
Itaoca S/A Administrador de Bens - av. brig. Luiz Antonio 849
Helio Dias Siqueira - r. Bueno de Andrade 743
Service Center Condomínios Ltda - r. Tabatinguera 167
Almeida Leite Ltda. Administradora - r. B. Constant 138
Palmira Administradora Ltda - r. Mazzini 167
Construtora Passareli S/A - r. Waldoro 9

DIVERSOS

Telesp Telecomunicações de São Paulo S/A, nos endereços:
r. Costa Valente 239
r. Basílio da Gama 165
r. Butantã 215
r. General Osório 532
r. Almirante Brasil 200
r. Benjamin Constant 174
av. Cruzeiro do Sul 2539
r. Andrade Neves 429
r. Xavier Curado 469
r. Antonio Bueno 20
Comasp Santo Amaro
Drury's S/A - r. Ferreira Viana 892
Abegoaria de Petróleo Ltda - r. Patapio Silva 307
Light Serviços de Eletricidades S/A - r. do Lavapés 463
Museu Lasar Segall - av. pde. Antonio José dos Santos 449
Tv Globo São Paulo S/A - pça. mal. Deodoro 340
Produtos de Petróleo Combultuz - av. Carioca 780
Sesc Serviço Social do Comércio - r. dr. Villa Nova 245
Metropolitano Diversões Ltda - av. Jabaquara 1337
Aero Clube (endereço ilegível)
Armazéns Gerais Columbia S/A - r. Vemag 429/425
Cooperativa Agrícola de Cotia - av. Jaguaré 1478
Viação Rio Bonito S/A e Viação Bola Branca S/A - r. 2, nº 9
Empresa de Ônibus Campo Belo - r. Heraclito Graça 203
Rações Agrovita Ltda - r. João Alfredo 469
S/A O Estado de São Paulo - r. Major Quedinho 28, 54 e 76
Diários e Emissoras Associadas - r. 7 de abril 216 e 230
GTE Telecomunicações S/A - av. Funchal 532
Empresa Auto Ônibus Vila Pirituba Ltda - r. Pirituba 1
Discubra - r. Barão de Piracicaba 793/799
Editora Pini Ltda - r. Anhaia 964
Guias LTB S/A - r. Cincinnati Braga 388 e av. Liberdade 956
Companhia Brasileira de Armazéns Gerais - r. Dianópolis 122
Sociedade Suíça de Beneficência Helvética - r. Caio Prado 183
Distribuidora de Bebidas Santo Amaro Ltda - r. João Alfredo 422
Viação Cometa S/A - r. Campos Sales 550

Fique tranquilo. São Paulo está no seguro.



Olhe ao seu redor.

Cada uma das riquezas que você vê em São Paulo são suas, e estão sob a proteção da COSESP - Companhia de Seguros do Estado de São Paulo: uma grande Seguradora do Governo Estadual para garantir o patrimônio público.

Mas não são só obras, empresas e bens estaduais que a COSESP protege.

Empresas privadas também.

Assim como você, e a sua família.

Pois além da sua responsabilidade para com o Estado, ela oferece ainda uma extensa e diversificada linha de serviços aos particulares: seguros para automóveis, vida em grupo, acidentes pessoais, incêndios, transportes, lucros cessantes, crédito interno, crédito à exportação, fidelidade, res-

ponsabilidade civil, rural e riscos diversos.

Lembre-se de tudo isso ao procurar uma companhia de seguros, e pense grande: escolha aquela capaz de atender a um cliente do tamanho de São Paulo.

Consulte o seu corretor ou chame a COSESP.

Você terá a mesma proteção que um Estado inteiro.



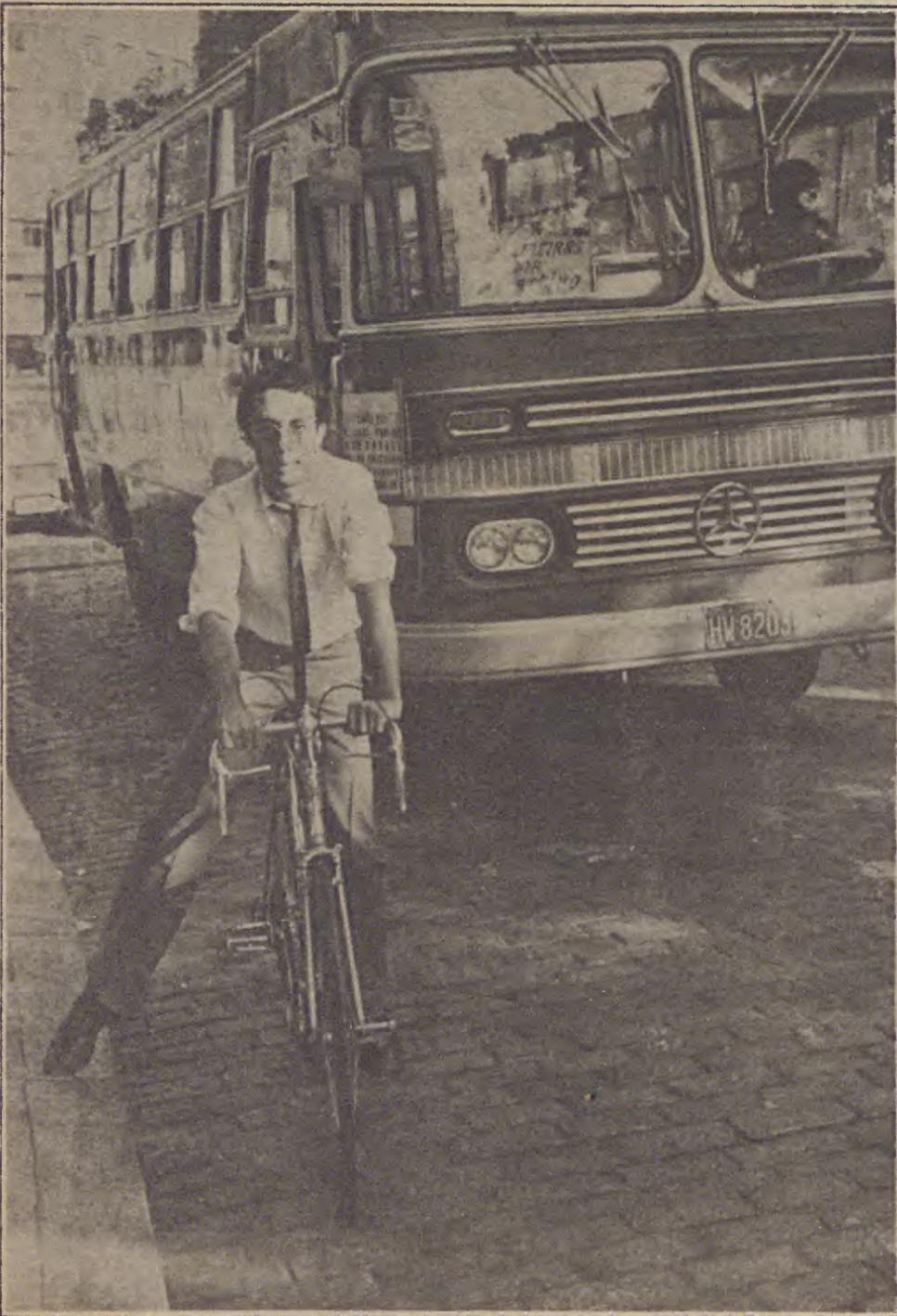
COMPANHIA DE SEGUROS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Conselheiro Crispiniano, 72 - Telefone: 239.2911 - São Paulo



São Paulo - ponte do
progresso nacional.





Como um "ser paulistano", essa nova espécie, se comportará se um dia resolver adotar a bicicleta como meio de transporte para ir ao trabalho?

— "... e saia pedalando por aí."
Quando vi a "flamante bicicleta", prateadinha, 10 marchas, tipo esportivo, pensei logo nessa frase. Não sei onde a tinha ouvido, na televisão talvez. E me lembrei também da "magrela" de 4 ou 5 anos atrás, de como era gostoso "sair pedalando por aí". Confesso: cheguei a vibrar.

Mas andar de bicicleta em São Paulo? — "Impossível não é, tanta gente faz" — pensei com os meus botões. E, além do mais, a bicicleta tem um grande futuro — Não gasta gasolina, não faz barulho, e não lota as ruas como fazem esses carros. Já vi gente de terninho, gravata, pastinha, trabalhando de bicicleta. Isso mesmo, trabalhando ou indo para o trabalho.

— "Além de ser um esportista vou usar minha bicicleta como veículo utilitário."

Fascinante, não? Pois é... Então, vamos testar a bicicleta como meio de transporte. Vestido como esses milhões de paulistanos: sapato, calça de tergal, camisa clara, gravata e o paletó. Tudo pronto, é só sair.

O "técnico" logo me tirou um pouco do ânimo:

— "Ah... faz tempo que não anda de bicicleta?... Então não use essa catraca aí, se não amanhã não vai poder nem andar."

Não usar "essa catraca aí" implicava em uma coisa: das 10 marchas, só 5 poderiam me ajudar a correr mais, subir mais fácil, pedalar menos.

— "Restam cinco" — tentou me consolar.

Cinco é melhor que nada. Vamos em frente. Saí de casa, pedalei uns duzentos metros pela Avenida Santo Amaro. No plano use a catraca do meio; em subida, levante a alavanca; para velocidade, abaixe" — foram as instruções.

No fim dos duzentos metros iniciais, a primeira subida. Não vou mentir, subidinha micha. Engatei a primeira marcha de rampa. Em seguida a última. E pedalei fraco. Epa! Tenho que fazer mais força. E mais. E mais. Começo a suar, a respirar pela boca. Quase desisto. A perna não gostou, quer endurecer, começou a doer. Mas venço. E a descida providencial dá tempo para retemperar as forças.

Entro pela Avenida Antonio João de Moura Andrade, rumo ao Parque do Ibirapuera. Só então percebo que não estou sozinho na pista. Aliás, estou acompanhado demais: vários carros passam velozes, não muito perto. Ainda bem, você só vê o perigo depois que ele passa. Mas rua de pouco movimento não vale. Derivo para a República do Líbano.

Aí a coisa começa a engrossar. Pedalando, pedalando, mesmo no palano, você sente um calorão desgraçado. E o que fazer com o paletó? E a gravata, apertando o pescoço desse jeito? Vou afrouxar a danada; ao mesmo tempo faço uma dolorosa descoberta: bicicleta, mesmo dessas caras, não existe. Pelo menos, os motoristas não acreditam nisso, não a vêem, ignoram-na, só falta cuspir nela. Resolvo tomar mais cuidado. Continuo pedalando.

Quando chego ao Monumento das Bandeiras, paro. Não, não é por livre e espontânea vontade, juro. Não estou nem no meio do caminho — é que minhas pernas se recusam a continuar, suo de corpo inteiro, me sinto no Saara, tamanha é a sede.

Livro-me do paletó. Tento ficar em pé, descansando. Acabo sentado, os olhos investigando os arredores. Água, onde tem água? Em lugar nenhum. Só encontro refrigerantes. Serve.

Bebo o mais devagar possível. Mas não pelo velho conselho materno do tipo "não beba gelado com corpo quente". Não, nada disso. Estou é pensando, seriamente, em desistir da empreitada. Mas o que é que vão dizer se eu falhar na primeira tentativa? Não desisto. Afinal, não sou um rato.

Pelo roteiro traçado, tenho que passar por baixo de um viaduto, entrar na Rua Sena Madureira, procurar um retorno e pegar a Avenida 23 de Maio. Olho para essas bandas e quase caio de pavor: uma subida enorme e lá em cima, só lá em cima, o retorno.

Covardemente, pego a bicicleta, subo uma escadinha com ela nos braços e vou andando o mais rápido possível pela passarela do Detran. Num instante, estou na 23 de Maio.

Os carros logo me vêem. Eu bem que procurei me esconder, andando quase encostado na calçada. Mas eles fazem questão, passam quase por cima, a centímetros do meu corpo. Começo a fazer feio. Pedalar em linha reta, bonitinho, que nada! É do jeito que dá e que os carros deixam. Colarinho aberto, gravata frouxa, as pessoas me olhando com cara de espanto, a bicicleta em ziguezague. Aí, me vejo perdido. O panorama que agora se descortina é desolador: a maior subida que vi em toda a minha vida; pior, que senti em toda a minha vida. Um táxi amarelo me corta a frente, desvio para a esquerda, escapo de outro carro. Por pouco, muito pouco, pouco mesmo! E fico ilhado no meio das duas pistas. Como fazer para voltar? Depois de muita espera, passo para o outro lado — a pé, bem dito. Então, vamos subir.

Engato a marcha mais forte. Pedalo com força, parece que estou empurrando um trator. O fim da lombada se aproximando, eu quase morrendo, a "coisa" quase parando. Parou. Quase no fim, ela parou! Descanso à sombra de um viaduto. Percorro o que falta até a descida e então... ah... como é gostoso andar de bicicleta sem pedalar!

Quase no fim da avenida um guarda, desses de motocicleta, encosta ao meu lado:

— "Amigo, não pode andar na pista com bicicleta."

— "Mas onde eu vou andar?"

— "Na calçada" — e vai embora.

Que jeito? Os pedestres que tomem cuidado comigo. E lá vou eu, 23 de Maio abaixo, pela calçada. A cada esquina é descer, olhar para todos os lados, e atravessar correndo, com o "veículo" na mão.

No Anhangabaú levo outra cortada, um pouco mais grave pois entro calçada adentro, quase caio. De novo um táxi. O que será que os táxis de São Paulo têm contra mim, ou contra bicicletas? Mas, para reabilitar a classe, a próxima cortada é de um Dodge Dart particular marrom. Quando me viu começou a buzinar e acelerou. Senti medo? Acho que não, não deu tempo. Tratei de me safar.

Entro na São João. Minhas pernas já não doem. Olho preocupado para ver se elas ainda estão lá. Ufa! Estão. Mas as coisas começaram Na São João, além dos carros, os pedestres todos também teimam em ficar bem no meu caminho. Um consegue pular para trás, outro corre, um senhor velho, terno marrom, assusta-se e... pára. Tranquilizem-se: também paro. Quase em cima, mas paro. Peço desculpas e ele também:

— "Não tem nada. Eu também devia ter olhado antes."

Que cidadão exemplar!

Agora, o "centrão". Avenida Ipiranga, 7 de Abril, Praça Ramos de Azevedo. A primeira e única vantagem: com bicicleta o farol é sempre verde, se não houver tráfego na transversal. Passo quase todos da Avenida Duque de Caxias. Como se isso adiantasse alguma coisa. Jurei por tudo quanto é sagrado que nunca mais repetirei a façanha. No máximo vou contar para os netos. Entro no Bom Retiro, estou chegando.

Paro numa esquina, tentando acreditar que sobrevivi, se bem que em condições precárias... Um garoto passa, olha para a bicicleta infame, e diz para o amigo:

— "Bicicleta jóia é essa aí."

Jóia, né? Então saia pedalando por aí. Vamos, saia!

Duas horas e meia, suor e lágrimas, do Itaim ao Bom Retiro

Teste de João Otávio Malheiros
Fotos de Amâncio Chiodi



“Dizemos que o teatro está morto, mas nós é que estamos mortos. Meu caminho é devolver a vida às pessoas. Ser atriz é uma coisa menor, é apenas como um bombom gostoso.”



A fundadora da Sala Gil Vicente acaba de dar “uma chacoalhada nesse marasmo em que vivemos”, com seu II Festival Internacional de Teatro. Aos 40 anos, a vida toda dedicada ao teatro, Ruth Escobar faz algumas autocríticas (“não faria o Balcão hoje em dia, faria um teatro popular”); critica os companheiros de classe que só pensam em televisão (“a tv compromete o OI deles”); e fala com paixão de seu Centro Latino-Americano de Criatividade (“não existe mais uma solução brasileira, mas sim uma solução latino-americana”). Transformada em milionária — o terreno que comprou por 350 mil cruzeiros, há poucos anos, para instalar o Centro, em Atibaia, vale agora 80 milhões de cruzeiros — ela diz que poderia ir morar no Mediterrâneo. Mas não é isso o que quer.

Entrevista a Hella Schwartzkopff
Fotos de George Love

Ruth Escobar. Uma figura controversa nesta São Paulo grande e controversa. Amada e detestada, encarada como uma pessoa mesquinha ou generosa, empreendedora dentro do processo social ou simplesmente megalomaniaca, com uma coloração política de extrema esquerda ou de extrema direita, fiel aos que partilham a vida de teatro com ela, ou uma figura diabólica e equívoca.

Estou diante desta mulher de 40 anos, com um rosto de feições bem definidas e um olhar avaliador e inteligente, em sua casa no Pacaembu. Seus cinco filhos entram e saem, e de vez em quando ela se dirige a um deles chamando-o de "fofinho" e pede mais um cafezinho.

— "O que trouxe de fato o II Festival de Teatro pra nós?"

— "Tive a preocupação de trazer várias opções pra dar uma chacoalhada nesse marasmo em que vivemos. E o pessoal do teatro tem de ver que não pode mais falar por conta da censura. Porque por conta dela vamos chegando a uma incompetência criativa. Eu trouxe a Espanha no ano passado, com o *La Quadra*, e este ano com *Els Jograls*, e eles mostraram que mesmo num regime de ditadura podem dizer muita coisa. Podem se comunicar através de outros recursos. Há sempre como sair, como encontrar outros caminhos. Trouxe a Islândia, Uganda, Irã, França, e todos eles dão margem pra se fazer uma avaliação das possibilidades que os países nos apresentam. O nosso teatro está numa encruzilhada tão dramática que não sei... A classe teatral foi invadida por especuladores — os famosos intermediários — e isto aqui virou uma *brodvei cabocla*. O teatro perdeu sua feição. A idéia de fazer o Festival de Teatro foi muito importante, porque mobiliza a cidade, e porque traz um ar fresco, e o pessoal pode ver que ainda existem perspectivas em países onde há a ditadura. A Espanha, com Serralonga, volta às suas raízes e vem com aspecto de festa, de circo, de feira. Acho importante fazer um Festival de Teatro porque dá uma contribuição às vanguardas da *intelligentzia* do país, de São Paulo, pra que os poetas, os teatrólogos, os arquitetos, os atores e diretores saibam o que se está fazendo em todos os países do mundo, em matéria de teatro. E isso dá subsídios a essa *intelligentzia*, que está num marasmo desde 68. É importante mexer com tudo isso."

— "Esse Festival recebeu subsídios do Estado?"

— "Eu organizei o Festival, que estava orçado em 2 milhões, e me dirigi ao governo, que me deu um subsídio de 650 mil cruzeiros — 325 mil da Secretaria de Cultura do Município e 325 mil da Secretaria de Cultura do Estado — e se houvesse déficit eu tinha de vender parte do terreno onde pretendo criar o Celac, o Centro Latino-Americano de Criatividade. Pra cada trabalho que faço, eu procuro o governo, porque é um trabalho de interesse público, mas sei que nunca essas iniciativas vão ser suficientemente subvencionadas."

— "Já ouvi falar do Celac. Me parece um projeto bastante ambicioso. Vai ser em Atibaia?"

— "Esse é o projeto da minha vida. Durante todos esses anos eu me desgastei muito fazendo teatro. Teatro como proposta política, num continente como a América Latina, é uma coisa muito vaga, e depois de dez anos de luta a gente chega a ficar de coração partido e cabeça vazia. Fazer o Centro me pareceu o meio de cumprir o meu trabalho de forma mais eficaz, sem ficar tão presa à produção teatral, que é um negócio que desgasta muito. E por muitas circunstâncias não leva a nada. Já estou começando a construir, mas com as chuvas deste começo de ano tive de parar tudo. O teatro estará pronto até março do ano que vem. Tenho o intuito firme de não fazer daquilo um elefante branco. Me preocupo com a idéia de que tudo não vá num turbilhão e depois se desvincule das suas raízes. Como quero fazer daquilo uma comunidade agrícola-cultural, eu mesma vou morar lá. quero que o Centro tenha uma ligação real com a cidade, pra não se tornar uma coisa fantástica, desligada da cidade. Um dos projetos mais antigos da minha vida é criar uma creche pra crianças orfãs. Gosto imenso de crianças. Em 68 houve problemas com filhos de exilados políticos, e uma velha que estava presa me pediu que ficasse com as crianças que estavam com ela, porque os pais tinha morrido. Me passou os papéis, mas o juiz me negou ficar com elas porque eu era desquitada. A partir daí, com a ajuda de uma carcereira, comecei a contatar os filhos de presos políticos que não tinham com quem ficar. E também me interessei por filhos de indigentes, porque normalmente, quando vão pra uma organização do Estado, tornam-se mais tarde indigentes também. Nesse meu projeto em Atibaia, consta a relação de uma creche, só que em vez de abrigar crianças orfãs — o que obriga a um processo jurídico complicado e moroso, inclusive exigindo que se crie uma fundação — vou atender à população pobre da região. Lá eles poderão deixar seus filhos, desde um mês de idade, e eles terão alimentação e escola. Isso fará com que haja uma ligação íntima com o povo da cidade. O Centro dará inclusive condução pras pessoas



que precisarem. Assim o Centro não fica uma coisa elitista, desvinculada da cidade."

"A solução agora é latino-americana"

Ruth Escobar fala com enorme paixão. Ela toda é energia e vibração enquanto fala da creche. Digo que acho as idéias muito boas, mas que sem muita ajuda do governo tenho minhas dúvidas de que isso possa ser feito. Ela esmiúça as dificuldades ali diante de mim, e me surpreendo com a simplicidade com que aborda as possibilidades, dizendo:

— "Em 73 comprei 50 alqueires de terra, em Atibaia, por 350 mil cruzeiros. Hoje está valendo quase 80 milhões. Loteei 10 alqueires, e com esse dinheiro vou começar as construções. Com os 20 milhões do loteamento posso fazer muita coisa. Se o dinheiro acabar... Não quero criar vínculos e pedir nada a ninguém antes de criar um projeto bem estruturado e sólido. Além disso não quero me comprometer ideologicamente. Nem pretendo pedir dinheiro antes disso estar funcionando e o teatro pronto, com a creche e dois pavilhões. Ai então estarei em condições de pedir, sem ter de baixar as calças. Já estamos traduzindo textos proibidos aqui no Brasil, pro espanhol, pra serem levados por toda a América Latina. Quero abranger o Terceiro Mundo, e já no fim deste ano vou dar um curso com Henrique Buenaventura. Esse curso será ministrado nos fins de semana e as pessoas podem se instalar num camping que terá lá. Atibaia será um centro de pesquisa e divulgação de todas as manifestações artísticas da América Latina. Já tenho delegados em 9 países me informando do que de mais expressivo e verdadeiro se faz nesses países. Pretendo, a partir de 78, fazer um festival das artes latino-americanas. Então poderemos exportar o que temos na pintura, literatura, música, folclore. Percebi que a Europa tem um grande interesse pelo que acontece na América Latina e eu pretendo romper esse isolamento cultural em que vivemos. No Brasil nós temos um duplo isola-

mento: aquele dentro do país e o isolamento do continente. Criamos o prêmio Simon Bolívar, que será dado pra cada categoria, e a finalidade é promover uma integração. Estou estimulando os outros países a criar esse mesmo prêmio, e então em vez do ganhador ir pra Paris, vai pra um país da América Latina. Não existe mais uma solução brasileira, mas sim uma solução latino-americana. Uma das idéias do Centro é promover uma consciência da necessidade de uma integração continental."

— "Por que depois de tanto sucesso como produtora, você se vira na direção de um trabalho tão amplo e complexo?"

— "Quando cheguei a certo momento da minha vida — quando fiz *O Balcão* — vi que minha tendência era me cristalizar e virar medalhão... Comecei então a bracejar sem saber que caminho deveria tomar. Fiquei um ano parada. Por um lado tinha certo desgosto, porque não acreditava no teatro que fazia — sob o aspecto da proposta ética e estética — e por outro, verificava que estava muito viciada com o esquema em que me encontrava sob o aspecto de status. É muito difícil a gente se desligar das coisas. Tive de encontrar uma coerência dentro de minhas possibilidades, ideológicas, políticas e pessoais. E foi complicado. Criei, dentro de certa linha cultural, o que se pode chamar de super-respetáculos. *Cemitério de Automóveis*, de Arrabal, ficou um ano em cartaz; e *O Balcão*, de Genet, que é um texto hermético, ficou dois anos. *Os Luziadas* levou Camões ao consumidor. Depois de *O Balcão*, ficou um enorme vazio. Não nego essa peça nem a montagem, mas não faria isso hoje em dia. Hoje eu usaria esse talento que tenho de fazer um teatro cultural, pra fazer um teatro popular altamente artístico, e não mais um teatro dirigido à classe consumidora, que é a classe média. E é isso que pretendo fazer. Não posso me desvincular do sistema em que me encontro, então tenho de trabalhar numa certa linha dentro do status. Demorei alguns anos pra firmar uma imagem e agora quero colher o que for possível através de um trabalho que não se vincule ao processo que se está criando aqui. O teatro brasileiro começa a ser um teatro altamente subvencionado, e isso é típico. Em Portugal, o teatro era largamente subvencionado. E o fenômeno



se repete aqui. Só que em vez de se denominar teatro cultural, é descaradamente comercial."

— "Como foi o começo da sua vida no teatro?"

— "Começou muito cedo. Era ainda uma criança. Foi em Portugal e eu estava ainda no colégio. Fiz todos os diabos do Gil Vicente, e é por isso que a minha sala tem seu nome. Vim pro Brasil com 16 anos e fui fazer o clássico no Colégio Roosevelt. O Flávio Rangel foi meu contemporâneo lá. Dirigi o *Auto da Barca do Inferno*, e fiz um teste com o Gianni Ratto que estava no teatro Maria Della Costa, mas não passei porque tinha sotaque português. Comecei a trabalhar como corretora de publicidade pra uma revista que criei, *A la Riba*, um nome romântico, que vem do grito que os pescadores portugueses dão quando puxam a rede. Escreviam pra minha revista Mário Chamie, Paulo Bonfim e muita gente boa. Com essa corretagem fiz bastante dinheiro, até que encontrei meu primeiro marido, o Escobar, que ia fazer um curso de filosofia na Sorbonne, com Merleau-Ponty, e fomos pra Paris. Ficamos lá de 58 a 60. Aí comecei a idéia de fazer teatro, e lá fiz vários cursos e tive meu primeiro filho, o Cristian. Quando voltei resolvi fazer teatro profissionalmente. Conheci o D'Aversa, que tinha sido o diretor do TBC, e resolvemos fazer uma cooperativa. Em 61 montamos a *Mãe Coragem* do Brecht na Cultura Artística. Perdi muito dinheiro e percebi que só conseguiria fazer um teatro de repertório se tivesse uma casa de espetáculos minha. Na época achei esse terreno onde está meu teatro, que era muito desvalorizado porque era uma ribanceira. Mas descobri que não se poderia construir uma coisa comercial lá porque o local era considerado **logradouro público**. Levei 6 meses na Câmara Municipal tentando conseguir fazer passar uma lei que me permitisse construir meu teatro. Às vezes chegava às seis e meia da manhã na porta da casa do Prestes Maia, e quando ele saía eu atacava com argumentos, até que, finalmente, foi aprovada uma lei permitindo que do número 200 ao 200 e tantos, se pudesse construir pra comércio. Está lá no código de obras. Comecei a procurar os anunciantes da minha revista pedindo ajuda, e eles me davam material, tijolos, ferro e muita gente me chamava o **terror do comércio**. Como eu acreditava que conseguiria, transmitia confiança e

dava aos que colaboravam uma cadeira cativa no teatro. Assim construí o Ruth Escobar."

"Fui uma criança muito infeliz"

— "Você já tinha uma idéia que comandaria o tipo de espetáculos que pretendia fazer?"

— "Tenho habilidade pra comerciar e aquilo em que meto a mão vai bem. Se tivesse me dedicado a fazer outro tipo de trabalho, hoje estaria milionária. Queria fazer um tipo de teatro de repertório. Abri o primeiro teatro rolante, em 64, que se chamava Teatro Nacional Popular. Comprei um papa-fila e montei um teatro. Tinha um banheirinho e um camarim, e o caminhão se abria pra se transformar num palco, e a parte que se abria formava uma concha acústica bolada pelo Igor Serenewski. O teatro era puxado por um caminhão da Prefeitura e durante um ano dei emprego pro pessoal do Arena, que fechou em março de 64. Fazíamos espetáculos na Freguesia do Ó, na Nova Cachoeirinha, em São Miguel Paulista. Foi o teatro que mais me tocou, de tudo o que fiz. Trabalhamos comigo o Fauzi Arap, Ari Toledo, Edgar Franco, os dois Mamberti, e o Abujamra dirigiu. *A Pena* e a *Lei* de Ariano Suassuna. Os atores trabalhavam como um time de futebol, com um macacão de zuarte, e falávamos com o povo. No começo tínhamos uma média de mil pessoas por espetáculo. Seis meses depois tínhamos, na praça da Sé, oito mil pessoas. Na Vila Nova Cachoeirinha tínhamos mais de 15 mil pessoas assistindo."

— "Porque acabou esse tipo de trabalho?"

— "Como não tínhamos uma infra-estrutura e nenhuma organização de base, a gente não podia utilizar o que fazia trabalhando mais intimamente com o povo. Você tem de deixar umesemente quando lida com o povo Não adianta chegar lá e dar somente um lindo espetáculo. É preciso ajudá-lo a se organizar, fazer seu próprio teatro etc. Na Vila Kennedy, no Rio, ficamos uma semana, porque fizeram um abaixo-assinado pedindo. Levamos *As Desgraças de uma Criancinha* do Martins Pena. Hoje dizem que se eu fizer uma

superestrutura eu vou ser engolida com ela, mas acho que pro que eu quero fazer é preciso uma superestrutura, pra dar condições aos que querem trabalhar comigo. A minha mira é o teatro popular outra vez. O Arena e o Oficina fizeram um trabalho importante, mas não se pode considerar um trabalho popular quando ele se dirige a 200 pessoas da classe média. Jamais um operário irá a um teatro às nove horas da noite sabendo que depois irá pra casa às 11 e tanto, tendo de levantar às cinco da manhã."

— "Onde você nasceu, e como foi sua infância?"

— "Fui uma criança muito infeliz. Muito infeliz. Acho que é por isso que eu me agarro ao que faço com essa paixão. Quando faço as coisas, faço com uma irracionalidade infantil. Quando me dizem que não é possível, aí é que eu quero. Como uma criança quer. Nasci no Porto, em Portugal, filha de pai incógnito. Portugal tem um sistema muito machista e o sistema familiar é estritamente feudal; os homens têm as esposas e a família, e além disso têm uma segunda família separada. É uma casa. É a mulher e a amante. Eu era filha da amante. Meu pai era um cavalheiro muito rico e não quis o filho. Minha mãe foi à Justiça e perdeu a causa. Com 12 anos tomei conhecimento da situação verdadeira. Até os três anos minha mãe me levava a uma loja e mandava que eu entrasse pra encontrar um homem lá no fundo. Era um homem alto, de óculos, que me dava balas e me mandava embora. Me lembro da última vez: tinha três anos e ele me deu balas e disse que não era meu pai, e eu voltei caminhando por aquela loja comprida, vendo os empregados que me observavam, e senti uma dor indescritível. Até que cheguei lá fora e minha mãe me aconchegou no colo. Daí em diante bloqueei qualquer lembrança disso tudo. Com 5 anos tive um problema quando comecei a perder os cabelos, e apesar de ir aos médicos não conseguia saber o porque disso. Só recentemente, quando fiz uma terapia ficou evidenciado que aquilo estava ligado ao sofrimento da minha mais tenra infância. Aos 12 anos fui estudar num colégio, onde estudava também a filha legítima do homem que era meu pai. Foi terrível. Tentei me suicidar, me desesperei. Fui então discriminada como a filha da amante e daí a coisa foi se agravando. Minha mãe resolveu vir pro Brasil. Eu fiquei estigmatizada numa cidade pequena que me repelia, e onde eu me sentia uma condenada. Foi essa marca dolorosa que me fez lutar desesperadamente pra ter um nome, pra ser alguém através do meu esforço. Hoje eu conheço o processo, mas paguei um alto preço por tudo isso."

"A TV achata, compromete o QI"

Observo essa mulher incrivelmente corajosa e sinto uma imensa ternura quando vejo ela conversar com as duas filhas menores, que entram na sala dizendo que mudaram de lugar todos os móveis do quarto, e que está lindo. Elas me convidam pra ver a nova decoração, e Ruth diz que iremos assim que nossa conversa terminar. Percebo muita abertura e comunicação por parte das crianças.

— "E sua vida afetiva, Ruth?"

— "Quando há cinco meses atrás me liguei com Roberto, começou, coincidentemente, uma fase muito conturbada. Meu filho fugiu e eu resolvi fazer um escândalo pela imprensa, porque queria evitar alguma coisa pior pra ele. Recebia telefonemas e ameaças. Sou perseguida pela direita e contestada pela esquerda e eu não queria ver meu filho envolvido com isso. Meu esquema profissional é muito violento, e mais cinco filhos pra criar fazem da minha vida um turbilhão. Além disso nessa época o festival foi proibido e eu tive de chegar à conclusão de que se essa proibição fosse levada a termo eu iria simplesmente querer ver o circo pegar fogo. Porque se o governo podia se dar ao luxo de proibir o festival, eu também podia me dar ao luxo de perder todo o dinheiro que tinha empatado com o festival. Se as companhias chegassem aqui e tivesse de voltar, haveria um escândalo internacional. Estavam todos reunidos em Caracas, e fatalmente os que chegassem aqui teriam de voltar pra lá. Afinal eu estou dando dividendos ao Estado quando vendo a imagem de um país democrata e liberal. A coisa mais difícil de suportar é esse mito que fizeram de mim. Depositaram em mim suas carências, impotências e insuficiências, e eles só podem fazer determinadas coisas por conta de uma fantasia que criaram em torno de mim. E isso não é o que sou. Me sinto frágil na mesma medida de tanta força e vitalidade. Me casei pela quarta vez porque não posso aceitar uma ligação de aventura. Se amo quero partilhar minha mesa, minha cama. Porque pra mim amor é assim. Infelizmente os outros casamentos não deram certo, mas me deram filhos, e isso é muito importante. Tive dois filhos no primeiro casamento, dois no segundo, e um menino no terceiro."

Vivemos como numa comunidade, e nosso relacionamento é muito honesto. Eu estava certa de que não me ligaria a mais ninguém. Eu achava que a convivência era uma coisa muito difícil. A gente sempre tem dois lados e eu sinto que por um lado sou muito apaixonada. Me queimo na minha própria chama. Por outro lado, até uns três anos atrás eu era muito machista, e tinha certo desprezo pelas mulheres. Jamais recorreria a uma médica, a uma advogada. Me relacionava mais com os homens. Essa abertura começou quando três portuguesas publicaram as **Novas Cartas Portuguesas** e foram presas e processadas porque mostravam o processo de escravidão em que viviam as mulheres, especialmente em Portugal. Houve um manifesto em favor delas em Boston, em 72, e eu participei de um movimento contra a condenação dessas mulheres. Senti então que eu não precisava mais me sentir como até ali, com uma mulher que ocupava o lugar de um homem, e que por isso tinha de me defender deles. Passei a assumir minha real configuração e senti que me podia unir novamente a um homem, sem nenhuma rivalidade. Eu sou assim como sou, e meu trabalho é importante, e vou continuar a fazê-lo, sem com isso criar divergências na relação com meu companheiro".

— "Qual a perspectiva do teatro brasileiro? Você ainda pretende trabalhar como atriz nesse teatro?"

— "Perspectivas não existem. Existem frestas de luz, como a **Gota d'Água** de Chico Buarque, e o **Último Carro** do João das Neves, que são, depois desse dez anos de marasmo, as chances de uma retomada de consciência para um teatro autenticamente nacional. A partir daí precisamos retomar uma dramaturgia brasileira. Mas precisamos também de bons diretores. José Celso foi destruído por um processo, e o Boal, que funcionava num nível didático, está na Argentina. Eles

estavam ligados a dois grupos vitais no Brasil. Eu não vejo uma saída, mas por intuição sei que deve haver uma. Estamos vivendo uma época de nostalgia e dizemos que o teatro está morto, mas nós é que estamos mortos. Na medida em que os atores e diretores entram pra televisão, eles não se comprometem só profissionalmente, mas comprometem também o QI deles. A televisão achata. A aspiração maior dos artistas é entrar pra Globo. Mas o problema dessa situação é que as pessoas que lidam com teatro são absolutamente desinformadas, não lêem, não estudam, não viajam e por isso são um grupo sem consciência de classe. Não tem nem uma entidade que seja representativa da classe. Quanto a mim, ser atriz é uma coisa menor em termos de criação. Me dá um prazer pessoal ser atriz numa peça, como dá prazer um bom jantar. Vou fazer uma **Ópera de Três Vintens** com Rui Guerra, com adaptação musical do Chico Buarque, mas isso é como um bombom gostoso. Mexer com as emoções dos outros me toca muito, e quando sou atriz lido com um dos meus múltiplos, mas não é uma coisa que me realiza. Descobri nesses dois anos em que estive sozinha, sem companheiro, que me interessa muito mais o papel que faço cá fora, do que o papel lá no palco. Se eu enho facilidade pra pôr em andamento certo processo de sensibilização nas pessoas, que paulatinamente se insensibilizam com a partida em direção ao desenvolvimento tecnológico e ao progresso — junto com um processo de racionalização — eu sinto que meu caminho é devolver a vida outra vez às pessoas, é estimulá-las a entrar em contato com sua sensibilidade. Com o dinheiro que teria se vendesse aquelas terras onde vou fazer o Celac, eu podia ir morar no Mediterrâneo, mas prefiro continuar meu trabalho no palco dessa sociedade e continuar desenvolvendo o papel que escolhi, e que é um papel importante".

Lourenço
Diaféria

AQUI CORÍNTIANS



O jogo já foi bruto. Tão bruto que foi proibido na Idade Média.

Quê que há com os meninos? Estão chutando caveira?

No futebol há lendas. Uma delas é de lascar: os ingleses jogaram sua primeira partida de futebol utilizando como bola o crânio de um soldado romano morto em combate. Abominável, direis.

Imaginem o centroavante na grande área, livre, pedindo ao médio-de-apoio:

— Passa a caveira! Passa a caveira que eu mato de trivela!

Jogada ruim era bola alta cruzando o arco. O goleiro ia com as duas mãos, os dedos escorregavam no occipital, a caveira fugia do controle, sobrava limpa para o ponta-esquerda.

— Mete a cabeça, desgraçado!

— O quê? Tu tá querendo ver minha caveira?

O jogo era bruto. Tão bruto que foi proibido durante a Idade Média Jogo diferente. O travessão era uma corda, isso aí por volta de 1865. Dez anos depois a confusão era tanta que a torcida exigiu a trave superior. A torcida, e os locutores esportivos, que nessa época não usavam microfones e tinham de transmitir as partidas no grito — esse hábito existe até hoje em alguns países, como o Brasil. Os locutores berravam:

— A bola raspa a corda e se perde pela linha de fundo! Fala, Fiorino!

— Valtencir, você está enganado. A bola não bateu na corda. A bola passou por baixo da corda.

— Tem certeza, Fiorino? Veja lá o que está dizendo.

— Estou acompanhando o lance em cima.

— É melhor confirmar. Aqui das cabinhas a visibilidade é ótima, nós tivemos a nítida impressão de que rasou a corda.

— Valtencir, olhe que a corda é fina. Daí onde você está é difícil ver. Eu estou ao lado do gol.

— Fiorino, não se esqueça que você é meu subordinado. Eu sou o locutor titular. Abre o olho, rapaz.

— Alô, Valtencir.

— Fala, Fiorino.

— Acho que você tem razão. A bola raspou mesmo a corda. Passou por fora. Só que tem uma coisa: o juiz deu gol.

— Puxa, primeiro erro clamoroso do juiz. E pensar que o árbitro estava indo tão bem na partida. Fiorino, no fim do jogo quero que você entreviste o mediador da peleja e diga-lhe que ele vai receber o motorádio.

— Falou, Valtencir. Ainda bem que nossa emissora tem um titular de esportes como você. Você não erra uma, rapaz!

No futebol, já naquele tempo, a corda rebentava sempre no lado mais fraco. De sorte que os ingleses decidiram usar travessão no lugar da corda. Com isso mudou alguma coisa no esporte bretão?

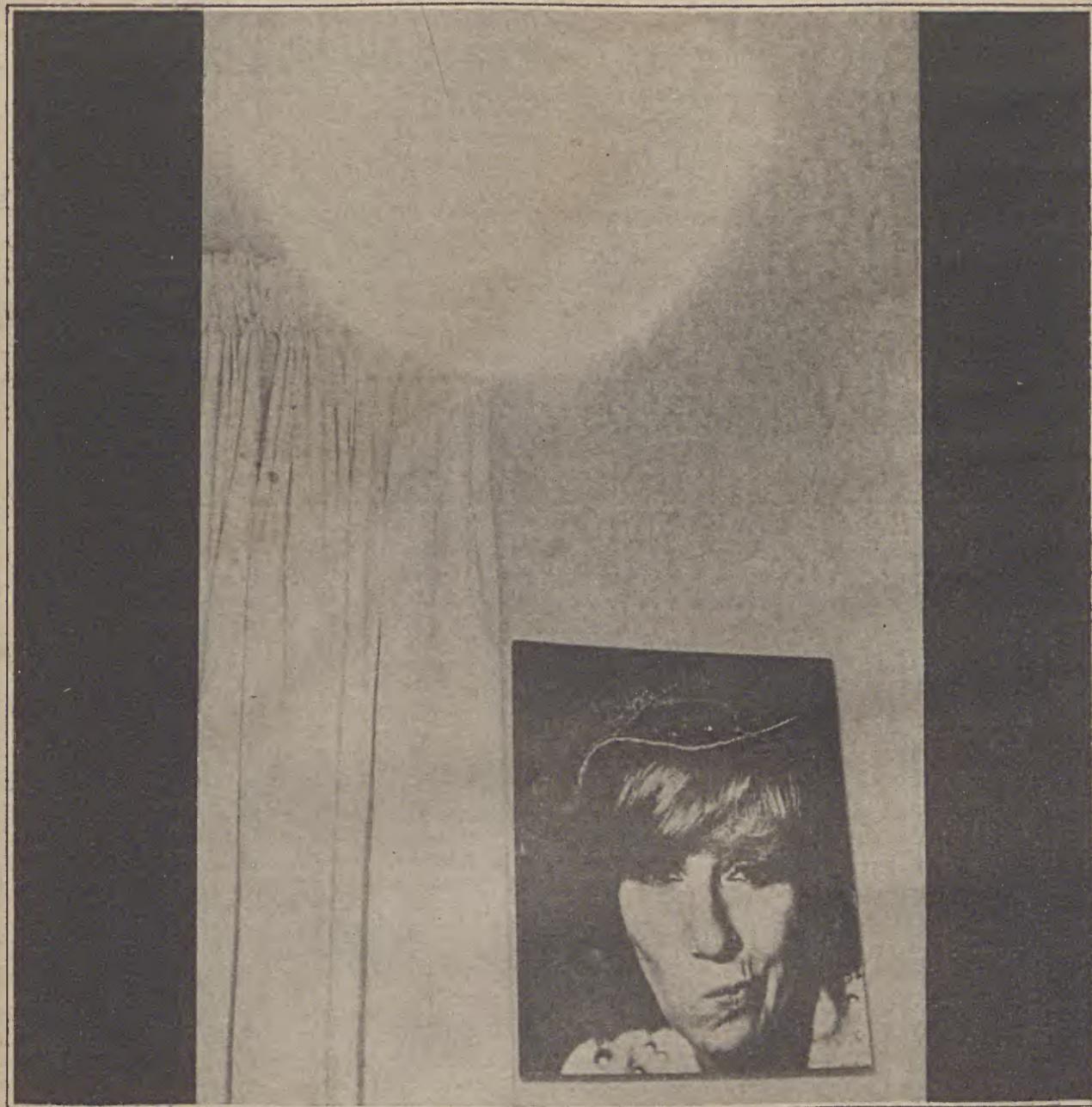
Mudou: não se usa mais caveira como bola. Mas o jogo ainda é de morte. O cronista do tobogã tem acompanhado o Curingão em sua maratona de amistosos. Acompanha com carinho, pois entende que amistoso serve, no mínimo, para armar e afinar a equipe, dando-lhe estrutura e harmonia. Com os amistosos o Curingão também vai buscar dinheiro, pois onde o timão comparece o povo das galeras prestigia. E é mil vezes mais emocionante ver o Curingão no campo, mesmo que fosse de muletas e perna engessada, do que ter de aguentar essa seleção nacional jogando com os gringos. Tenho um amigo que sofre de insônia: pois bastou assistir a meio tempo do jogo da seleção dita verde-amarela pra roncar feito um mouro.

Então o Curingão se defende, alegre o povo, e pega um tutu alto. Mas aí é que acontece o imponderável: em cada partida que o timão faz, pelo menos dois craques alvinegros vão pro estaleiro.

O que é que há? Falta preparo físico? Canela mole? Imprudência? Burrice?

O cronista do tobogã sempre ouviu dizer que o verdadeiro craque não entrega a perna, a não ser em último caso. Craque estourado é craque mal preparado. É bom ver isso, maestro Buzetto, e chamar os preparadores físicos pra uma conversa a sós.

Ou será que o pessoal está jogando com caveira no lugar da bola?



“Existem frestas de luz, como a Gota d'Água de Chico Buarque. A partir daí precisamos retomar uma dramaturgia brasileira.”



FANTÁSTICO

O SHOW DA VIDA

NESTE DOMINGO.
8 DA NOITE.
A CORES.



REDE GLOBO



PSICOTRANSA



Roberto Freire

"Quem não conhece a solidão sem mágoa não participa da festa"

Que cada um se antene enquanto é tempo

Acredito que apenas a solidão fornece a medida e o significado reais de minha pessoa e de meu corpo. Mas eu falo de uma solidão que eu mesmo procurei e construí, sem estar fugindo de nada e de ninguém, mas apenas me procurando, me encontrando e me desenvolvendo no que, de fato, não preciso de nada e de ninguém, somente de meu corpo e de minha pessoa. Refiro-me a uma necessidade de solidão assim como a necessidade de oxigênio e de sol. Claro que não estou descrevendo a carência de solidão, como a que sentimos de amor e de liberdade, por exemplo. Quero escrever sobre a solidão sem mágoa, que não é fruto nem do egoísmo, nem do medo e nem da dor, da sensação de abandono e de rejeição, resultado da fuga, do desterro, da perseguição e da morte de pessoas que amamos ou da morte de sentimentos que amamos nas pessoas. Repito: a solidão que fornece a medida e o significado de meu corpo e de minha pessoa é a solidão sem mágoa, um estar no mundo só com a gente mesmo por puro prazer, um jeito de viver que ninguém pode viver pelo outro, assim como ninguém pode nascer ou morrer por ninguém.

Mas não é fácil encontrar essa solidão de que falo. Foi Carlos Castaneda quem melhor definiu em "A Erva do Diabo" uma coisa que todo mundo já sentiu: onde quer que a gente esteja, existe um ponto (um sítio), apenas um ponto dentro desse espaço onde nos sentimos realmente bem, onde somos nós mesmos mais completamente, onde podemos melhor assumir nossos potenciais criativos para o amor e para o trabalho, onde somos mais lúcidos e mais saudáveis, onde, por isso tudo mesmo podemos mais claramente compreender e nos relacionar com o mundo e com as outras pessoas. E nesse ponto estamos absolutamente sós, porque cabe apenas uma pessoa em cada sítio de que fala Castaneda, assim como eu acredito que cada pessoa é original e única no universo e disso só toma conhecimento quem consegue viver sadiamente sua solidão.

Mas assim como existe um ponto certo para nos localizarmos no espaço a fim de que possamos fruir os poderes e prazeres de nossa solidão sem mágoa, há também que considerar a outra dimensão da existência: o tempo. Quero dizer que não é possível e nem necessário viver-se em completa e permanente solidão. Assim como existe um espaço certo,

existe também um tempo exato tanto para o **quando** como para o **quanto** precisamos de solidão. Um treinamento adequado acaba por nos ensinar quando devemos procurar estar sós e por quanto tempo necessitamos permanecer sós para fruir todas as possibilidades criativas e renovadoras de nossa existência. E, para cada pessoa, a cada instante e circunstância de sua vida, o **quando** e o **quanto** se impõem por eles mesmos. Mas só podemos percebê-los se estamos vivendo mais atentos à satisfação de nossas reais necessidades como pessoas do que à realização de nossas possibilidades ideais como entidades sociais despersonalizadas.

É nessa distinção, entre satisfazer necessidades reais e realizar possibilidades ideais, que chegamos ao que é mais difícil de conseguir para atingirmos a solidão sem mágoa: a conscientização plena de nosso corpo e pessoa no instante que vivemos, a cada momento do presente de nossa vida. A língua inglesa possui uma palavra melhor do que conscientização para exprimir esse estado: awareness. Ela significa estar alerta, desperto, de prontidão, conscio de tudo o que se passa em nosso mundo interior, em nosso corpo, no mundo exterior e nas relações entre eles. Fritz Perls, o criador da terapia gestáltica, afirmou que um dia se vai descobrir que o awareness é a terceira dimensão da existência, além do espaço e do tempo. Bem, pois seria através da conscientização (do awareness) que poderíamos nos preparar para descobrir o **onde**, o **quando** e o **quanto** da solidão sem mágoa, isto é, o **como** nos sensibilizarmos e nos sensorializarmos para fruí-la correta e completamente.

Hoje existe uma expressão que define bem esse estado: estar antenado. O bruxo Fritz ensinou muitas maneiras de se conseguir estar antenado sem que seja necessária a utilização de mecanismos espiritualistas e religiosos ou através de drogas. Mas cada um se antene como pode ou merece, mas que se antene enquanto é tempo. Sim, porque quem não conhece a solidão sem mágoa, não vai poder participar da festa que a juventude do mundo está preparando para quando o Carnaval chegar. Eu, que não sou bobó, já descobri as montanhas e o rio de Visconde de Mauá e estou me antenando como os bruxos Fritz e Castaneda ensinaram, para o que está dando e já veio, para o que der e vier, quando o Carnaval chegar.

TEATRO

Quem se lembra de quando deixou de ser criança?

Enfim uma peça que comunica a vida: Hein?

Sem dúvida, as vedetes do II Festival Internacional do teatro foram a Espanha (com a criação coletiva do grupo Els Jograls) e a França (Yves Lebreton com Hein? ou As Aventuras do Sr. Balão). Os dois serviram para sedimentar a certeza de que o teatro tradicional e grande parte dos textos contemporâneos são insuficientes para servir como meio de comunicação nos tempos que correm.

Um mímico extraordinário, Yves Lebreton, consegue através de sua pantomima criar um mundo de possibilidades para nós, ilustres personalidades estratificadas no óbvio cotidiano. Com uma técnica e agilidade maravilhosas, ele nos leva a deixar brotar, sem restrições, uma imensa riqueza que jaz dentro de cada um de nós. Quando a última vez que rimos e nos deslumbramos com um espetáculo, sem o fantasma da crítica desconfiada e azeda nos rodando? Quando ficamos decepcionados porque o espetáculo acabou? Certamente nos lembramos de uma experiência assim há muitos anos atrás, talvez quando ainda éramos crianças.

Num palco sem nenhum recurso cenográfico, espalhados por ali alguns objetos — uma mala, uma raquete de tênis, um balde, um guarda-chuva velho, uma cadeira e um carrinho de bebê — o mágico Yves reanima essa traquitanda toda e faz com que o mundo se reanime e se transforme em mil e uma possibilidades.

Descendo por uma mangueira de água, o mímico nos surpreende com uma entrada no palco absolutamente irreverente e inusitada. E a gente penetra com ele num mundo onde cada gesto, cada movimento é imensamente rico e significativo, onde as "mensagens" são mensagens de vida, porque nós nos colocamos lá, junto dele. Não existe distância entre ator e platéia.

Vi a peça duas vezes: uma na estréia e outra quando levei duas crianças. E de cada vez tive uma experiência simplesmente deliciosa. À noite, o espetáculo foi recebido com uma simpatia que aos poucos se transformava em participação íntima e criativa. E no domingo, às seis horas, a criançada já de cara subiu ao palco e contribuiu para o desenrolar da peça. Yves Lebreton jogou tênis, aprendeu todas as possibilidades que uma cadeira pode oferecer, mudou todos os objetos de lugares e tirou de dentro da mala um monte de jornais. Leu, rasgou, vestiu alguns espectadores com eles e jogou braçadas de papel impresso na platéia, sempre cercado da garotada, que devolvia tudo pro palco e findou indo lá pra cima. Comunicação é isso! O resto é uma imensa perda de tempo e energia.



Ponto alto, a guerra de papel com o público.



Hella Schwartzkopff

CINEMA

"Desta vez, ou o cinema nacional melhora, ou..."

Na enxurrada de mediocridade, só faltava Silvio Santos

Dizem que depois de julho os cinemas terão 180 dias de obrigatoriedade de filme brasileiro. Pois é, desta vez ou o cinema nacional melhora, ou vai tudo mesmo para a cucuia. É muito sintomático que Silvio Santos tenha decidido estreiar na produção cinematográfica com uma porno-chanchada — "Ninguém Segura Essas Mulheres" — e que sua falta de "know-how" específico, se revele num traile ruim (afinal, os trailers costumam ser as melhores coisas das pornochanchadas) e anúncios errados (porque contam o final).

O filme vai ser certamente um sucesso por causa de sua máquina promocional. Aliás todos os filmes nacionais estão vivendo no momento dos anúncios da Globo. É a moda e a solução, pelo menos até que quegue à saturação e ninguém aguente mais chamadas de filme nacional na tevê.

Porque dos quatro filmes nacionais em cartazes nesses dias — "O Desejo" de Walter Hugo Khouri, "O Rei da Noite" de Hector Babenco, "O Casamento" de Arnaldo Jabor e "Lição de Amor", de Eduardo Scorel, nenhum é inteiramente satisfatório.

É verdade que "O Desejo" é o melhor filme de Khouri desde o tempo de "Corpo Ardente" e "As Amoras". Ele vinha mostrando uma tendência de se perder em elocubrações vazias. Desta vez, as pessoas ainda olham muito, custam a falar (ou falam demais) mas a fotografia é excelente, a direção de atores exemplar (onde encontrar três belas mulheres como Lillian Lemmertz, Selma Egrei e Kate Hansen senão num filme de Khouri?) e o resultado é um filme pessoal, uma verdadeira "vie privée" — consciente ou inconsciente? — do autor. É claro que é preciso desculparmos também bobagens como o título — que desejo é esse? — e a sequência do sonho com o Sérgio Hingst, que não faz o menor sentido.

Lillian Lemmertz também está na "Lição de Amor", boa atriz como sempre. O defeito é mesmo da direção de Scorel. Ele fez um filme frio, passivo, desinteressado, que não sabe nem mesmo colocar direito a problemática que afirma ser a mais importante: a violentação da personalidade do menino em nome da educação. Embora bem cuidado, não se sente nem a época, nem o local — São Paulo dos anos 20 — mas o verdadeiro crime é ter colocado o garoto Marcos Taquechel no papel central. Ele sozinho consegue estragar essa lição.

"O Rei da Noite" do argentino Babenco é um filme desigual. Muitos pontos baixos, alguns bons momentos. Não tem ponto de vista, esquece de um personagem central — a namorada de adolescência — que motivou toda a história, não se decide pela farsa ou pelo melodrama (como deveria ser um verdadeiro tango!). Mesmo o elenco é irregular: tem uma Vic Millitelo exagerada e sem medida, para compensar Marília Pera, pela primeira vez funcionando no cinema (ela tem dois grandes instantes: a briga em que diz "bate" e a cena de amor grávida).

Falta falar no "Casamento". Desta vez Jabor não teve a música de Piazzola para lhe dar o mesmo clima de "Toda Nudez será Castigada". O espectador não sabe se ri ou se chora, cada ator está num diapasão diferente e a tragicomédia carioca resulta confusa. Só dois momentos dão idéia do que o filme deveria ser: o enterro com Fregolente se lamentando e Mara Rúbia ignorando a acusação de incesto da filha. O estranho é que este filme carioca que o "Variety" chamou de "sátira frequentemente eficiente" foi mal de bilheteria em São Paulo. Mas certamente vai ser um sucesso. "A Ilha das Cangaceiras Virgens" (estréia de hoje no Windsor). Com um título desses, não vai haver deocupado que resista. R.E.F. (interino)



Pola Vartuck

TELEVISÃO

O plano revolucionário de um francês e a Rede Globo

Última notícia: capítulos de telenovela nos cinemas

● Sabem qual foi o maior sucesso da tevê americana na temporada de 75-76? Pois não houve novidade nenhuma. Segundo a pesquisa do Ibope de lá (chamado Nielsen), a série mais vista continuou a ser "All In the Family" da CBS (com média de 30.2), a mesma que a Globo tentou imitar sem êxito aqui como "A Grande Família".

● Entre os dez mais vêm a seguir: "Laverne e Shirley", "Rich Man, Poor Man", "Maude", "Bionic Woman", "Phyllis" (em cartaz na Globo), "Cyborg", "Sanford & Son" e "Rhoda" (também no horário vespertino da Globo). Como se vê, o de sempre: comédias familiares e aventuras.

● Ainda bem colocados continuam os nossos conhecidos "Mash" (12º), "Os Waltons" (14º), "Kojak" (18º), "Mary Tyler Moore" (18º), "São Francisco Urgente" (28º), "Police Woman" (30º), "Arquivo Confidencial" (32º). Em compensação, nesta próxima temporada que começa em setembro, vão ser cancelados "Cannon", "Marcus Welby", "Harry O", "Bronk", "O Homem Invisível", "Doctors Hospital" e "Medical Story" ("Caso Médico" na Globo).

● O maior fenômeno foi mesmo "Rich Man, Poor Man", um longa-metragem que foi dividido em 10 episódios, versão do best-seller, "Pobre Homem Rico" de Irving Shaw e que foi apresentado em duas noites consecutivas e depois um pedaço por semana durante 5 semanas. A repercussão foi tanta, que a Universal está planejando transformá-lo em série semanal. Só que ainda não descobriu como.

● "A série "Bronk" deveria ser lançada na próxima semana pela Bandeirantes, substituindo "Os Amores de Napoleão". Acontece que a série trata das aventuras de um personagem — interpretado por Jack Palance — que é especializado em investigar corrupção administrativa. Com um assunto tão sério assim, a censura que normalmente libera a série assistindo apenas a um episódio, quis ver mais alguns, para eliminar dúvidas. Um sinal de que esta é uma série que promete!

● Falando sobre a rápida carreira de um astro de série de tevê, a revista americana "Esquire" aponta sete verdades sobre o assunto: 1) Todo mundo que faz tevê preferia estar trabalhando no cinema 2) Há mais atores do que papéis. 3) A tevê precisa de atores como a baleia azul necessita de "plankton". 4) Uma série bem sucedida transforma seu protagonista num astro. 5) Ser astro significa manter as aparências e continuar em papéis principais, se não o dinheiro vai diminuir. 6) O público gosta que o astro de uma série seja sempre o mesmo. Até que se cansa da série. Então querem um novo astro. 7) Um astro que consegue uma nova série geralmente faz uma variação do seu papel anterior. Só o cenário muda.

● Semana passada reclamávamos dos "tv-movies" que nunca levam as coisas até o fim. E a Globo passou, na segunda retrasada, um bom filme que confirma tudo isso: "Larry", a história de um rapaz que foi criado como retardado por engano e as dificuldades dos médicos para recuperá-lo para a sociedade. Tudo preciso, bem feito, humano e honesto. Só que no fim, uma voz negou tudo afirmando: "um caso como este de Larry não poderia acontecer hoje em dia, quando os médicos têm métodos melhores para determinar se uma criança é retardada". Parece coisa de "Um Estranho no Ninho"! Ou apenas medo de comprar briga com as associações médicas?

● Já ouviram falar no novo plano da Globo? É uma coisa tão maluca que pode até funcionar: exibir os capítulos das suas novelas nos cinemas antes de colocá-las no ar. Um plano revolucionário do francês Albicocco, que inventou o "Cine-Club Meridien" e a Marie Laforet é que está por trás do acordo da Globo com a Gaumont francesa.



Rubens Ewald Fº

Incrível: a Lei da Relatividade, a Lei da Oferta e da Procura e a Lei do Inquilinato não têm o menor parentesco.



O CHACAL



PRÓXIMO LANÇAMENTO "GOMES DE ALMEIDA":
CARROS NA PLANTA.

O MACACO ESTÁ CERTO.

A FÓRMULA DA CORREÇÃO MONETÁRIA

$$V_t = 0,8 \cdot V_{t-1} \cdot \frac{P_{t-2} + P_{t-3} + P_{t-4}}{P_{t-3} + P_{t-4} + P_{t-5}} + 0,202343 \cdot V_{t-1}$$

sendo:

V_t → valor do ORTN fixado para o mês 't'

V_{t-1} → valor do ORTN correspondente ao mês anterior (t-1)

$P_{t-2}, P_{t-3}, P_{t-4}, P_{t-5}$ / os índices de preços relativos aos meses t-2, t-3, t-4 e t-5, respectivamente
Índice de Preços por Atacado Disponibilidade Interna expurgado de acidentalidades

O cálculo do índice de reajuste das ORTN levava em conta, até agora, a variação do Índice de Preços por Atacado da Fundação Getúlio Vargas no quarto, quinto e sexto meses anteriores, permitindo que o valor das ORTN fosse conhecido com dois meses de antecedência. A nova fórmula leva em conta a variação dos preços a partir de dois meses antes e introduz um "índice fixo", a critério do ministro da Fazenda (fixado para julho em 0,202343), o que impede a avaliação prévia dos novos valores das ORTN pelo mercado financeiro.

**DENUNCIADA A
PRESENÇA DE
CUBANOS EM
HAVANA.**

**SILVIO SANTOS
VINHA AI.**

**MEIA HORA PRA RESPON-
DER:**

A Liberdade é

- a) uma calça velha e desbotada
- b) um bairro amarelo
- c) uma estátua



**ELEIÇÕES PARA
VEREADOR SÃO UM PERIGO.
JÂNIO COMEÇOU ASSIM.**

**O dicionário
pelo menos explica:**

A relatividade é uma teoria física segundo a qual o tempo e o espaço são grandezas inter-relativas, não podendo, pois, ser consideradas independentemente uma da outra, e cuja idéia fundamental é estabelecer leis que sejam invariantes em relação ao sistema de referência, i. e., que assumam o mesmo aspecto em relação a qualquer referencial. (Aurélio, pág. 1.222, 1a. col.)



BREJNEV É AGENTE DE MOSCOU.

**NÃO ERA UM
MENTIROSO. É QUE
FALAVA DEMAIS,
A VERDADE ACABAVA
E ELE CONTINUAVA
FALANDO**

**ALASTRA-SE O
IMPERIALISMO
CEARENSE: A
MAGUARY FAZ
FUSÃO COM A
KIBON.**

**OS HOMENS
LUTAM PELA
PRIVATIZAÇÃO.
AS MULHERES SE
LIMITAM AOS
BIDÊS.**

**A PHILIP MORRIS
VAI LANÇAR
CIGARROS DE
PALHA COM FIL-
TRO.**

**NAS ELEIÇÕES
PORTUGUESAS O
VOTO NÃO SO É
SECRETO COMO É
PERIGOSAMENTE
CONTAGIOSO.**

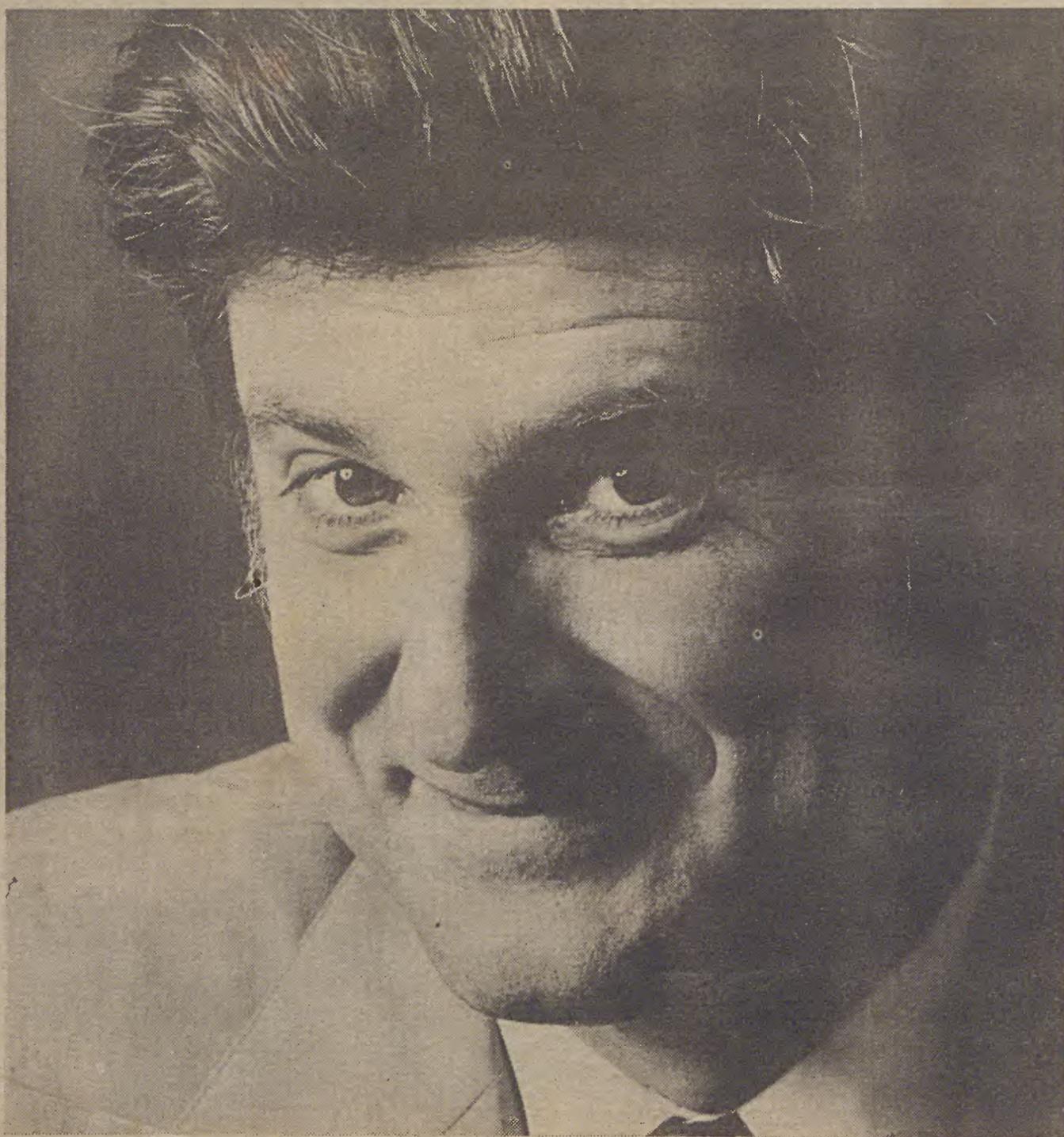
**MULTINACIONAL
VAI LANÇAR
DOCES DE COCO,
ABÓBORA,
LEITE E PÉS-DE-
MOLEQUE.**

**UEKI,
PAULINELLI E
REIS VELLOSO
PODEM NÃO
FAZER NADA
MAS COMO DÃO
ENTREVISTAS!...**

RESOLVIDO: MDB MOSTRA FOTOS NO RÁDIO E ARENA FALA NA TV.

PEGOU A RESTITUIÇÃO DO IMPOSTO DE RENDA E DEU-LHE UMA GRANDE APLICAÇÃO

Tinha dinheiro a receber e logo pensou em ganhar mais dinheiro - Pegou o cheque de restituição e aplicou inteirinho em sua Caderneta de Poupança - Para receber juros ou dividendos e correção monetária - E tem mais: isto vai reduzir seu Imposto de Renda, no ano que vem - E aumentará sua restituição, para ele aplicar ainda mais em sua Caderneta de Poupança.



**PARA SUA SEGURANÇA
CADERNETA DE POUPANÇA**

**Caderneta
de Poupança**

